

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

THOMAS WILLIAN PACHECO

**Cidades Corruptas: imaginário da criminalidade durante a Lei Seca (1919-1933)**  
**nas narrativas policiais de Dashiell Hammett**

São Paulo

2021

THOMAS WILLIAN PACHECO

**Cidades Corruptas: imaginário da criminalidade durante a Lei Seca (1919-1933)  
nas narrativas policiais de Dashiell Hammett**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Robert Sean Purdy

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P116c Pacheco, Thomas Willian  
Cidades Corruptas: imaginário da criminalidade durante a Lei Seca (1919-1933) nas narrativas policiais de Dashiell Hammett / Thomas Willian Pacheco; orientador Robert Sean Purdy - São Paulo, 2021.  
125 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Dashiell Hammett. 2. Romance Policial. 3. Estados Unidos. 4. História. 5. Lei Seca. I. Purdy, Robert Sean, orient. II. Título.

PACHECO, Thomas Willian. **Cidades Corruptas: imaginário da criminalidade durante a Lei Seca (1919-1933) nas narrativas policiais de Dashiell Hammett.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não seria possível sem a ajuda de pessoas muito queridas. A elas, meus agradecimentos.

Ao professor Robert Sean Purdy pela compreensão, paciência e precisa orientação. Foi muito receptivo ao meu tema. E diante desses tempos turbulentos, transpareceu uma tranquilidade pela qual consegui me direcionar e finalizar a dissertação.

Aos professores Júlio Pimentel e Henrique Carneiro pelas sugestões e críticas apropriadas na qualificação que iluminaram meu caminho. Ao primeiro, ainda, agradeço por ter, em suas aulas, me inserido no universo formidável da História e da Literatura. Ao segundo, agradeço, ainda, pela disciplina História Moderna I, mais precisamente no ano de 2010, pois por meio de suas aulas um grupo se formou, este que vem a seguir.

Ao Pico della Mirandola Futebol Clube, criado para praticarmos nosso talento futebolístico às quintas-feiras, invariavelmente, às 15:30. E discutirmos sobre todos os assuntos possíveis após a peleja. Tantos anos já se passaram, muitos de nós não moramos mais na mesma cidade, outros tantos constituíram famílias e mesmo assim nós arrumamos um tempo para nos ver. Todo ano. Alec Ito, Diego Ribeiro, Luiz Torres, Marcos Medeiros, Matheus Treuk, Renato Boy, Rodolpho Rabello, Rodrigo Cândido, Sidney Miotti, Thiago Kater, Victor Abdala e Vinícius Arantes a todos vocês agradeço por fazerem parte da minha vida. Senhores, olhem ao seu redor!

Aos meus pais, seu Geraldo e d. Neuza, por terem uma contribuição essencial à pessoa que sou. O esforço de vocês possibilitou o meu estudo e serei eternamente grato a vocês!

Aos meus amigos da jogatina Jean, Priscila, Ramiro, Drauzio, Júlio, Pedro, Danilo, Max, Stella, Uriel Ramon, Hejoyce, Thiago e Suelen, em tardes que renderam tanto que acabaram nas madrugadas dos dias seguintes, agradeço pelas conversas e muitos momentos de divertimento.

Finalmente, ela. A quem meus olhos cansados encontraram conforto e apoio. A quem diante de nossas risadas e das conversas sobre qualquer assunto, me devolvia à banalidade agradável dos dias. Obtinha alívio da pesquisa para logo em seguida uma cobrança dela me devolver o foco. Nesses anos de companheirismo e de amor, a essa

etapa concretizada, em meio a tantas outras que teremos, te agradeço, Patrícia Doroteia de Resende!

*you have cast enough light  
to make my thought  
visible again.*

Louise Glück

## RESUMO

PACHECO, Thomas Willian. **Cidades Corruptas: imaginário da criminalidade durante a Lei Seca (1919-1933) nas narrativas policiais de Dashiell Hammett.** 2021. 125f. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2021.

O objetivo dessa pesquisa é, através de um diálogo entre História e Literatura, analisar como a narrativa policial estadunidense, denominada *hard-boiled*, retratou a criminalidade nas cidades da costa oeste na década de 1920, durante a vigência da Lei Seca. Para esta dissertação, serão analisados seis contos do escritor Dashiell Hammett publicados na revista especializada em literatura policial: *Black Mask*.

Este escritor buscou dotar a atividade de investigação do detetive com maior realismo, separando seus personagens dos detetives cerebrais criados por Athur Conan Doyle e Agatha Christie. Associado a uma agência de detetives, o agente privado era profissional e por isso entrelaçava seu trabalho à quantia que receberia com a solução dos casos. Além disso, ele tinha um comportamento duro e violento. O que fazia com que os casos, parcialmente solucionados, fossem reflexos de uma sociedade irracionalmente violenta e corrupta.

Através da análise desses contos, permitiu elucidar a percepção que Hammett que tinha da sociedade estadunidense. Ou a que ele colocou em seus personagens. Assim, esta tese foi organizada levando-se em conta a constituição dele como escritor baseada em suas vivências como detetive da Agência Pinkerton e como elas lhe deram subsídios para renovar as histórias de detetive. As cidades, tanto reais quanto ficcionais, também se configuram como personagens da narrativa policial, sendo indutoras da criminalidade. Além de expor, através da violência excessiva, as ambiguidades da sociedade burguesa e o fetiche do capital. Tudo isso potencializado pela moralidade imposta pela Lei Seca que fez com que surgisse comportamentos desviantes entre os jovens e as mulheres. O *hard-boiled*, através do detetive, tornou-se o cronista desse submundo.

**Palavras-chave:** Dashiell Hammett; romance policial; Estados Unidos; História; Lei Seca

## ABSTRACT

PACHECO, Thomas Willian. **Corrupt Cities: imagery of criminality during Prohibition (1919-1933) in Dashiell Hammett's police narratives.** 2021. 125f. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2021.

The objective of this research is, through a dialogue between History and Literature, to analyze how the American police narrative, called hard-boiled, portrayed crime in the cities of the west coast in the 1920s, during the Prohibition Law. For this dissertation, will be analyzed six stories by the writer Dashiell Hammett published in the magazine specialized in police literature: *Black Mask*.

This writer sought to endow the investigative activity of the detective with greater realism, separating his characters from the brain detectives created by Athur Conan Doyle and Agatha Christie. Associated with a detective agency, the private agent was a professional and for that reason he linked his work to the amount he would receive with the solution of the cases. In addition, he behaved harshly and violently. Which meant that the cases, partially solved, were reflections of an irrationally violent and corrupt society.

Through the analysis of these tales, it allowed to elucidate Hammett's perception of American society. Or the one he put in his characters. Thus, this thesis was organized taking into account his constitution as a writer based on his experiences as a detective at the Pinkerton Agency and how they gave him subsidies to renew the detective stories. Cities, both real and fictional, are also characters in the police narrative, inducing crime. In addition to exposing, through excessive violence, the ambiguities of bourgeois society and the fetish of capital. All of this was enhanced by the morality imposed by the Prohibition that caused deviant behaviors to arise among young people and women. The hard-boiled, through the detective, became the chronicler of this underworld.

**Keywords:** Dashiell Hammett; United States; police novel; History; Prohibition

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
O surgimento do romance policial.....	11
A concepção da Lei Seca .....	15
Ficção e História .....	18
1 – DASHIELL HAMMETT E A CONSTRUÇÃO DO DETETIVE VIOLENTO.....	25
Hammett, detetive e escritor.....	25
Fascínio do crime nas revistas literárias.....	32
<i>Hard-boiled</i> : formação do detetive duro .....	34
2 – REPRESENTAÇÃO DA CRIMINALIDADE NAS CIDADES CORRUPIDAS ....	54
Metrópoles, multidão e crimes: novas sensibilidades.....	54
Fetichismo do dinheiro no <i>hard-boiled</i> .....	56
Controle e vivência nas cidades: atração literária .....	60
Detetive, o leitor da cidade.....	63
Lei Seca, combate ao vício e criminalização do outro .....	68
Suspeição do imigrante.....	73
Bares clandestinos: corrupção, crime organizado e sociabilidade .....	83
3 - AS MULHERES NO <i>HARD-BOILED</i> .....	93
Apoio das mulheres à criação da Lei Seca.....	93
Ambiguidade das mulheres no <i>hard-boiled</i> .....	94
Busca pela liberdade feminina e rebeldia dos jovens.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
ANEXO .....	118
BIBLIOGRAFIA .....	121

## INTRODUÇÃO

### O surgimento do romance policial

O escritor norte-americano Edgar Allan Poe foi considerado o criador da narrativa policial. Ao criar histórias nas quais havia o uso da razão para solucionar mistérios, ele, na verdade, inventou não os jogos de investigação e sim o leitor, pois este era condicionado a ler as histórias policiais de forma diferente, acompanhando o detetive. Assim sendo, a formação de um novo gênero literário se relacionou à invenção do leitor e à forma de circulação dessas histórias. Cabendo, portanto, a Poe o pioneirismo nesse novo universo literário.

No entanto, a origem dessa narrativa aconteceu a partir do século XVIII com as narrativas folhetinescas de acontecimentos reais, cotidianos, como os relatos de crimes. Relatos estes que influenciaram o imaginário literário do século XIX, embora não havendo uma passagem nítida desses relatos para as narrativas policiais, tampouco uma exclusão. Destacando que houve uma forma de presenciar e narrar os eventos criminosos que se popularizaram pela sociedade. Tarefa que, mais uma vez, mostrou a inventividade de Poe. Mas, para tanto, além do fator comum que a divulgação dos crimes acarretava, surgindo, dessa forma, o fascínio que atraiu a população para essas formas de narrativas, houve o espaço de convivência para que tais eventos pudessem ocorrer: as cidades.

A partir da Revolução Industrial, as cidades passaram por muitas transformações urbanísticas e populacionais para receber um contingente cada vez maior de trabalhadores que abandonavam o meio rural. Símbolos dessas mudanças surgiram e um deles foi a rua, como espaço privilegiado, geradora do frenesi urbano, da vertigem do caminhar, em multidões, para o trabalho. E que ainda alternou a convivência antiga com a nova, pois, as vias, anteriormente, carregavam uma presença festiva como representação de se conviver nelas. Presença esta como sinal de oposição a nova lógica disciplinar e moralista do trabalho. Dessa forma, no começo do século XIX, as cidades se mostraram através da mistura, mas com uma imposição da cidade burguesa à cidade viciosa dos trabalhadores. Para condicionar uma disciplina burguesa, as cidades eram retratadas como um lugar onde os vícios prevaleciam sobre as virtudes. Buscando uma organização das pessoas para modificar o ambiente urbano, surgiram formas de controlar as cidades desenfreadas através do redesenho urbano e da moralização dos moradores, homogeneizando o tecido social. Gerou-se, assim, um discurso moralizador e higienista como transitório ao tratar a

cidade como local de passagem, local prioritário de trabalho e produção, concebendo-a como um organismo funcional.

O crime surgiu, assim, na diferenciação entre a cidade funcional e a festiva. A nova cidade foi um ambiente de choques sensitivos (visão, audição, olfato)<sup>1</sup> através dos quais se exigia uma reaprendizagem, uma reeducação dos sentidos, para gerar novas experiências urbanas, que era paralela à despersonalização na figura da multidão. Pois, o crime, neste universo, dependia do anonimato, da impessoalização, e através da multidão ele passava despercebido. Ao haver o crime, havia também o sujeito que, para justificar a sua inserção na multidão, tornava-se um detetive.

O conto *O homem da multidão*<sup>2</sup>, escrito por Poe em 1840, foi uma radiografia do romance policial, pois a atmosfera urbana de Londres era carregada de expectativa, a multidão funcionou como refúgio do individualismo, como chamariz ao crime. Essa tensão provocada pela metrópole gerou inquietação na qual o narrador, tornando-se detetive, com o olhar reeducado pela experiência urbana e ampliado pela lente, o vidro do café, identificou o velho na multidão como o demônio; dessa forma, o estranho era concebido como assustador, o diferente era demonizado e o investigador se igualava ao velho, fazendo com que o contraste embutisse um movimento de identificação entre criminoso e detetive. Essa identificação possibilitou ao detetive a solução do mistério uma vez que a ideia de razão e investigação (sendo esta, através de procedimentos policiais, associada à concepção de ciência compatível com o século XIX, como o positivismo e o darwinismo social)<sup>3</sup> se pareciam com jogos por meio dos quais havia o embate entre a razão que criava e a razão que decifrava, além de estabelecer um efeito de verossimilhança que atraía o leitor para o universo narrativo ao acompanhar o desenlace da investigação. O detetive, então, mostrou-se um analista infalível e amador em uma realidade de um mundo caótico que invadia a vida privada, através da qual a metrópole

---

<sup>1</sup> Para Georg Simmel, a metrópole extrai do homem uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai gerando uma intensificação dos estímulos nervosos e uma predominância da inteligência. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. IN: VELHO, Otavio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>2</sup> POE, Edgar Allan. *Contos*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 131-139.

<sup>3</sup> Com relação ao surgimento da frenologia e o estudo e identificação de supostos criminosos através da medição de crânios consultar os trabalhos de GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003; DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

estava na tensão que se produzia nos personagens por meio do ambiente misterioso da história.<sup>4</sup>

No livro de poemas de Charles Baudelaire<sup>5</sup>, *Flores do Mal*, escrito em 1857, havia o reconhecimento da complexidade da cidade, encontrando-se três elementos de um romance policial, segundo Benjamin: a morte, a multidão e o assassino.<sup>6</sup> A morte estava associada a uma aura de mistério, a um espaço de interpretação e a uma construção de uma cena, sendo nada deliberado, como no poema *A uma passante*, no qual os ruídos e a multidão prefiguravam um crime do qual não há uma menção. No qual o *flâneur*, personagem que caminhava pela cidade e investigava através do olhar, destacando a reaprendizagem dos sentidos ao encontrar no olhar da mulher um envolvimento que gerou conforto e frenesi ao mesmo tempo. Sentimento dúbio característico, uma vez mais, da vertigem de se viver na cidade. Evidenciando a complexidade urbana, pois a cidade burguesa e a cidade viciosa não eram separadas. Essa complexidade era maior que os esforços de racionalização e moralização executados pelos urbanistas, através da crença de que a razão se impunha à realidade, como as transformações urbanísticas realizadas por Hausmann na Paris da segunda metade do século XIX, prefigurando um modelo de metrópole, induzido pelo capital, que seria seguido amplamente pelas reestruturações urbanísticas mundo afora e que permitiria, também, modificar as narrativas policiais.<sup>7</sup>

A representação literária do universo urbano no começo do século XX, mais precisamente na década de 20 nos Estados Unidos, por meio da narrativa policial será o tema delimitado para esta dissertação. Tal escolha se deu pelo fato de que nessa época escritores como Ernest Hemingway, Dashiell Hammett e Raymond Chandler recriaram as histórias policiais, denominadas *hard-boiled*, dotando-as de maior realismo e violência. Para tanto adotaram novas formas de narrar que fariam parte, desde então, da matriz estadunidense da narrativa policial. O deslocamento central da narrativa do detetive para os assassinos, no conto de Hemingway, *The Killers*, escrito em 1927, um

---

<sup>4</sup> A metrópole como ambiente potencializador de tensões através da organização industrial, estimuladora de maior competitividade e de individualidade, e da organização moral que dita comportamentos além de regular as relações sociais e o controle social por meio da segregação nos bairros, foi abordada por PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. IN: VELHO, Otavio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

<sup>5</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

<sup>6</sup> Para as novas experiências de se viver na cidade, particularmente Paris, e os seus novos personagens consultar BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

<sup>7</sup> Sobre as transformações urbanísticas de Haussmann e a mercantilização da vida na cidade, consultar HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

precursor dessa nova perspectiva.<sup>8</sup> Pois nele havia, através de diálogos, a história de um crime encomendado, prefigurando uma realidade materialista, destacando o papel do dinheiro na sociedade. Além do fato de haver dois assassinos como protagonistas do conto havia também a descrição de personagens que representavam quadros constituídos da sociedade: o negro cozinheiro da lanchonete, o menino balconista que no decorrer da história passou da infância para a vida adulta ao ser refém e, posteriormente, ser uma possível testemunha de um crime.

Esse deslocamento narrativo fez com que, sobre essas histórias, houvesse um reconhecimento maior de uma ação direta de intervenção na sociedade. O que reforçou essa ideia foi a figura dos detetives profissionais, muitos ligados às agências de detetives, que investigavam crimes não pelo desafio prazeroso de se solucionar um enigma e sim por meio de uma soma, em dinheiro, a ser paga pelo contratante, não importando, inicialmente, a procedência dos valores nem, tampouco, o histórico criminal das pessoas. O detetive convivia em uma fronteira muito tênue com a criminalidade, infringindo leis de trânsito, negociando vantagens, subornos, recompensas tanto com os criminosos quanto com os agentes da lei, escondendo informações dos policiais e os enfrentando fisicamente e consumindo bebidas e drogas em um período como o da Lei Seca. Dessa forma, gerou-se um efeito maior de verossimilhança, aproximando os leitores dos detetives.<sup>9</sup>

Nesse ínterim havia o papel das cidades. Nos *hard-boiled*, principalmente na escrita de Dashiell Hammett, elas foram descritas como um personagem da história, pois, nos relatos, sua constituição estava relacionada ao acobertamento de uma maior gama de crimes: assassinatos, sequestros, corrupção, extorsão, desvio de verbas, forjamento de apólices para fraudar seguros, criação de corporações de fachada para vender ações e captar créditos, contrabando de bebidas, agiotagem e jogos de azar. Esse demonstra, mais uma vez, o papel central do dinheiro e das relações capitalistas em um panorama da época do liberalismo econômico desregulamentado pós-Primeira Guerra Mundial que desembocaria, em um contexto amplo, na quebra da Bolsa de valores de Nova York, em 1929. Portanto, a cidade se constituiu como personagem, reconfigurando a urbanidade, e como objeto de disputa e controle de grupos criminosos rivais, recuperando matrizes do

---

<sup>8</sup> HEMINGWAY, Ernest. *Contos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

<sup>9</sup> HAINING, Peter. *The Classic Era of American Pulp Magazines*. Chicago: Chicago Review Press, 2001, p. 58 - 60.

faroeste norte-americano, no qual a cidade era retratada como terra de ninguém, um ambiente selvagem para ser conquistado e civilizado.

Baseado na delimitação temática a hipótese levantada foi a de que as relações capitalistas moldaram a forma como o dinheiro legislava a moral e apoiava a lei, sendo a única “razão” destes relatos onde tudo se paga, segundo Ricardo Piglia.<sup>10</sup> Assim, as cidades, como locais nos quais os crimes ocorriam e podiam ser acobertados, ditaram novas convivências e experiências que foram descritos nos romances policiais. Portanto, os *hard-boiled*, amparados na verossimilhança que fascinou os leitores e que criou uma relação de cumplicidade destes para com os detetives, podiam ser caracterizados como diagnósticos de uma sociedade corrupta, pautada, no seu contexto histórico, pela Lei Seca.

O objetivo dessa dissertação, dessa forma, será investigar, através do diálogo entre a literatura e a história e da análise das narrativas policiais, das cartas e das biografias de Dashiell Hammett, como foram concebidas vivências cidadinas em um contexto histórico específico, os anos 20 nos Estados Unidos. Para tanto será de fundamental importância a reconstituição histórica e literária da criação das cidades modernas no século XIX, que permitiram o surgimento de crimes ligados ao capital e todo o seu desdobramento relacionado à manutenção da lei através da figura, mesmo que enviesada, do detetive nos romances policiais.

### **A concepção da Lei Seca**

A origem da temperança, que buscava combater as bebidas alcoólicas e criar uma sociedade sóbria e produtiva, remontou à metade do século XIX através de uma moralidade religiosa (majoritariamente protestante e branca) que provinha de um senso de ordem e de estruturação pública, na ausência do poder estatal, das comunidades. Coesão religiosa esta que ligava o consumo de bebidas alcoólicas com a ideia de tentação e pecado, inculcando nas comunidades um exemplo de moralidade a ser seguido, como observa Lisa McGirr.<sup>11</sup> Nesse contexto, surgiram as primeiras organizações de

---

<sup>10</sup> PIGLIA, Ricardo. “Sobre o romance policial”. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 80.

<sup>11</sup> MCGIRR, Lisa. *The war on alcohol – Prohibition and the rise of the american state*. W. W. Norton & Company: New York, 2016, p. 7.

trabalhadores contra as bebidas alcoólicas, principalmente nos estados do norte e do leste, pois, “artesãos e líderes sindicais dos *Baltimore Washingtonians* aos *Knights of Labor* de *Terence Powderly* abraçaram a temperança como um meio de salvaguardar o republicanismo trabalhista independente.”<sup>12</sup> Realçou que o desejo de proibição das bebidas alcoólicas não era apenas um clamor da classe média.

Para Clark, a proibição significou, ao povo estadunidense, um movimento de força política e social enquanto esse povo desenvolvia uma mentalidade burguesa da qual geraria um relacionamento intrincado da temperança com um sistema de valores que poderia, algumas vezes, adaptar-se a um novo meio, mas, em outras, forçou as novas condições de vida a se envolver com a velha moralidade.<sup>13</sup> Essa mudança de consciência da classe média se relacionou a maior urbanização e industrialização pela qual os Estados Unidos estavam passando no final do século XIX e começo do XX que engendraria choque dos valores burgueses contra os antigos valores. Mesmo assim, as leis proibicionistas que surgiram no século XIX estavam relacionadas a uma forma de defender os valores familiares burgueses, acabando com o consumo público das bebidas, mas não o privado.<sup>14</sup>

Para Harry Levine, os movimentos em favor da sobriedade, no século XIX, eram apelos concernentes à classe média: “Protegendo a família, auxiliando no sucesso pessoal, reduzindo ou eliminando o crime e a pobreza.”<sup>15</sup> Ao entrar no século XX, com uma nova orientação baseada no desenvolvimento industrial e na estratificação de classe, a classe média foi persuadida a apoiar a proibição ao acreditar que o banimento do álcool eliminaria ou reduziria significativamente os problemas econômicos e sociais.

Este discurso proibicionista, apoiado pela classe média, uma fração de trabalhadores e principalmente pelas igrejas protestantes, tornou-se orientado, segundo McGirr, “não apenas em direção à autodisciplina e controle, mas a meios coercitivos de secar a nação”.<sup>16</sup> Para tanto contou com organizações de mulheres, sendo a *Woman’s Christian Temperance Union (WCTU)*, fundada em 1874, a mais importante delas, que

---

<sup>12</sup> “artisans, craftsmen, and labor leaders form the Baltimore Washingtonians to the Knights of Labor’s Terence Powderly embraced temperance as a means of safeguarding independent-labor Republicanism.” McGIRR, Lisa. *Ibidem.*, p. 8.

<sup>13</sup> CLARK, Norman H. *Deliver us from evil*. W.W. Norton & Company: New York. 1976, p. 108, p. 13.

<sup>14</sup> CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 39-44.

<sup>15</sup> “protecting the family, aiding personal success, reducing or eliminating crime and poverty” LEVINE, Harry G. “The birth of american alcohol control: prohibition, the power elite and the problem of lawlessness” In: *Contemporary drug problems*, Spring, 1985 p. 64.

<sup>16</sup> “not just toward self-discipline and control but to coercive means to dry up the nation.” McGIRR, *Ibidem*. p. 9.

pleitearam uma atuação feminina mais aguda pela proibição como forma de expansão da influência da mulher na esfera pública além de elemento chave na salvaguarda da família, protetora do bem-estar familiar e controladora do comportamento masculino. O papel de destaque das mulheres na campanha contra o álcool se juntou a suas lutas pelo direito ao voto e de formação educacional, sendo Elizabeth Tilton a principal líder pelos direitos civis das mulheres. Ela exortou as mulheres em Massachusetts a protestarem pelos seus direitos e, concomitantemente, pelo banimento do álcool do país.<sup>17</sup> Para William Deverell, no começo do século XX, os direitos cívicos das mulheres estiveram ligados ao amplo apoio à Lei Seca dos estados do oeste, pois, “vinculada a preocupações progressistas sobre a moralidade individual e da sociedade em geral e provavelmente ligada ao aumento da participação cívica ou eleitoral das mulheres no Ocidente, a proibição prevaleceu em vários estados ocidentais até o início dos anos 1910”.<sup>18</sup> Tanto era que muitos empresários de bebidas alcoólicas foram contra a concessão de direitos cívicos às mulheres alegando que a maioria delas apoiariam a emenda à Constituição que iria proibir produção, venda, transporte e posse de bebidas alcoólicas.<sup>19</sup>

Outra organização fundada em 1890 foi a *Anti-Saloon League* com o propósito de alterar a opinião pública através de campanhas voltadas para criar leis municipais e estaduais para proibir os *saloons*. Esses locais eram vistos como formadores de vagabundos e bêbados, além de, segundo a moralidade protestante, serem locais que estimulavam a prostituição. Havia, pois, segundo essa cultura judaico-cristã, uma relação entre consumo de bebidas alcólicas e perda de disciplina sexual.

O foco dos movimentos proibicionistas, além do próprio banimento do álcool, era o controle da classe trabalhadora, tratando os bares, nos quais o público alvo eram os trabalhadores, como inimigos aos homens e às mulheres “respeitáveis”. Segundo Harry Levine,

a campanha de proibição do século XX foi liderada por uma organização - a *Anti-Saloon League of America* - o protótipo da organização moderna de pressão política. A *Anti-Saloon League* pagou aos organizadores, apoiou candidatos de qualquer um dos partidos que votariam como desejassem e esboçou leis para serem aprovadas por seus legisladores.

---

<sup>17</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 26-27.

<sup>18</sup> “tied to progressive concerns about individual and society-wide morality, and probably linked to the increase in civic or electoral participation by women in the West, prohibition carried the day in a number of western states through the early 1910s.” DEVERELL, William. “Politics and twentieth century American West” IN: DEVERELL, William. *A Companion to American West*. Blackwell Publishing: Malden, 2004, p. 447.

<sup>19</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 27.

*A Anti-Saloon League* mobilizou com sucesso as igrejas protestantes e, mais significativamente, recebeu apoio substancial de empresários e especialmente da elite corporativa. Embora as grandes empresas apenas se voltassem fortemente para a proibição depois de 1913, sua intervenção fez uma diferença decisiva.<sup>20</sup>

Para Bryan D. Palmer, os bares eram estabelecimentos fundamentalmente masculinos até o começo do século XX, funcionando como escape às obrigações familiares.<sup>21</sup> Além de serem vistos como locais de desejo e perigo, possibilidade e problema, eles funcionavam como rede de sociabilidade, estabelecendo assistência aos imigrantes e aos trabalhadores, sendo perfeitamente adaptados às necessidades deles, operando, em muitas vezes, como correio, banco, escritório, restaurante e centro social de recreações. Por meio das tavernas, desse modo, estabelecia-se uma clara separação entre trabalho e vida, insistindo na sobriedade no ambiente de trabalho (compatível com a nova ordenança do capitalismo industrial do começo do século XX) e tornando o ato de beber confinado ao tempo do lazer.

## **Ficção e História**

A utilização de textos literários para análises históricas evidencia dois compromissos diferentes da literatura e da história mesmo sendo ambas formas narrativas. Segundo Michelly Cristina da Silva, o escritor não tem as mesmas obrigações que os historiadores com os eventos retratados em suas obras ficcionais. Enquanto o segundo almeja uma “verdade”, relativa, construída e sancionada por ele, informando aos seus leitores sobre os fatos do passado, o primeiro, através do entretenimento imaginativo, interpreta o mundo em suas tramas ficcionais.<sup>22</sup> Para Marcia Regina Capelari Naxara, a história bebeu nos recursos da narrativa literária, aproximando-se ora do rigor de

---

<sup>20</sup> the twentieth-century prohibition campaign was led by one organization – the Anti-Saloon League of America – the prototype of modern political pressure organization. The Anti-Saloon League had paid organizers, backed candidates of either party who would vote as they whised, and drafted laws for their legislators to pass. The Anti-Saloon League successfully mobilized Protestant churches and, most significantly, received substantial support from businessmen and especially from the corporate elite. Although big business only turned strongly to prohibition after about 1913, its intervention made a decisive difference. LEVINE, Harry G. *Ibidem*. p. 64.

<sup>21</sup> PALMER, Bryan D. *Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression*. New York: Monthly Review Press, 2000. p. 224-225.

<sup>22</sup> SILVA, Michelly Cristina da. *Um lugar chamado pesadelo, trauma e obsessão no Quarteto de Los Angeles, de James Ellroy*. Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História - USP - Universidade de São Paulo, 2020. p. 15.

verdade científica, ora do ensaio. Já a literatura alimentou-se da história para a composição do romance, em especial o histórico. Os dois campos possuindo a mesma preocupação: a compreensão dos homens na sua relação com a natureza e entre si.<sup>23</sup>

Uma quantidade considerável de romances, a partir do século XIX, enveredaram para a história ou para a historicização de paisagens e de personagens como grau de aferição de verossimilhança e de afirmação do indivíduo como ser histórico.<sup>24</sup> De acordo com a historiadora,

a verossimilhança aparecendo como um elemento que carrega em si a perspectiva de que o romance possa ensinar e provocar, tanto pela eficácia na transmissão de valores e visões de mundo que o tornam atraente com relação à educação ética e moral, como pela sedimentação dos ensinamentos por trabalhar com o que é interior aos homens, suas paixões e sentimentos.<sup>25</sup>

Segundo Hayden White, além da diferença entre o relato histórico e um relato ficcional do mundo ser formal, esses discursos são vistos como artefatos verbais indistinguíveis um dos outros, ambos desejando oferecer uma imagem verbal da “realidade”.<sup>26</sup> Por trabalharem com a linguagem, esses dois discursos a utilizam como forma de mediação entre a consciência e o mundo habitado pela consciência.<sup>27</sup> Dessa forma, colocou-se em questionamento da oposição gerada, no século XIX, entre história e ficção por meio da qual tornou-se convencional identificar a verdade com o fato e considerar a ficção com o oposto da verdade, um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la.<sup>28</sup>

Para o historiador, no entanto, o conhecimento do real pode ser equiparado ou comparado ao imaginável, pois os historiadores são dependentes de técnicas de linguagem figurativa tanto para caracterização dos objetos quanto para as estratégias de composição dos relatos narrativos. Para dar coerência ao relato histórico o historiador recorre à linguagem figurativa tanto quanto a ficção. Implica que

toda narrativa não é uma simplesmente um registro ‘do que aconteceu’ na transição de um estado de coisas para outro, mas uma

<sup>23</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Historiadores e texto literário*. IN: *História: Questões & debates*, n. 44. Curitiba: Editora UFPR, 2006. p. 38-39.

<sup>24</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Ibidem*. p. 40-45.

<sup>25</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Ibidem*. p. 46.

<sup>26</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2014. p. 138.

<sup>27</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 142.

<sup>28</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 139-140.

*redescricao* progressiva de conjuntos de eventos de maneira a dismantelar uma estrutura codificada num modo verbal no começo, a fim de justificar uma recodificação dele num outro modo no final.<sup>29</sup>

Na elaboração dessa narrativa o historiador tem um empenho, quanto ao elemento interpretativo, em preencher por especulação as lacunas do registro histórico. Sendo que os fatos históricos não são dados ao historiador e sim construídos, a interpretação deles gera uma tensão entre o impulso para explicá-los, de um lado, e o de transmitir a informação, de outro.<sup>30</sup> Fugindo ao mito de objetividade da história que imperava no século XIX, o historiador utiliza da imaginação construtiva para lidar com a tensão interpretativa partindo do pressuposto que aquela dirige a atenção dele para a forma que um dado conjunto de acontecimentos deve ter afim de servir de possível “objeto de pensamento”.<sup>31</sup> Servir a este propósito, para o teórico da história, seria uma forma da história humanizar a experiência permanecendo sensível ao mundo mais geral do pensamento.<sup>32</sup> Entender as narrativas históricas como ficções verbais cujos os conteúdos são tanto inventados quanto descobertos<sup>33</sup>, insere-se na busca do historiador contemporâneo em estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como meio para fornecer perspectivas sobre o presente.<sup>34</sup>

De acordo com Dominick LaCapra, a historiografia relegava ao segundo plano o papel da narrativa, gerando uma problemática sobre a leitura dos documentos pelos historiadores, particularmente os textos literários, vistos como pouco confiáveis justamente por serem ficcionais. No livro *History & Criticism*, ele elabora uma crítica do cânone dos documentos históricos como essencial à história intelectual. Dessa forma, equipara a história à ficção, pois esta, particularmente o romance, coloca uma questão à historiografia sobre a escrita do discurso. Ambos lidam com a linguagem e, ao se analisar o conteúdo do romance, o historiador tem como foco a representação da vida social, personagens, temas, receptividade da produção literária, como os textos são lidos, traça um diálogo com a crítica literária. Mas não somente. O historiador passa a refletir sobre sua própria escrita ao lidar com a narrativa ficcional.<sup>35</sup> Segundo Júlio César Pimentel,

<sup>29</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 115.

<sup>30</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 71-73.

<sup>31</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 76.

<sup>32</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 63.

<sup>33</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 98.

<sup>34</sup> WHITE, Hayden. *Ibidem*. p. 53.

<sup>35</sup> LACAPRA, Dominick. *History & Criticism*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1996, p. 132.

se a ficção tem algo a nos dizer sobre o passado, isso deve ser buscado menos numa suposta revelação imediata do “contexto, menos nas informações “histórias” que o texto literário nos oferece – e que, evidentemente, não são dignas de confiança plena – e mais em elementos discretos ou associados ao trabalho em si de construção de texto, ao contexto cognitivo – e aqui o adjetivo reinventa o substantivo – que o permitiu.<sup>36</sup>

Portanto, a experiência de elaborar narrativas se encontra em ambas produções textuais. Não havendo necessidade de haver entre elas relação de hierarquia ou de confronto. Aliás, segundo Fredric Jameson, a história, sendo acessível sob a forma textual, a abordagem dela e do próprio “real” passa por sua textualização prévia, sua narrativização no inconsciente coletivo.<sup>37</sup> E esses textos, históricos e ficcionais, são produções culturais tomados como modelos essencialmente alegóricos da sociedade. As personagens literárias são figuras das várias classes sociais e divisões de classe. Dessa forma, as narrativas ficcionais refletem uma dimensão fundamental do pensamento coletivo e das fantasias coletivas referentes à história e à realidade.<sup>38</sup> Percebidos como produção cultural, não estão desvinculados de um contexto social e histórico, portanto, político. Assim sendo, a prioridade da interpretação política dos textos literários, para o historiador, é essencial. A literatura, segundo o crítico, tem que ser lida como uma meditação simbólica sobre o destino da comunidade. E a leitura da produção ficcional como ato simbólicos tem necessariamente que apreendê-los como resoluções de determinadas contradições.<sup>39</sup>

A análise literária aqui exposta levará em conta as contradições intrínsecas à produção literária, ao questionar sobre o que ficcionalmente foi retratado e da forma como foi. Além de estabelecer um diálogo com a vida do próprio escritor, prenhe de dubiedade na construção de si e de seus personagens. Ao mesmo tempo que a elaboração da narrativa histórica será objeto de reflexão, começando pela divisão temática dos capítulos que não seguirão uma ordem cronológica.

A dissertação será focada em seis contos de Dashiell Hammett escritos e publicados na revista *Black Mask*, especializada e com proposta editorial clara de reformular as histórias de detetive até então escritas. Ideia esta que terá em Hammett o

---

<sup>36</sup> PINTO, Jú

lio Pimentel. “Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura.” *In: Tempo* [online], 2020, vol.26, n.1, p.35.

<sup>37</sup> JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992. p. 32.

<sup>38</sup> JAMESON, Fredric. *Ibidem*. p. 30-31.

<sup>39</sup> JAMESON, Fredric. *Ibidem*. p. 73.

seu principal garoto propaganda. Tais contos são: *The House in Turk Street*; *The Girl with Silver Eyes*; *The Golden Horseshoe*; *The Scorched Face*; *Corkscrew*; *Dead Yellow Women*. Todos publicado entre 1924-25, período que coincide com um fortalecimento nacional da Lei Seca, tanto em aplicação de agentes federais e estaduais para fiscalizar a lei quanto o aumento do apoio popular à 18ª emenda constitucional.<sup>40</sup>

Por meio desses contos será possível notar características dos detetives no *hard-boiled*, como a violência, a construção da narrativa, da linguagem, para que ele consiga que seus planos sejam cumpridos. Tanto quanto no ato de jogar as gangues rivais em conflitos na qual as duas serão derrotadas, como nos contos *Corkscrew* e *Dead Yellow Women*, quanto no papel de convencer os criminosos, as mulheres dúblicas e os policiais de sua independência nos casos e de que ele consegue determinar o correto a se fazer, sempre do seu ponto de vista. Nota-se que, além da violência, o papel da linguagem - da manipulação dos fatos - é essencial nessas narrativas policiais.

Através dos contos também será abordado o papel da mulher, principalmente as que transitam entre o crime e a legalidade. Eles problematizam um estereótipo de prostituição no qual as mulheres, em um ambiente criminoso, utilizam de seu corpo e da linguagem para seduzir o detetive, trocando informações por meio de um valor monetário, ou algo que lhes possa ser vantajoso, como não serem presas. Tal fato, como será abordado nessa dissertação, também joga luz sobre uma face da juventude que a Lei Seca exacerbava: de questionamento da moral e dos costumes de uma sociedade conservadora, branca e protestante.

Nesse contexto, as cidades retratadas por Hammett, dentre elas principalmente São Francisco, mas também outras como distritos perto dela, Tijuana no México, uma fictícia denominada Corkscrew no Arizona, tornam-se personagens nas quais suas casas, ruas e bairros revelam um tipo de comportamento criminoso e condutas que esses meios urbanos potencializam, dotando-os de unicidade. Nesses locais o dinheiro assume uma importância vital para as narrativas policiais. Fetichizado, tudo gira em torno dele e motiva diversos crimes ou mesmo o pagamento do detetive para resolvê-los. Apólices de seguro, herança, comércio de bebidas alcóolicas, recolhimento de verbas para cultos ardilosos, propina, etc., o dinheiro assume diversas formas nos *hard-boiled*, tornando-se elemento

---

<sup>40</sup> A 18ª Emenda Constitucional foi ratificada em janeiro de 1919 e estabeleceu a proibição da fabricação, do comércio e do transporte de bebidas alcóolicas em todo território estadunidense. Essa legislação vigorou até 1933 sendo revogada pela 21ª emenda constitucional.

intrínseco a eles, além de explanar sobre uma sociedade intensamente capitalizada nos anos 1920. Isso demonstra também que tanto o detetive, os policiais e até mesmo os criminosos, de alguma forma, realizam um tipo de trabalho remunerado, mesmo que, para tanto, infringam a lei.

A tese está dividida em três capítulos. No primeiro será analisado a constituição do detetive duro, violento e cínico focado no detetive sem identidade que está associado a agência pela qual atua: Continental Op. O primeiro sucesso literário de Dashiell Hammett apareceu em 28 contos e 2 romances seriados da revista especializada em narrativas policiais, *Black Mask*. A formação desse detetive será abordada junto às correspondências que o escritor trocou com seus editores, as quais ele buscava se firmar como um inovador nessas narrativas, explicando passagens de sua vivência enquanto detetive da Agência Pinkerton para dotar de mais realismo suas histórias. Ao escrever sobre si, ele registrou os acontecimentos conforme a sua memória e os edificou em suas construções literárias. A escrita de si fundamentou tantos seus personagens quanto ele mesmo. Dessa forma, além das cartas são utilizadas duas biografias do escritor para aprofundar a confluência entre vida e obra.

No segundo capítulo, as cidades serão as personagens principais por meio das transformações pelas quais elas passaram com a Revolução Industrial. O intenso fluxo de capital nas metrópoles gerou novos comportamentos entre a multidão. O mero fato de ser um desconhecido em meio à intensa movimentação de habitantes vindos de diversos lugares potencializa o crime. Afinal de contas, a multidão é anônima, o crime não tem identidade. O fator econômico gera segregação. O não ter engendra a cobiça. A velocidade das mudanças concebe a imediatez de deixar a classe social desfavorecida. O ambiente urbano separa. A análise dessa novidade representada pelas cidades será entremeada pelo contexto estadunidense da Lei Seca no qual, diante de uma moralidade branca e protestante, a suspeição de quem comete os crimes será de quem está de fora dessa comunidade, os estrangeiros. Dessa forma, eles são elementos essenciais tanto no enredo, buscando se adaptar à sociedade que de alguma forma os acolheu e almejando “fazer a América”. Para tanto, o dinheiro é outro personagem importante que será desenvolvido nesse capítulo. Ele aparece em diversas formas: apólices de seguro, herança, tráfico de imigrantes, vendas de armas e de bebidas alcóolicas e cheques adulterados. Orienta comportamentos, evidenciando uma fetichização do capital característica da sociedade materialista estadunidense nesses anos 20.

A lei proibicionista, dentro do seu esforço de controlar, principalmente, as classes trabalhadoras mais baixas, foi uma vitória da mentalidade conservadora e protestante. Mas a própria emenda constitucional não anteviu o que esse excesso de regulação da liberdade poderia trazer à sociedade. E no decorrer da década a proibição de consumo, produção e venda de bebidas alcólicas determinou novas formas de transgressão tendo em vista que o fortalecimento da aplicação da lei foi muito difícil de ser mantido em todo o território nacional. Policiais se tornaram suscetíveis aos subornos, com vista grossa permitiam a abertura de estabelecimentos que vendiam bebidas e, em alguns casos, adquiriam parte do lucro. Frestas, dessa forma, começaram a surgir nos edifícios da moralidade.

## 1 – DASHIELL HAMMETT E A CONSTRUÇÃO DO DETETIVE VIOLENTO

### Hammett, detetive e escritor

Em 1915, Dashiell Hammett, aos 21 anos e oriundo de uma família de classe média baixa do interior do estado de Maryland, começou a trabalhar, em Baltimore, na agência de detetives Pinkerton,<sup>41</sup> como escriturário. Rapidamente ascendeu para o cargo de detetive, aprendendo o ofício, principalmente, de como espreitar o suspeito, com o seu chefe James Wright<sup>42</sup> que foi uma ampla inspiração, física e psicológica, do seu detetive Continental Op., presente em 26 contos e 2 romances do escritor. Nesta agência Hammett também aprendeu um código de conduta do detetive, que direcionou a sua vida e pautou a criação das histórias policiais, amparado em três características: anonimidade, moralidade e objetividade. Para Layman,

Um bom detetive deve ser anônimo, porque quanto menos se sabe sobre ele menor são as chances de ter informações pessoais utilizadas contra ele. (...) A moralidade de um detetive privado é baseada na noção pessoal de certo ou errado apenas, incidentalmente, relacionada com religião ou lei civil. Nos termos mais simples, o seu trabalho é proteger pessoas boas da exploração de pessoas más, e o meio para este fim não exige justificativa. (...) A qualidade essencial a qual o detetive deve desenvolver para evitar ser consumido pelo seu trabalho é a objetividade – uma distância emocional das pessoas com as quais ele negocia.<sup>43</sup>

Neste trabalho, Hammett viajou para o oeste dos Estados Unidos para investigar diversos casos. Em um deles, na cidade de Butte, no estado de Montana, a agência foi

---

<sup>41</sup> Fundada em 1850, a agência de detetives Pinkerton, inicialmente, preveniu assassinatos de presidentes, solucionou casos sensacionais e sistematizou prevenções de crimes. No entanto, no começo do século XX, com as forças policiais tornando-se mais proficientes no combate aos crimes e, conseqüentemente, suplantando os detetives, a agência viu uma nova demanda no setor privado do qual focou sua atuação: detetives eram contratados para defender empresas contra os ataques dos trabalhadores, providenciando evidências contra os mesmos. Também possuía como demanda casos de adultério. LAYMAN, Richard. *Shadow Man: the life of Dashiell Hammett*. Nova York: Manly, 1981. p. 10-11; SLOTKIN, Richard. *Gunfighter nation: the myth of the frontier in twentieth-century America*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998. p. 139-143.

<sup>42</sup> JOHNSON, Diane. *Dashiell Hammett. Uma Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 32-33.

<sup>43</sup> “A good detective must be anonymous, because the less known about him, the less his chances are of having personal information used against him. (...) The morality of a private detective is based on a personal sense of right and wrong only incidentally connected with religious or civil law. In the simplest terms, his job is to protect good people from exploitation by bad people, and the means to that end require no justification. (...) The essential quality which a detective must develop to avoid being consumed by his job is objectivity – an emotional distance from the people with whom he deals.” LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 12.

contratada para ajudar a eliminar um agitador político, Frank Little, que estava insuflando os mineiros contra os proprietários das minas da região. Este homem fazia parte da *Industrial Workers of the World*, uma organização anarco-sindicalista fundada em 1905. Com o apelido de *Wobblies*, esses trabalhadores eram contra o capitalismo, pregavam a revolução e defendiam o controle coletivo dos meios de produção. A vivência deste caso - onde aprendeu, segundo Diane Johnson, sobre a vida dos mineiros e sobre as mentiras dos proprietários das minas, e a percepção das incoerências e das ironias de que “as atitudes dos guardas e dos prisioneiros, do detetive e do homem que ele está seguindo, são reflexos de uma sensibilidade individual, no limite onde estão ladrões e assassinos”<sup>44</sup> - ajudaram a formar a consciência de Hammett além de lhe darem embasamento às histórias de detetive. Tanto foi que em seu primeiro romance, *Seara Vermelha*, publicado em 1929, houve a menção a este evento, através da paralisação de trabalhadores em uma mina, evidenciando um conflito de interesses destes com o proprietário.

Sua carreira como detetive durou apenas sete anos, de 1915 até 1922. Em 1918, alistou-se no exército estadunidense para a Primeira Guerra Mundial, conflito do qual ele não chegara a lutar na Europa. Recebeu instrução e foi designado como motorista de ambulância com operação nos Estados Unidos mesmo. Nesta função, ele entrou em contato com doentes que vieram do velho continente e contraiu a gripe espanhola. Este vírus debilitou tanto os seus pulmões que, posteriormente, Hammett adquiriu tuberculose, doença que acometera a sua mãe. Como militar sua carreira foi ainda mais curta. Em 1919, ele se encontrava em um hospital, perto da costa oeste, para veteranos com doenças respiratórias. Neste local, Hammett conheceu uma enfermeira, de nome Josephine Dolan, com a qual se relacionou e se casou meses após ele mudar de hospital para São Diego, Califórnia. Posteriormente, em um manuscrito não publicado, com o título *Seven Pages*, Hammett ficcionalizou o relacionamento entre um paciente e uma enfermeira em um hospital.

Sáíamos do prédio quando começava a escurecer, andávamos um pouco através do deserto e descíamos um pequeno desfiladeiro até um local plano com quatro árvores juntas. A umidade da noite assentando-se na terra que cozinhou desde a manhã liberava um perfume de solo e plantas ao novo redor. Ficávamos deitados lá até tarde da noite, as narinas cheias do cheiro do mundo, as árvores formando uma fronteira irregular entre as estrelas. Nosso amor parecia independente de qualquer palavra. Tínhamos a impressão de que, se um de nós dissesse ‘Eu te amo’, no instante seguinte isso seria uma mentira. Então nos amávamos e xingávamos um ao outro de

---

<sup>44</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 36.

modo divertido, usando palavras obscenas, e ela geralmente tampava os ouvidos no fim porque eu conhecia mais palavras.<sup>45</sup>

Claramente autobiográfico, mas bastante discreto com sua vida pessoal, Hammett não publicou este relato. Aliás, a preocupação da não exposição da sua vida privada orientou a sua forma de escrever. Tanto foi que ele não tergiversou para a escrita de romances com maior estima pela crítica literária, com mais apuro estilístico, que lhe traria mais renome no campo literário. Resolveu tentar o caminho das histórias de detetive, afinal de contas fora um, e mesmo com os problemas de saúde por causa da tuberculose, ainda exerceu este ofício por mais um ano em São Francisco. Anos mais tarde, já reconhecido no meio, com o primeiro romance aceito pela editora Knopf, devidamente revisado e aguardando ser publicado, Hammett expôs, em carta à editora Blanche Knopf, o desejo de que as histórias de detetive alcançassem um patamar literário diferenciado:

Sou uma das poucas pessoas – se é que existem outras – comedidamente letradas que leva as histórias de detetive a sério. Não quero dizer que eu necessariamente leve as minhas ou as de qualquer outra pessoa a sério – mas penso nessas histórias do ponto de vista formal. Algum dia alguém vai transformá-las em ‘literatura’, e sou egoísta o bastante para ter minhas esperanças, não importando o quão superficial a justificativa possa ser.<sup>46</sup>

Material para as histórias ele tinha: a memória. Ele escreveu sobre lembranças de casos que participou, mesmo que não totalmente, como em um caso de um ator, em São Francisco, que foi acusado de estupro; e outro no qual a agência em que Hammett trabalhava foi contratada para encontrar barras de ouro que sumiram de um navio que estava para aportar na baía da cidade. De fato, Hammett trabalhou nesses casos, mas não com um papel central que se atribuiu. Houve um conflito de datas sobre esses casos e mais outros que o detetive alegara participar, pois muitos desses casos foram concomitantes, além do fato de que neles as investigações ocorreram em dias próximos aos da piora de saúde ocasionada pela tuberculose que deixara Hammett acamado por dias seguidos, colocando, dessa forma, em dúvida a sua participação efetiva nesses

---

<sup>45</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 45.

<sup>46</sup> “I’m one of the few – if there are any more – people moderately literate who take the detective story seriously. I don’t mean I necessarily take my own or anybody else’s seriously – but the detective story as a form. Some day somebody’s going to make ‘literature’ of it, and I’m selfish enough to have my hopes, however slight the evident justification may be.” LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. (org.). *Selected letters of Dashiell Hammett*. Washington: Counterpoint, 2001. p. 47.

casos.<sup>47</sup> Logo em seu primeiro ano como escritor, 1923, ele publicou, em uma revista chamada *Smart Set*, *Memórias de um detetive particular*,<sup>48</sup> um conjunto de vinte e nove relatos sobre o seu ofício com o intuito de realçar a sua própria imagem como ex-detetive.

Hammett escrevia sobre si e essa escrita não era para apenas registrar os acontecimentos, servia para edificar sua própria importância em meio a eles,<sup>49</sup> isto é, a importância para comprovar que o escritor tinha experiência no assunto. Para mostrar aos leitores e aos editores que, mesmo sendo um escritor iniciante, em um campo considerado de menor prestígio literário, ele possuía um arcabouço de vivências e conhecimento de causa que poderiam ser explorados em sua escrita. Nos relatos se notou, entre diversas anedotas, a praticidade do detetive que ele, Hammett, incorporou e sobre a qual transplantou para os seus detetives nas narrativas. Evidenciou-se, também, através da criação de si mesmo na escrita, a oralidade e o uso de gírias (sendo que o conhecimento delas e o saber usá-las facilitou o trabalho tanto da investigação quanto da infiltração no submundo do crime), que se tornou marcante na sua produção literária. A obtenção de qualquer tipo de informação, tanto por meios violentos quanto por negociações, em que o detetive detinha um amplo conhecimento da criminalidade que lhe permitia se imiscuir entre os criminosos, sabendo de suas vidas privadas, tateando, desse modo, o limiar entre a legalidade e a ilegalidade, foi outra característica muito explorada nos seus contos e romances. Em seus primeiros contos publicados na revista especializada em histórias de detetive e de mistério, *Black Mask*, Hammett enviara cartas ao editor explicando passagens do conto nas quais ele dialogava com o seu trabalho de detetive:

Sobre a história: nenhum dos personagens são reais em um sentido literal, embora eu duvide que seja possível construir um personagem sem colocar, ao menos, alguma coisa de alguém que o escritor tenha conhecido. O enredo, no entanto, é mais pé no chão. Nos anos durante os quais trabalhei como ‘detetive privado’ eu percorri diversos casos onde um ‘amigo’ chamado para eliminar um chantagista ou entrou em parceria com ele ou assumiu o seu negócio após tirá-lo do caminho.<sup>50</sup>

<sup>47</sup> LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 23-26.

<sup>48</sup> Os 25 relatos se encontram no Anexo.

<sup>49</sup> Essa forma de escrita, segundo Fabiana de Souza Fredrigo, torna-se um objeto para combate através das cartas com o desejo de controlar o gerenciamento da memória e a necessidade de combate aos inimigos do presente. FREDRIGO, Fabiana de Souza. “O ato autobiográfico: Francisco de Paula Santander em combate com Simón Bolívar.” In: Anais do 9º Encontro Internacional da ANPHLAC, UFG, 2010, p. 6.

<sup>50</sup> “About the story: none of the characters is real in a literal sense, though I doubt that it would be possible to build a character without putting into at least something of someone the writer has known. The plot, however, is closer to earth. In years during which I tried my hand at ‘private detecting’ I ran across several cases where the ‘friend’ called in to dispose of a blackmailer either went into partnership with him or took over his business after getting him out of the way.” LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. *Ibidem*. p. 21.

Além da banalidade dos fatos relatos, percebeu-se o contexto cultural da época da Lei Seca por meio da experimentação de uma liberdade almejada pelas mulheres pelo simples ato de aprender a fumar. Além dos crimes urbanos estarem mais relacionados ao enriquecimento ilícito através das bebidas alcoólicas. Também se descortinou as diversas estratégias do detetive para investigar suspeitos, como a arte de seguir sem ser notado, falsificar documentos, intimidação por meio da força e das palavras e forjar impressões. Sobre essa atividade, Hammett escreveu uma carta ao seu editor, Philip Cody, da Black Mask, junto ao lançamento do conto *Slippery Fingers*, em 1923, citando que ao ler um artigo no qual o chefe da polícia de Berkely, Califórnia, escreveu ser possível transferir uma impressão digital de um lugar para outro, mas não ser possível forjá-la, o escritor discordou:

Eu penso que não há mais um espaço razoável para duvidar que impressões digitais possam ser efetivamente forjadas. Eu tenho visto impressões forjadas que parecem, a mim, perfeitas, mas, não sendo mais que um amador nesse assunto, minha opinião não vale muito. Penso, entretanto, que um grande número dos qualificados para falar sobre o assunto concordarão comigo que isso pode ser, e já foi feito. [...]

O método usado no meu conto não foi selecionado porque é o melhor, mas porque foi o mais simples com o qual eu estou familiarizado e o mais fácil de descrever. Experimentos bem sucedidos foram feitos, com este método, por especialistas na prisão federal de Leavenworth.<sup>51</sup>

Sobre a arte de seguir os suspeitos, Hammett detalhou em outra carta, endereçada ao mesmo editor, sobre o conto *Zigzags of Treachery*, escrito em 1923, na qual esmiuçou as quatro regras para se tornar uma sombra do suspeito:

Não existem outros truques para aprender. Segui-los, e uma vez que você pegar o jeito, seguir e observar é o mais fácil de um trabalho de detetive, exceto, talvez, a um homem extremamente nervoso. Você simplesmente caminha ao longo de algum lugar com o seu caso à sua vista, e, exceto umas interrupções ruins, a única coisa que pode fazer com que você o perca é um excesso de ansiedade de sua parte.

---

<sup>51</sup> "I think there is no longer reasonable room for doubt that fingerprints can be successfully forged. I have seen forged prints that to me seemed perfect, but, not being even an amateur in that line, my opinion isn't worth much. I think, however, that quite a number of those qualified to speak on the subject will agree with me that it can be, and has been, done. [...]"

The method used in my story was not selected because it was the best, but because it was the simplest with which I was acquainted and the most easily described. Successful experiments were made with it by the experts at the Leavenworth federal prison." LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. *Ibidem*. p. 23.

Até um criminoso esperto pode ser seguido por semanas sem suspeitar disso. Eu sei de um agente que seguiu um falsificador – um velho astuto – por mais que três meses sem ao menos levantar suspeitas. Eu mesmo segui as pistas de um por seis semanas, pegando trens e percorrendo meia dúzia de cidadezinhas com ele; e eu não sou exatamente discreto – de pé tenho um pouco mais de 1,80m.

Outra coisa: um detetive pode seguir um homem por dias e, no fim, ter a mais vaga ideia das características dele. Tipo de transporte, modos de se vestir, perfil geral, maneirismos individuais – tudo visto por trás – são mais importantes para seguir e observar do que os rostos. Eles podem ser reconhecidos de uma grande distância, e não necessitam que ele esteja na frente do seu caso a qualquer hora.<sup>52</sup>

A busca do escritor em afirmar a sua produção literária em cima de sua vivência fez com que se desconfiasse do autor. Ainda mais que o papel da ficção não é com a verdade. A criação literária, segundo Peter Gay, é um espelho erguido ao mundo.<sup>53</sup> Dessa forma, o reflexo diz muito sobre como o escritor quer ser visto e como baseou sua vida e produção segundo este desejo. A produção literária de Hammett não foi somente pautada pelo impacto cultural da época da Lei Seca, e sim, principalmente, como ele elaborou essa cultura e também se tornou um produto dela.

Essa desconfiança remeteu ao encontro entre o romancista e o historiador por meio do estudo das mentes individuais e da mentalidade coletiva.<sup>54</sup> O mundo criado pelos dois foi o mesmo, no entanto, para o escritor, aquele foi trilhado por caminhos próprios. Hammett criou seus contos e romances influenciado tanto por sua vivência como por relatos de terceiros. Baseando-se nesses fatos (construções sociais) coletados tanto o romancista quanto o historiador foram direcionados por “vieses, antolhos, estreiteza de visão, pontos cegos, toda espécie de impedimentos à objetividade são essenciais na

---

<sup>52</sup> “There are no other tricks to learn. Follow them, and once you get the hang of it, shadowing is the easiest of detective work, except, perhaps, to an extremely nervous man. You simply saunter along somewhere within sight of your subject, and, barring bad breaks, the only thing that can make you lose him is over-anxiety on your own part.

Even a clever criminal may be shadowed for weeks without suspecting it. I know one operative who shadowed a forger – a wily old hand – for more than three months without arousing his suspicion. I myself trailed one for six weeks, riding trains and making half a dozen small towns with him; and I’m not exactly inconspicuous – standing an inch or so over six feet.

Another thing: a detective may shadow a man for days and in the end have but the haziest idea of the man’s features. Tricks of carriage, ways of wearing clothes, general outline, individual mannerisms – all as seen from the rear – are much more important to the shadow than faces. They can be recognized at a greater distance, and do not necessitate his getting in front of his subject at any time.” LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. *Ibidem*. p. 24-25.

<sup>53</sup> GAY, Peter. *Represálias Selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010, p. 18.

<sup>54</sup> GAY, Peter. *Ibidem*. p. 144

própria natureza de todos os esforços humanos para conhecer.”<sup>55</sup> Dessa forma, a desconfiança sobre a produção literária, que não contém, como visto, uma verdade, já que são textos criados com seus subtextos, sendo passíveis de diversas leituras, buscam evitar reducionismos, esclarecendo sobre a problematização da vida e da obra do romancista, tanto quando do historiador.

Hammett possuía o conhecimento técnico e pensava contribuir com a literatura policial. Buscava se diferenciar das tramas policiais convencionais que ele achava antiquadas, pois não via muito sentido nos detetives inteligentes de Edgard Allan Poe e Arthur Conan Doyle que, praticamente sem sair de casa, descobriam o assassino através de pistas esotéricas. Escrevia histórias para leitores que não gostavam de detetives muito cerebrais.<sup>56</sup> Não era o que ele mesmo presenciara, pois passara frio nas ruas espreitando suspeitos, sofreu diversos ferimentos de quedas e passava por dificuldades financeiras. O intuito era fazer histórias de detetive condizentes com a realidade. Bastante crítico, Hammett desgostava de suas criações, como na carta na qual não somente desaprovou o seu detetive no conto *Women, Politics and Murder*, escrito em 1924, como também fez uma crítica velada a escritores que cediam à pressão do mercado com a queda de qualidade da própria produção literária, por mais que o próprio escritor dependia do sucesso de seus contos para manter as contas em dia:

Eu não acho que devo enviar ‘*Women, Politics and Murder*’ a você, não a tempo da edição de julho, de qual forma. O problema é que esse meu detetive degenerou em um ganha pão. Eu gostava dele no começo e acostumei a gostar de vê-lo experimentar seus próprios truques, mas recentemente eu caí no hábito de lança-lo e de fazê-lo perder tempo quando o proprietário, o açougueiro ou o merceiro mostra sinais de nervosismo.

Há homens que podem escrever dessa maneira, mas eu não sou um deles. Se eu continuar as coisas que eu quero escrever – as coisas que eu gosto de escrever – eu me impulsiono para isso, mas quando eu tento produzir uma história porque existe um mercado para ela, eu fracasso.

Quando, de agora em diante, eu me sentir preso a uma história que serve ao meu detetive, eu devo colocá-lo para trabalhar, mas eu cansei de tentar executá-lo em um cronograma.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> GAY, Peter. *Ibidem*. p. 146.

<sup>56</sup> LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. *Ibidem*. p. 24.

<sup>57</sup> “I don’t think I shall send ‘*Women, Politics and Murder*’ back to you [editor Phillip Cody da *Black Mask*] not in time for July issue anyway. The trouble is that this sleuth of mine is degenerated into a meal-ticket. I liked him at first and used to enjoy putting him through his tricks; but recently I’ve fallen into the habit of bringing out and running him around whenever the landlord, or the butcher, or the grocer shows signs of nervousness.

There are man who can write like that, but I am not one of them. If I stick to the stuff that I want to write – the stuff I enjoy writing – I can make a go of it, but when I try to grind out a yarn because I think there is a market for it, I flop.

Nesta carta, a autocrítica, exprimindo um rigor que estava entrelaçado à vontade – uma ansiedade – do autor em galgar as narrativas policiais à alta literatura, conferir-lhes um status intelectual em um meio cultural intenso de mudanças e experimentações estilísticas, como foram os anos 20, fez com que ele se propusesse uma missão intelectual. Segundo Sean McCann, esse compromisso foi no sentido de buscar uma combinação entre simpatia populista e elitismo intelectual, determinado a forma da carreira literária de Hammett.<sup>58</sup> Essa busca pelo reconhecimento literário fez com que ele, por diversas vezes, tratasse suas histórias de detetive como um refugio, em meio de tantas frustrações, reforçando a sua insatisfação “com o que criava, sentia-se entusiasmado com o simples fato de escrever, com a ideia de que havia pessoas descobrindo e aprovando o que fazia. Sentia ternura e amizade por elas, julgava-se parte de um enorme contingente de trabalhadores no grandioso ofício ao qual se entregara mais do que [...] à Pinkerton. Escrever era sua vida secreta.”<sup>59</sup>

Essa vida secreta trazia uma ideia de autonomia por meio da qual a carta acima explicitou. Essa autonomia estava relacionada à liberdade de escrever uma narrativa policial condizente com a realidade e, mesmo que trouxesse um sucesso relativo financeiro, e um certo reconhecimento artístico de seus pares, Hammett não queria que estivesse vinculado apenas a um modelo rentável que pudesse engessar a sua produção. Para tanto, contou com a criação de uma revista voltada exclusivamente para essa narrativa policial realista e violenta: *Black Mask*, fundada em 1920.

### **Fascínio do crime nas revistas literárias**

Revistas literárias feitas com papel de baixa qualidade, denominadas *pulp magazines*, proliferaram no começo do século XX nos Estados Unidos. Produzidas mensalmente, baratas, em média 10 centavos, tais publicações focavam em histórias heroicas e simples para cativar um público de baixa renda, em geral trabalhadores homens e jovens desejosos de entretenimento e escapismo simples, rápido e ilustrado. Fartamente

---

Whenever, from now on, I get hold of a story that fits my sleuth, I shall put him to work, but I'm through with trying to run him on a schedule.” LAYMAN, Richard; RIVETT, Julie M. *Ibidem*. p. 26.

<sup>58</sup> McCANN, Sean. *Gumshoe America: hard-boiled crime fiction and the rise and fall of New Deal Liberalism*. Duke University Press Books, 2000. p. 97

<sup>59</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 66

ilustradas, essas revistas revelavam um contexto de rebeldia contra o moralismo da sociedade através da Lei Seca, pois além de mostrar a representação imagética do crime e dos gangsters também destacava um certo grau de liberação sexual ao retratar as mulheres.<sup>60</sup>

Igualmente baixa era a remuneração aos escritores - um centavo por palavra - fazendo com que muitos adotassem pseudônimos com o intuito, inicialmente, de desvincular os seus verdadeiros nomes dessas publicações e, posteriormente, com o objetivo de ter mais contos publicados na mesma ou em diferentes publicações, aumentando-se, assim, os seus ganhos.<sup>61</sup> A *Black Mask* surgiu junto a um público leitor ávido por crimes, já que jornais sensacionalistas se alastravam na época com notícias diárias sobre crimes, assassinatos, roubos e disputas entre gangues.<sup>62</sup>

Segundo o historiador Dominique Kalifa, a partir da metade do século XIX houve um fascínio pelo crime nas sociedades urbanizadas que fez com que ele se adaptasse às transformações históricas, inserindo o criminoso e o homem à margem da sociedade na própria natureza do romanesco.<sup>63</sup> Essa representação das sombras da sociedade, com narrativas de bandidos, salteadores, prostitutas, assassinos, mendigos e vagabundos, inseriu-se na ideia de cidades pecaminosas, nas quais o avanço da industrialização potencializou a estigmatização das classes inferiores e o racismo sobre os imigrantes estrangeiros, associando-os à miséria, ao vício e ao crime.<sup>64</sup>

Tendo isso em vista, surgiram diversas formas de categorizar o outro, alimentando um imaginário comportamental das classes, com a preocupação de ordenar esse mundo caótico: catalogar a língua para possibilitar a decifração da linguagem de potenciais criminosos; distribuição dos papéis sociais das classes, determinando o que cada uma podia fazer; recensear o nome, número e a atividade de cada um para facilitar o controle e identificação no meio da multidão; reconhecer através da aparência um criminoso e determinar padrões para evitar possíveis crimes (antropologia policial). Essas classificações reforçaram um imaginário policial e desempenharam “uma tentativa de

---

<sup>60</sup> HAINING, Peter. *The classic era of American pulp magazines*. Chicago: Chicago Review Press, 2001. p. 9-13.

<sup>61</sup> LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 35-38.

<sup>62</sup> HAINING, Peter. *Ibidem*. p. 58-60.

<sup>63</sup> KALIFA, Dominique. *A tinta e o sangue: Narrativas sobre crime e sociedade na Belle Époque*. São Paulo, Editora Unesp, 2019, p. 20.

<sup>64</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: História de um imaginário*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 106-107.

reunir em um mesmo lugar populações heterogêneas”<sup>65</sup> e buscaram esclarecer potenciais destinos de crimes e criminosos.

Assim, o crime, associado à barbárie e à atração exótica do submundo, acabou se impondo à literatura. Tal fato podia ser explicado por uma revolução silenciosa, representada pelo acesso a uma maior alfabetização da classe trabalhadora e à leitura, relacionada ao aumento dos relatos de crimes, evidenciando um movimento de urbanização que modificou as formas tradicionais de sociabilidade e regulamentação.<sup>66</sup>

Aos relatos de crimes nos jornais sensacionalistas do final do século XIX, foram sendo incorporados relatos de investigação, diluindo a descrição da infração na retrospectiva dos fatos, concebendo o triunfo da figura heroica do detetive e afetando a compreensão do fato criminal. Essa transformação dos relatos criminais na imprensa, atraindo um público leitor exponencialmente crescente, acabou por ser, também, uma das principais características dos romances policiais: a superposição de histórias, a do crime e a da investigação. Segundo Tzvetan Todorov, “a primeira com o fato como aconteceu e a segunda como o leitor (ou o narrador) tomou conhecimento dos fatos.”<sup>67</sup> Dessa forma, o romance policial se tornou um produto da sociedade industrial e urbana na qual o crime e a delinquência configuravam um apanágio do imaginário cidadão. A transgressão se caracterizou como um estado permanente, sempre em curso e jamais concluído, fazendo com que a literatura policial, por meio do seu cenário, privilegiasse o universo polarizado dos extremos.<sup>68</sup> Tanto a imprensa sensacionalista quanto os fascículos dedicados à literatura policial, intensamente propagandeados na primeira, que começaram a surgir no Estados Unidos no começo do século XX geraram um fascínio pelo crime e pela sua crueldade através, principalmente, dos homicídios.

### ***Hard-boiled*: formação do detetive duro**

A violência era marca registrada dessas publicações e Hammett se deparou com um terreno vasto a ser explorado. Surgiu, assim, segundo Layman, um novo tipo de ficção de detetives denominado *hard-boiled*:

---

<sup>65</sup> KALIFA, Dominique. *Ibidem*. p. 148-149.

<sup>66</sup> KALIFA, Dominique. *Ibidem*. p. 21.

<sup>67</sup> TODOROV, Tzvetan. “Tipologia do romance policial”, in: *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 66-67.

<sup>68</sup> KALIFA, Dominique. *Ibidem*. p. 179.

A realização de Hammett como escritor resultou em sua introdução da plausibilidade dentro das histórias de detetive. Para ele *hard-boiled* não significava insensibilidade diante do perigo. Preferivelmente, este termo expressou o realismo duro dos personagens, quem aceitava a criminalidade sem emoção excessiva, como detetives reais aceitavam, quem estavam, imediatamente, endurecidos e horrorizados pelo crime. Hammett pegou os enredos das histórias convencionais de detetive, habitou-as com crimes e detetives realistas, e resolveu os enigmas que ele criou como teriam sido solucionados se realmente tivessem ocorrido. Suas histórias são *hard-boiled* no mesmo sentido que as de Ernest Hemingway são.<sup>69</sup>

Para McCann, *hard-boiled* sugeria uma conexão direta entre a forma das histórias de crime e a visão latente de união cultural frustrada que inspirou seus principais escritores. Tradicionalmente, as histórias clássicas de detetive celebravam a vitória do conhecimento público e da solidariedade cívica sobre os perigos do desejo privado. Nos romances e contos de Hammett, “a sociedade civil não pode mais conter o desejo privado, o conhecimento público raramente supera a expertise especializada e a ideia de cultura comum parece profundamente atraente e, em última análise, inacreditável.”<sup>70</sup> Dessa forma, o *hard-boiled* não se tornou apenas um estilo de entretenimento popular, mas também um tipo de crítica literária: “uma descrição metafórica das possibilidades da vida pública em sociedade recentemente habituada com a força da mídia de massa e com a proeminência de uma elite nacional profissional.”<sup>71</sup>

O detetive clássico articulava uma tensão básica para a visão clássica da sociedade liberal. Essas histórias retratavam um mundo no qual a liberdade do indivíduo criava uma sociedade anárquica ou desalmada.<sup>72</sup> Estavam centralizadas sob uma premissa fundamental da teoria liberal – o papel da lei – e sob as tensões fundamentais para uma sociedade democrática que constantemente colocava aquele princípio em dúvida. Elas,

---

<sup>69</sup> “Hammett’s achievement as a writer came in his introduction of plausibility into the detective story. For him hard-boiled did not mean insensitivity in the face of gore. Rather, that term expressed the hard realism of characters, who accepted the fact of criminality without excessive emotion as real detectives would who are at once hardened to the fact of crime and appalled by it. Hammett took conventional detective story plots, peopled them with realistic criminals and realistic detectives, and solved the puzzles he created as they would have been solved had they actually occurred. His stories are hard-boiled in the same sense that Ernest Hemingway’s are.” LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 45.

<sup>70</sup> “civil society can no longer contain private desire, public knowledge rarely trumps specialized expertise, and the idea of common culture seems both profoundly appealing and ultimately unbelievable” McCANN, Sean. *Gumshoe America: hard-boiled crime fiction and the rise and fall of New Deal Liberalism*. Duke University Press Books, 2000. p. 4.

<sup>71</sup> “a metaphorical account of the possibilities for public life in society newly acquainted with the power of the mass media and with the preeminence of a national, professional elite.” McCANN, Sean. *Ibidem*, p. 4-5.

<sup>72</sup> McCANN, Sean. *Ibidem*, p. 6-8.

assim, exploravam o quanto o estado de direito é frequentemente injusto ou justo, além de ser rigidamente burocrático e de ser uma arma dos poderosos.<sup>73</sup> Assim, o conto tradicional de mistério foi um mito político que não mais correspondia às complexas realidades de uma sociedade urbana e industrial. Para o gênero sobreviver, segundo McCann, ele deveria ser salvo de suas piores tendências: “um esforço que, como no pensamento político contemporâneo, dependeria de deslocar a centralidade do indivíduo com uma ênfase no significado do Estado e os problemas do ‘controle social’ que o Estado exemplifica.”<sup>74</sup>

Essa mudança do gênero, além de estar aliada ao surgimento e ao sucesso das *pulp magazines* e de novas casas editoriais para rivalizar com as tradicionais, como a Knopf que se especializou em títulos policiais e que foi a responsável pelas brochuras de Hammett, esteve relacionada ao fato do escritor dotar as histórias de detetive de uma credibilidade estética. Essa fidedignidade, segundo o escritor Raymond Chandler, se amparou no fato de que Hammett escreveu uma ficção de mistério realista, sua escrita estava baseada em fatos e ele colocou o crime nas ruas,

Hammett primeiramente (e quase até o fim de sua vida) escreveu para pessoas que possuíam uma atitude perspicaz e agressiva perante a vida. Pessoas que não tinham medo do lado menos atraente das coisas; elas viviam nele. A violência nas ruas fazia esmorecer; ela se encontrava logo ali em suas ruas. Hammett devolvia o assassinato para o tipo de gente que o cometia por razões, não só para fornecer um cadáver; e com os recursos à mão, não com um duelo de pistolas feitas à mão, curare e peixes tropicais. Ele colocava essas pessoas no papel como elas eram e as fazia falar e pensar na linguagem que costumeiramente usavam para esses fins.<sup>75</sup>

Aliás, o conhecimento da criminalidade foi um traço que marcou o romance policial estadunidense, substituindo, no imaginário, segundo Slotkin, o cowboy como herói dos romances de fronteira, pois, ao detetive, no ambiente urbano de corrupção, a consciência ficou sombreada pelo conhecimento do submundo do crime.<sup>76</sup> Para Leslie Fielder, os detetives estadunidenses nos romances policiais da década de 20 foram os cowboys adaptados à vida urbana, incorporando um tipo de inocência que se movia, intocável, pelo universo de culpa das cidades corrompidas. E nesse ambiente ele foi

<sup>73</sup> McCANN, Sean. *Ibidem*, p. 15-16.

<sup>74</sup> “an effort that, as in contemporary political thought, would depend on displacing the centrality of the individual with an emphasis on the significance of the state and the problems of ‘social control’ that the state exemplified.” McCANN, Sean. *Ibidem*, p. 18-19.

<sup>75</sup> CHANDLER, Raymond. *A simples arte de matar* – volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 22.

<sup>76</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 139.

irrepreensível, um proletário honesto, um homem de honra, pobre e comum, que conviveu em um mundo corrupto e violento, iluminado pelo contraste decadente da sociedade da riqueza.<sup>77</sup> De acordo com Layman, no conto *Corkscrew*, essa temática da fronteira, em uma cidade no deserto do Arizona, foi elemento comparativo com as histórias de cowboy, “o código do Velho Oeste está preservado neste território desértico de 1925 [...] Ao longo de todo o conto, história de fronteira como paródia, como se Hammett estivesse testando sua habilidade para tornar críveis ações exageradas.”<sup>78</sup>

Nesse conto, escrito em setembro de 1925, o detetive Op fora contratado por uma companhia para tornar a região de Corkscrew, no deserto do Arizona, um local agradável a fazendeiros, e também ser possível a construção de trilhos para trens e de cabos de telefone, ressaltando a ideia de proteção da propriedade como era um dos serviços ofertados pela Agência de Detetive Pinkerton. Com relação ao faroeste, um trecho exacerbou essa comparação além de reforçar as características desse novo herói, o detetive, que combate o crime em um ambiente urbanizado. Nessa passagem, Op encontrou um cavalo para trafegar pela cidade e arredores,

Joguei fora meu cigarro e examinei a camurça. Ele [o cavalo] ergueu um olhar triste para mim, contraiu uma orelha e continuou olhando miseravelmente para o chão. Dunne e Smith tiram as cordas dele e eu montei na sela.

Rollo ficou parado embaixo de mim até os outros cavalos saírem do seu lado.

Então, ele me mostrou o que ele tem.

Ele foi direto para o ar – e pendurou-se por lá tempo o suficiente para se virar antes de vir abaixo. Ele permaneceu nas patas dianteiras, nas traseiras e, então, desceu sobre todas elas.

Eu não gostei disso, mas não era uma surpresa. Sabia que eu era um cordeiro sendo levado para o abate. Foi a terceira vez que isso me ocorreu. Eu poderia muito bem acabar com isso. Mais cedo ou mais tarde, um homem da cidade, em uma região rural, está fadado a se encontrar sentado em um osso desagradável. Eu sou um homem da cidade. Posso me sentar em qualquer carro ou taxi no mundo e eu posso até cavalgar um cavalo se ele cooperar. Mas quando o animal não quer ficar embaixo de mim – ele vence.<sup>79</sup>

<sup>77</sup> FIELDER, Leslie. *Love and death in the american novel*. Urbana: Dalkey Archive Press, 2008, p. 499-500.

<sup>78</sup> “the code of the Old West is preserved in this 1925 desert country [...] Throughout, the story borders on parody, as if Hammett were testing his ability to make exaggerated actions believable.” LAYMAN, Richard. *Ibidem*, p. 66.

<sup>79</sup> “I chucked away my cigarette and went over to the buckskin. He cocked one mournful eye at me, twitched one ear, and went on looking sadly at the ground. Dunne and Smith took their lines off him, and I got into the saddle.

Rollo stood still under me until the other horses have left his side.

Then he showed me what he had.

He went straight up in the air – and hung there long enough to turn around before he came down. He stood on his front feet and then on his hind ones, and then he got off all of them.

Dessa forma, ao se realçar as características urbanas do detetive, nesse caso através de uma paródia, diferenciou-o do cowboy do século XIX mesmo mantendo a temática do velho oeste, pincelada pelo contexto de intensa industrialização e urbanização do começo do século XX. Com isso, esse agente da lei tinha qualidades que passaram pelo cowboy também, de alguma forma estendendo o imaginário do homem que combatia os crimes, fundando uma mitologia da coragem e da virilidade.<sup>80</sup> Como virtude do próprio detetive - a incorruptibilidade - as narrativas policiais institucionalizaram, segundo Bryan D. Palmer, valores tradicionais de individualismo, pois, os protagonistas, dentro do seu fatalismo heroico, demonstravam uma autoconfiança, a parte todas estruturas de uma autoridade constituída, distanciada da lei e da propriedade.<sup>81</sup>

Assim, o detetive foi representado como uma terceira via: não identificado com os proprietários e a classe dominante e nem com as “classes perigosas” e com as organizações trabalhistas radicais (sindicalistas, anarquistas e socialistas). Era um agente tanto da lei como fora da lei que procedia à revelia das estruturas da autoridade legal por uma questão de definição pessoal de justiça.<sup>82</sup> Na visão de Hammett este empreendedor independente, mesmo que vinculado a uma corporação parecida com a Agência Pinkerton, era um agente da moral livre, um fora da lei por uma questão de uma lei maior, um homem desiludido o bastante para sobreviver no mundo moderno mas ainda capaz de acreditar e agir de acordo com um tradicional conceito de honra.<sup>83</sup> No entanto, segundo J. A. Zumoff, o enfoque na ação individual, nos romances policiais, ao invés do esforço coletivo, glorificou uma profissão na qual os trabalhos eram para repreender o movimento operário, tendo a Pinkerton como melhor exemplo de uma agência fundada com propósitos claros de repressão trabalhista.<sup>84</sup>

---

I didn't like this, but it wasn't a surprise. I had known I was a lamb being led to the slaughter. This was the third time it had happened to me. I might as well get it over with. A city man in range country is bound to find himself sitting on a disagreeable bone sooner or later. I'm a city man. I can sit any street car or taxicab in the world, and I can even ride a horse if he'll cooperate. But when the horse doesn't want to stay under me – the horse win.” HAMMETT, Dashiell. *The Big Book of The Continental Op*. New York: Vintage Books, 2017. p. 276.

<sup>80</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*, p. 175.

<sup>81</sup> PALMER, Bryan D. *Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression*. New York: Monthly Review Press, 2000, p. 392.

<sup>82</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 219.

<sup>83</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*, p. 228.

<sup>84</sup> ZUMOFF, J. A. Politics and the 1920s writings of Dashiell Hammett. In: *American Studies* [online], 2012, vol. 52, n.1, p. 78-79.

Um exemplo dessa lógica própria de justiça e desse conceito de honra dos detetives de Hammett se encontrou no *Continental Op*. Segundo Slotkin,

As histórias de Hammett para a *Black Mask* apresentam um agente da *Continental Detective Agency*, uma Pinkerton ficcional, conhecido apenas como “The Continental Op” – como se não tivesse uma identidade separada do emprego. Mas sua absorção do homem pela companhia paradoxalmente o fortalece, conferindo a ele os meios para agir como profissional independente desinteressado do ‘trabalho’, ‘capital’ e todos interesses e poderes locais. Embora a sua identidade esteja vinculada com o aparato corporativo da lei, ele se expressa e atinge seus objetivos em um estilo de um criminoso. Sua profissão o autoriza a agir como o ‘homem que conhece os índios’, para aprender e usar a sabedoria cínica e métodos violentos do submundo para que ele possa utilizá-los contra seus criadores. Mas a ordem moral na qual Op trabalha é bem mais corrupta que nos romances de guerra contra os indígenas ou o faroeste: ganância e o mal que ela causa são tão difundidos e perigosos que nenhum dos símbolos convencionais do bem pode ser confiável. O cinismo do Op é a marca do realismo como um juiz de homens e mulheres e do seu pragmático profissionalismo.<sup>85</sup>

Para derrotar a decadência e a corrupção ele também recorreu à ação e à linguagem do povo. Segundo Sean McCann, ao buscar encontrar a verdade clara e simples na linguagem do homem na rua, Hammett evidenciou a sua impaciência com o meio literário, além de não ver vitalidade, criatividade e enraizamento na alfabetização vernacular.<sup>86</sup> A própria sociabilidade do universo urbano fez com que o detetive utilizasse como principal ferramenta a linguagem por meio da qual ele manipulava a retórica, tornando-se um camaleão linguístico, adaptando-a para beneficiar sua investigação de acordo com diferentes conversas e contextos sociais para poder negociar no mundo corrupto dos *hard-boiled*.<sup>87</sup> Através da linguagem do detetive, o leitor foi inserido em um

---

<sup>85</sup> “Hammett’s stories for the *Black Mask* feature an operative of the Continental Detective Agency, a fictional Pinkerton known only as “The Continental Op” – as if he has no identity apart from his employment. But this absorption of the man in the company paradoxically empowers the Op, giving him the wherewithal to act as disinterested professional independent of ‘labor’, ‘capital’ and all local powers and interests. Although his identity is thus bound up with the corporate apparatus of the law, he expresses himself and achieves his goals in an ‘outlaw’ style. His profession licenses him to act like the ‘man who knows the Indians,’ to learn and use the cynical wisdom and violent methods of the underworld so that he can turn them against their makers. But the moral order in which the Op works is far more corrupt than that in the Indian-war romance or Western: greed and the evil it causes are so pervasive and dangerous that none of the conventional symbols of good can be trusted. The Op’s cynicism is the mark of realism as a judge of men and women and of his pragmatic professionalism.” SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 223.

<sup>86</sup> McCANN, Sean. *Ibidem*. p. 94-96.

<sup>87</sup> NISSI, Maria C. *Silent cowboys and verbose detectives masculinity as rhetoric in Wister, Hammett and Chandler*. Montana: VDM Verlag, 2007

ambiente urbano realista, tornando-se observador do mundo criminal.<sup>88</sup> Gerou-se, assim, uma verossimilhança na qual o leitor se identificou nas narrativas e nas descrições de ruas e construções das cidades, até nas ficcionais, pois estavam influenciadas pela própria vivência do escritor enquanto detetive. As cidades modernas como entidades capazes de gerar eventos, tais como ondas de crime e escândalos, podiam ser incorporadas e modificadas por fórmulas de ficção literária criando um “espaço mítico” das histórias de detetive que foi identificado com a cena “real” do crime urbano.<sup>89</sup>

Segundo Júlio Pimentel Pinto, a ficção ofereceu uma oportunidade de extrapolar o espaço controlado pela lei e pela lógica burguesa. Para Zumoff esta lógica era inerente ao personagem principal, Op, pois ao trabalhar para uma grande agência, o seu individualismo pequeno burguês foi progressivamente ultrapassado pelo crescimento do capitalismo industrial, algo que refletiu a posição precária da pequena burguesia como um todo. Assim ele continuou agindo como um auxiliar do estado capitalista, ajudando a aumentar a repressão dos trabalhadores pelos capitalistas e mantendo o sistema de exploração inerente ao capitalismo, característica essa mais destacada no romance *Seara Vermelha*.<sup>90</sup>

Identificou-se, nos romances policíacos, uma forma de explanar a atração do submundo, pois nele houve uma fuga da rotina de classe média; uma vulgaridade das relações; uma liberação das convenções sociais e comportamentais (como atos de rebeldia dos jovens, buscando se diferenciar da moralidade de seus pais; liberação sexual das mulheres, mais decididas sobre seus corpos e suas ações). A própria produção de bebidas alcoólicas era vista como uma forma de confrontação ao cerceamento da liberdade representado pela Lei Seca.

Os detetives possuíam objetivos em mente e, para persegui-los, enganavam, cativavam, manipulavam e confundiam outras pessoas. Continental Op tinha conhecimento de que o seu trabalho era construir narrativas com o objetivo de colocar pessoas na cadeia.<sup>91</sup> Seus relatórios eram uma relação entre a lei formal e a ação imprevisível, fazendo com que, de forma implícita, Hammett juntasse à descrição realista uma visão particular da relação entre lei e sociedade, demonstrando um esforço para dotar de sentido as ações do agente.

---

<sup>88</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*. p. 158.

<sup>89</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 217.

<sup>90</sup> ZUMOFF, J. A. *Ibidem*. p. 92.

<sup>91</sup> McCANN, Sean. *Ibidem*. p. 112.

No conto *The Scorched Face*, escrito em maio de 1925, Hammett tratou de um tema que seria aprimorado em seu segundo romance, *Maldição em família*, como o culto hedonista no qual jovens mulheres eram sequestradas, levadas a uma mansão nos arredores de San Francisco, drogadas e induzidas a pedirem recursos a seus progenitores para manter as atividades dos homens por traz do culto. Além de serem forçadas a se relacionarem sexualmente com frequentadores da residência. O detetive foi contratado para descobrir o paradeiro das irmãs Banbrock, e no final do conto, com o culto desbaratado, Op buscou alterar os eventos, conversando com o detetive da polícia para estabelecer uma narrativa que proteja Myra, a única irmã que sobrevive:

Pat [o detetive da polícia], você e eu viemos aqui questionar Raymond Elwood [líder do culto], rastreando ele aqui. Talvez nós suspeitássemos dele estar ligado à gangue que assaltou o bando de St. Louis no mês passado. Talvez suspeitássemos que ele estivesse cuidando do material que foi retirado do carro do correio naquele assalto perto de Denver na semana retrasada. De qualquer modo, estávamos atrás dele, sabendo que ele tem muito dinheiro que veio do nada e uma imobiliária que não fazia negócios imobiliários.

Viemos aqui para questioná-lo em relação a um desses trabalhos que mencionei. Fomos atacados por dois brigões no andar de cima quando descobriram que éramos detetives. O resto cresceu a partir disso. Esse negócio de culto religioso era apenas algo que encontramos, e não nos interessava especialmente. Pelo que sabíamos, todas essas pessoas nos atacaram apenas por causa da amizade pelo homem que estávamos tentando questionar. Hador era um deles, e, brigando com você. Você atirou nele com a própria arma dele, que, é claro, é a que a Srta. Banbrock encontrou no cofre.<sup>92</sup>

Na construção da própria narrativa o detetive orientava os fatos, modificando-os com o intuito de dar coerência aos casos, sendo que em muitas das vezes acabava por aliviar ou até deixar de fora mulheres que estavam envolvidas, de alguma forma, com os crimes. No conto acima, a intensão de Hammett foi dotar o detetive de um caráter mais humano, sendo passível de erros, e de ter afeições pelas mulheres. Por mais que tais

---

<sup>92</sup> "Pat, you and I came here to question Raymond Elwood, having traced him here. Maybe we suspected him of being tied up with the mob that knocked over the St. Louis bank last month. Maybe we suspected him of handling the stuff that was taken from the mail cars in that stick-up near Denver week before last. Anyway, we were after him, knowing that he had a lot of money that came from nowhere, and a real estate office that did no real estate business.

We came here to question him in connection with one of these jobs I've mentioned. We were jumped by a couple of the shines upstairs when they found we were sleuths. The rest of it grew out of that. This religious cult business was just something we ran into, and didn't interest us especially. So far as we knew, all those folks jumped us just through friendship for the man we were trying to question. Hador was one of them, and, tussling with you. You shot him with his own gun, which, of course, is the one Miss Banbrock found in the safe." HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 266.

preocupações pudessem demonstrar uma fraqueza, elas eram carregadas de um forte cinismo que fez parte tanto do investigador quanto da própria narrativa pois, de acordo com Todorov, ela formava um traço de estilo com descrições frias que potencializavam a violência e a amoralidade dos personagens.<sup>93</sup> Segundo Júlio Pimentel, o distanciamento típico dos detetives, que se mostravam irônicos e sem qualquer sentimentalismo, foi uma estratégia narrativa, configurando-se como um intérprete de uma cidade real e perigosa, associando o universo íntimo do escritor e seus personagens que ampliava a eficácia do discurso e justificava o emprego da língua falada na narrativa.<sup>94</sup> A evolução de Op no decorrer dos contos e em seus romances estava relacionada não somente à ideia de Hammett dar mais fidedignidade às suas narrativas mas também a um certo ressentimento dele com relação à crítica em associá-lo com o detetive Op. Essa fez com que ele tentasse escrever contos sem a temática do detetive (que não foram bem sucedidos) e, até mesmo, elaborou novos detetives para suas histórias policiais.

Para elaborar os seus relatórios, tendo em vista que as narrativas foram escritas em primeira pessoa, o detetive recorria a métodos investigativos que, para Todorov, conferiam um status particular às narrativas policiais, partindo do princípio de que a história do crime era a história de uma ausência, a história da investigação era presente, mas insignificante em si mesma, tornando-se mediadora entre o leitor e a história do crime, ambas existindo na continuidade da narrativa. O *hard-boiled* fundiu as duas histórias, suprimindo a primeira e dando vida à segunda, coincidindo a narrativa com a ação.<sup>95</sup>

Dessa forma, a investigação era dinâmica, concomitante ao ato narrado e o detetive contratado não a fazia de forma solitária; na maioria dos contos ele recorria tanto a colegas que trabalhavam com ele na agência como a informantes pouco confiáveis, mas que detinham um amplo conhecimento e eram fáceis de serem inseridos nos ambientes criminosos. Exemplo da primeira forma de colaboração se encontrou no conto *The Golden Horseshoe*, escrito em novembro de 1924, no qual Op foi contratado para encontrar o marido de uma rica mulher inglesa residente de San Francisco. Ele o encontrou, com outro nome, na cidade mexicana fronteiriça, Tijuana. Lá ele descobriu que o marido estava viciado em drogas e elaborou um plano para assassinar a mulher e se apoderar de sua herança. Disfarçado na cidade mexicana, Op buscou a confiança do

---

<sup>93</sup> TODOROV, Tzvetan. *Ibidem*. p. 74.

<sup>94</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*, p. 159-160.

<sup>95</sup> TODOROV, Tzvetan. *Ibidem*. p. 69.

marido, passando três dias de intensa bebedeira. Ao voltar para San Francisco descobriu que a mulher foi morta e retornou à cidade mexicana para prender o marido e os envolvidos com o assassinato: a sua jovem amante e um segurança do bar. Ligou, então, para agência de San Diego, convocou dois detetives para auxiliá-lo na investigação e lhes passou as instruções:

'Você deve ir até Tijuana e assumir um papel no Golden Horseshoe Café. Há uma pequena garota empurrando bebidas ali - cabelo castanho cacheado e curto; olhos castanhos; rosto redondo; boca vermelha bastante grande; ombros quadrados. Você não pode perder ela; é uma garota bonita de cerca de dezoito anos, chamada Kewpie [amante do marido]. Ela é o alvo de seus olhos. Fique longe dela. Não tente ter esperança nela. Vou te dar uma hora de início. Então vou descer para falar com ela. Eu quero saber o que ela fará logo depois que eu sair, e o que ela fará nos próximos dias.' [...]

'Eu telegrafei para o seu escritório por outro agente', disse a Gorman [primeiro agente]. 'Ele se juntará a você. Deixe a garota com ele e você acampa na trilha do Gooseneck [segurança do bar]. Acho que vamos pendurar três assassinatos nele, então tome cuidado. Vou agitar as coisas um pouco mais amanhã; mas lembre-se, não importa o que aconteça, todo mundo joga seu próprio jogo. Não estrague as coisas tentando me ajudar.'<sup>96</sup>

Além da investigação ser distribuída entre os agentes, o detetive deixava claro que ele estava no comando. Ele tinha a primazia da ação. Para tanto, ele corria riscos, na medida do possível calculados, para mostrar seu lado duro e violento. Em uma luta de boxe entre o agente e um dos membros de uma das gangues que buscava controlar a cidade de *Corkscrew*, Hammett, em uma página e meia, detalhou toda a contenda com cruzados, diretos, ganchos, jabs, esquivas e estudos de movimento com o detetive fora de forma, mas que conseguiu manter sua dignidade se mantendo em pé, concluindo: "Seu rosto não tinha uma marca pela qual eu fosse responsável. O meu deve ter parecido como se tivesse passado por um moedor."<sup>97</sup> Era uma forma do detective se fazer presente com

---

<sup>96</sup> 'You're to go down to Tijuana and take a plant on the Golden Horseshoe Café. There's a little chunk of a girl husting drinks in there – short curly brown hair; brown eyes; round face; rather large red mouth; square shoulders. You can't miss her; she's a nice-looking kid of about eighteen, called Kewpie. She's the target for your eye. Keep away from her. Don't try to hope her. I'll give you an hour's start. Then I'm coming down to talk to her. I want to know what she does right after I leave, and what she does for the next few days'. [...]

'I wired your office for another op', I told Gorman. 'He's to connect with you. Turn the girl over to him, and you camp on Gooseneck's trail. I think we're going to hang three killings on him, so watch your step. I'll be in to stir things up a little more tomorrow; but remember, no matter what happens, everybody plays his own game. Don't ball things up trying to help me.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 190 - 192.

<sup>97</sup> "His face didn't have a mark on it that I was responsible for. Mine must have looked as if it had been run through a grinder." HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 286.

demonstrações de masculinidade, de se sujar (de sangue e de poeira) e de transpirar e exalar o realismo almejado e vivenciado pelo escritor. Adquirindo hematomas e cicatrizes, o agente se fortalecia e enrijecia o espírito para enfrentar qualquer perigo.

O segundo exemplo de como o detetive investigava de forma colaborativa foi utilizando informantes que se mostravam pouco confiáveis, como forma de facilitar o acesso destes à coleta de informações em um ambiente que lhe era familiar e do qual ele não seria um sujeito estranho que pudesse atrair desconfiança. O detetive, através de sua enorme lista de contatos, sabia encontrar o sujeito certo para obter o que precisava para solucionar o caso, mesmo que para tanto precisasse elaborar evidências que comprometessem os suspeitos. No conto *The Girl with the Silver Eyes*, escrito em junho de 1924, Op foi contratado por um poeta relativamente renomado para descobrir o paradeiro de uma mulher por quem se apaixonou e estavam planejando viver juntos. No decorrer do relato, o detetive descobriu que o poeta passou um cheque fraudado em nome do seu advogado para a mulher e depois também desapareceu. Entre diversos telefonemas e pesquisas em estações de trem, Op desconfiou que eles não estavam muito longe de São Francisco; na verdade, estavam em um bar clandestino (*saloon*) que o detetive conhecia muito bem. Então ele pediu ao informante pouco confiável, Pork Grout, para passar uns dias no local onde o poeta foi visto para obter informações sobre se o dono do lugar estivesse escondendo o casal. De uma forma detalhada, o agente buscou justificar a escolha desse informante como sendo a única plausível:

Eu conhecia esse Porky Grout há três anos, e o estava usando há quase tanto tempo, e não sabia nada que pudesse ser dito a seu favor. Ele era um covarde. Ele era um mentiroso. Ele era um ladrão e um viciado. Ele era um traidor de sua espécie e, se não fosse observado, de seus patrões. Um bom pássaro para se lidar! Mas detectar é uma tarefa difícil, e você verá todas as ferramentas à disposição. Esse Porky era uma ferramenta eficaz se manuseado da maneira correta, o que significava manter a mão na garganta dele o tempo todo e verificar cada informação que ele trouxesse.

Sua covardia era - para meu propósito - seu maior patrimônio. Era notória por toda a costa criminosa; e embora ninguém - trapaceiro ou não - pudesse pensar que ele era um homem de confiança, mesmo assim ele não era realmente desconfiado. A maioria de seus companheiros considerava-o muito covarde para ser perigoso; eles pensaram que ele teria medo de traí-los; com medo da vingança sumária que a desonestidade visita o dedo-duro. Mas eles não levaram em consideração o dom de Porky para se convencer de que era um sujeito corajoso quando não havia perigo próximo. Assim, ele foi livremente onde desejava e para onde eu o mandei, e trouxe-me informações de outra forma impossíveis de obter sobre assuntos nos quais eu estava interessado.

Por quase três anos, usei-o com considerável sucesso, pagando-o bem e mantendo-o sob meus pés. Informante foi a palavra educada que o designou em meus relatórios; o submundo tem nomes ainda menos adoráveis do que o delator comum para denotar sua espécie. [...]

‘Eu quero que você vá até Halfmoon Bay e fique perto da casa de Tin-Star Joplin por algumas noites. Aqui estão duas fotos.[...] Seus nomes e descrições estão escritos no verso. Eu quero saber se algum deles aparece lá, o que eles estão fazendo e por onde estão. Pode ser que o Tin-Star os esteja encobrindo.’<sup>98</sup>

Quando não os conseguia com um simples contato, o detetive utilizava outras artimanhas, como a chantagem envolvendo dinheiro ou a persuasão simples, com o conhecimento que detinha dos crimes que o informante já se envolveu e que podiam ser revelados, levando-o a ser preso. O primeiro exemplo pode ser notado no conto *Dead Yellow Woman*, escrito em novembro de 1925. Continental Op foi contratado para lidar com um crime que ocorreu na mansão de uma família de sino-americanos, além do sumiço de dois empregados. Em uma trama que revelou o envolvimento de diversos outros personagens e da comunidade chinesa de Chinatown em São Francisco,<sup>99</sup> o detetive precisou obter informações entre os membros da comunidade. Para tanto, ele se encontrou com um frequentador do local e consumidor de heroína que, diante das diversas negativas com relação às perguntas do agente, ouviu a tentadora proposta:

‘Vale um pouco mais de cem dólares para você encontrar qualquer um deles [os chineses desaparecidos] para mim. Vale mais algumas centenas

---

<sup>98</sup> “I had known this Porky Grout for three years, and had been using him for nearly that long, and I didn’t know a single thing that could be said in his favor. He was a coward. He was a liar. He was a thief, and a hophead. He was a traitor to his kind and, if not watched, to his employers. A nice bird to deal with! But detecting is a hard business, and you see whatever tools come to hand. This Porky was an effective tool if handled right, which meant keeping your hand on his throat all the time and checking up every piece of information he brought in.

His cowardice was – for my purpose – his greatest asset. It was notorious throughout the criminal Coast; and though nobody – crook or not – could possibly think him a man to be trusted, nevertheless he was not actually distrusted. Most of his fellows thought him too much the coward to be dangerous; they thought he would be afraid to betray them; afraid of the summary vengeance that crookdom visits upon the squealer. But they didn’t take into account Porky’s gift for convincing himself that he was a lion-hearted fellow, when no danger was near. So he went freely where he desired and where I sent him, and brought me otherwise unobtainable bits of information upon matters in which I was interested.

For nearly three years I had used him with considerable success, paying him well, and keeping him under my heel. *Informant* was the polite word that designated him in my reports; the underworld has even less lovely names than the common *stool-pigeon* to denote his kind.[...]

‘I want you to go down to Halfmoon Bay and stick around Tin-Star Joplin’s joint for a few nights. Here are two photos. [...] Their names and descriptions are written on the backs. I want to know if either of them shows up down there, what they’re doing, and where they’re hanging out. It may be that Tin-Star is covering them up.’” HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 146.

<sup>99</sup> Para a comunidade chinesa de São Francisco ver CHEN, Yong. *Chinese San Francisco, 1850-1943: A Trans-Pacific Community*. Stanford: Stanford University Press, 2002.

para descobrir sobre as mortes para mim. Vale outra a mais encontrar a jovem chinesa magra com dente de ouro que abriu a porta para a Shan [proprietária da mansão] e sua empregada.’<sup>100</sup>

O informante aceitou a missão. A capacidade argumentativa do detetive era grande, quando não usava o dinheiro, intimidava, baseava-se em alguma lei para amedrontar o futuro informante de ser preso. No conto *The Golden Horseshoe*, Op descobriu o intermediário das cartas entre o sr. e a sra. Ashcraft e assim buscou descobrir o paradeiro do marido. Diante da recusa inicial em informar sobre o esconderijo, o detetive ameaçou o informante:

‘É melhor você descobrir”, eu o aconselhei, “ou há uma bela cela fria no hospício que será enroscada em você.’

‘Cê não tem nada de mim.’

‘E daí? Você gostaria de ficar trinta ou sessenta com uma acusação de vagabundagem?’

‘Vagabundo, inferno!’ Ele rosnou, olhando para mim. ‘Eu tenho quinhentos em heroína comigo. Parece que você pode me acusar de vagabundo?’

Eu sorri para ele.

‘Você sabe melhor do que isso, Ryan. Um bolso cheio de dinheiro não vai te render nada na Califórnia. Você não tem emprego. Você não pode mostrar de onde vem seu dinheiro. Você foi feito sob encomenda para a lei da vagabundagem.’

Eu imaginei esse cara como um traficante de drogas. Se ele fosse [..] as chances eram de que ele estaria disposto a vender Ashcraft para se salvar; especialmente porque, até onde eu sabia, Ashcraft não estava do lado errado da lei criminal. [...] <sup>101</sup>

Em alguns momentos o uso restrito da lei se tornou conveniente ao detetive para obter informações. Conhecedor dos dois mundos, transitava com bastante segurança para

<sup>100</sup> ‘It’s Worth a couple of hundred dollars to you to find either of them [os chineses desaparecidos] for me. It’s worth another couple hundred to find out about the killings for me. It’s worth another to find the slim Chinese youngster with gold teeth who opened the door for the Shan girl [proprietária da mansão] and her maid.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 305.

<sup>101</sup> ‘You’d better figure it out,’ I advised him, ‘or there’s a nice cool cell down in the booby-hutch that will be wrapped around you.’

‘You ain’t got nothin’ on me’

‘What of that? How’d you like to do a thirty or a sixty on a vag charge?’

‘Vag, hell!’ he snarled, looking up to me. ‘I got five hundred smacks in my kick. Does that look like you can vag me?’

I grinned down at him.

‘You know better than that, Ryan. A pocketful of money’ll get you nothing in California. You’ve got no job. You can’t show where your money comes from. You’re made to order for the vag law.’

I had this bird figured as a dope peddler. If he was [...] the chances were that he would be willing to sell Ashcraft out to save himself; especially since, so far as I knew, Ashcraft wasn’t on the wrong side of criminal law. [...]HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 181.

atingir seus propósitos diante de cada caso. Em relação à essa lei, a ideia de controle dos desempregados ou dos que não possuíam uma forma fixa de renda coadunou com a moralidade e o caráter disciplinador das classes trabalhadoras representado pela Lei Seca. O detetive, assim, era reflexo da sua época, utilizando tudo o que estivesse ao seu alcance para solucionar os crimes para os quais fora contratado.

Tais informantes, que possuíam algum tipo de envolvimento com a criminalidade, invariavelmente eram mortos justamente por imiscuírem-se no submundo em busca de informações para o detetive. Ao escolhê-los ele já previa tal desfecho. De forma pragmática, elaborava um epitáfio narrativo e lhes conferia um determinado grau de importância na resolução do caso, mesmo que de forma anônima, em seus relatórios. Uma forma também de não deixar claro, pelo menos nos documentos arquivados na agência, que o agente transitava entre a legalidade e a ilegalidade. Ele detinha o controle da investigação ao espalhar outros agentes e informantes pelo local e se manter informado sobre os suspeitos. Afinal de contas, nas narrativas policiais de Hammett, informações são indispensáveis – vidas humanas, de forma cínica e fria, podiam ser prescindíveis – para direcionar a elaboração de planos que colocaram um fim aos casos em um clímax violento e irracional.

Para Pimentel, reforçou-se a ideia do conhecimento indiciário como um tipo de conhecimento interpretativo, fundado na interpretação e na sucessiva atribuição de significados, implicando, necessariamente, uma perspectiva crítica que ultrapasse o método e constituía a possibilidade de expor a nervura do tecido social e de suas bases reais. Assim a narrativa policial podia potencializar os efeitos dessa revelação mesmo quando relativizava a descoberta da verdade e explicitava a ilusão produzida pelo efeito de realidade.<sup>102</sup>

Detendo e selecionando as informações, o detetive elaborava o plano para pôr fim ao caso. No conto *The House in the Turk Street*, Continental Op foi encarregado, inicialmente, de investigar uma potencial testemunha de um crime, uma senhora ser atirada de um bonde, na rua Turk, em San Francisco. Ao ser recebido em uma casa por um casal de idosos, ele foi rendido por criminosos que não tinham mera semelhança com o crime inicial do conto. Fato que se repetia em muitos contos de Hammett, o crime inicial se tornava um chamariz para outro crime, este último que de fato era solucionado. Ou na impossibilidade de acusar os criminosos pelos crimes que ocorreram no decorrer da

---

<sup>102</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*. p. 185.

história, o detetive recorria a um histórico policial de um dos suspeitos que acabava por ser relevado pelo próprio criminoso no ato final da história, dando embasamento jurídico para a sua prisão, como ocorre no conto *The Golden Horseshoe*.

Ao ser amarrado, Op se deparou com uma gangue de criminosos especialista em roubar títulos e seguros. Sob a custódia deles, ele começou a notar que havia planos de traição entre os próprios criminosos para diminuir o número de potenciais beneficiários. Aproveitando um momento de descuido, o detetive se desamarrou, pegou os títulos, escondeu-se na residência e, perseguido pelos ladrões, começou a colocar em prática o seu plano de gerar um conflito entre eles:

A garota me encontrou. [...]  
 ‘Peguei ele, Tai,’ ela gritou, e o chinês se juntou a nós.  
 ‘O que Hook [um dos membros da ganga que foi morto pelo detetive] fez com os títulos?’ Ele perguntou à queima-roupa.  
 ‘Por que você não pergunta à garota?’  
 Seu rosto não mostrava nada, mas eu imaginei que seu corpo gordo enrijeceu um pouco com as roupas britânicas da moda. Isso me encorajou e continuei com minha pequena mentira que pretendia agitar as coisas.  
 ‘Não se deu conta,’ perguntei, ‘que eles estavam planejando se livrar de você?’  
 ‘Seu mentiroso sujo!’ A garota gritou e deu um passo em minha direção.<sup>103</sup>

Através da lábia houve um confronto de narrativas sobre a qual o detetive levava vantagem e conseguiu convencer o líder que, único armado pois retirara o revólver da mulher, aparentou estar em vantagem e começou a barganhar com o agente:

‘Com prazer! Como base para nossa negociação, estipularemos que você escondeu os títulos onde eles não pudessem ser encontrados por ninguém; e que tenho você completamente em meu poder.’  
 ‘Bastante razoável,’ eu disse, ‘continue.’  
 ‘A situação, então, é o que os apostadores chamam de impasse. Nenhum de nós tem vantagem. Como detetive, você nos quer; mas nós o temos. Como ladrões, queremos os títulos; mas você os tem. Eu ofereço a garota em troca deles, e isso me parece uma oferta justa. Terei os títulos e

---

<sup>103</sup> The girl found me.[...]

“I got him, Tai,” she called, and the Chinese joined us.

“What did Hook do with the bonds?” he asked point blank.[...]

“Why don’t you ask the girl?”

His face showed nothing but I imagined that his fat body stiffened a little within its fashionable British clothing. That encouraged me, and I went on with my little lie that was meant to stir things up.

“Haven’t you rapped to it,” I asked; ‘that they were fixing up to ditch you?’

“You dirty liar!” the girl screamed, and took a step toward me.” HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p.

uma chance de escapar. Você terá muito sucesso em sua tarefa como detetive. Hook está morto. Você terá a garota. Tudo o que resta é encontrar a mim e aos títulos novamente - de forma alguma uma incumbência sem esperança. Você transformou uma derrota em mais da metade de uma vitória, com uma excelente chance de torná-la completa.<sup>104</sup>

Era uma estratégia do detetive fazer o criminoso pensar que estava no controle da situação, ainda mais por estar armado. Ele era fiel ao lema dividir para conquistar, assim, no conto acima, como em outros nos quais arquitetou confronto entre gangues ou entre membros do mesmo grupo, ele permitiu ao líder expor seus argumentos, revelar os seus desejos de ficar, sozinho, com o espólio do crime. Ao falarem demais eram pegos pela própria soberba. A barganha que o criminoso serviu para o detetive ganhar tempo, até que outros membros da gangue, no caso, o casal de idosos, descobrissem o plano do líder e, traídos, iniciarem um conflito armado do qual apenas a mulher consegue escapar para reaparecer em outro conto, *The Girl with Silver Eyes*. Esse método foi uma forma de fidelizar os leitores.

A ação aliada ao excesso de violência também prendia a atenção deles. Após dividir os criminosos um escapou e iniciou-se, assim, uma perseguição automobilística pelas estradas locais. Como parte da paisagem urbanística e industrializada, o carro emprestou uma nova dinâmica às narrativas policiais. Eles eram veículos de transporte que carregavam bebidas alcoólicas, imigrantes ilegais, profissionais da segurança pública e gangsters em suas buscas de maior poder e riqueza. Também, na década de 20, talvez relacionado ao imaginário de intensas perseguições nas estradas, o veículo se tornou exemplo de liberdade e rebeldia e, assim, além da distinção, inerente, de classe social emulou uma ideia de cultura jovem que almejou superar os valores conservadores dos mais velhos.

A velocidade das perseguições exigia dos motoristas destreza. No caso do detetive, que não possuía carro algum, a habilidade ao volante tinha que ser maior pois

---

<sup>104</sup> "Gladly! As a basis for our bargaining, we will stipulate that you have hidden the bonds where they cannot be found by anyone else; and that I have you completely in my power [...]."

"Reasonable enough," I said, "go on."

"The situation, then, is what gamblers call a standoff. Neither of us has the advantage. As a detective, you want us; but we have you. As thieves, we want the bonds; but you have them. I offer you the girl in exchange for the bonds, and that seems to me an equitable offer. It will give me the bonds and a chance to get away. It will give you no small degree of success in your task as a detective. Hook is dead. You will have the girl. All that will remain is to find me and the bonds again – by no means a hopeless task. You have turn a defeat into more than half of a victory with an excellent chance to make it a complete one." HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 131 – 132.

ele guiava sozinho, preocupando-se com o percurso, em não ser atingido por rajadas de tiros dos criminosos e também em atirar. Tudo em uma escala medida em segundos fez com que o agente pensasse com uma rapidez que beirava o imprevisto, concebendo planos no calor do momento que, invariavelmente, eram bem-sucedidos. No conto seguinte ao *The house in the Turk Street*, com a mulher fugitiva deste, houve um exemplo dessa característica do Continental Op:

Liguei o farol em cima do painel. Não chegou a alcançar o carro à frente, mas me permitiu ver que a garota estava dirigindo, enquanto Kilcourse se sentava apertado ao lado dela, de frente para mim. O carro era um conversível amarelo.

Eu facilitei um pouco. Em um duelo com Kilcourse aqui, eu estaria em desvantagem, pois teria que dirigir além de atirar. Minha melhor jogada parecia ser manter distância até chegarmos a uma cidade, como inevitavelmente faríamos. Ainda não era meia-noite. Haveria gente nas ruas de qualquer cidade e policiais. Eu poderia me aproximar com uma chance melhor de sair por cima.

Alguns quilômetros daqui e minha presa caiu no meu plano. O conversível amarelo diminuiu a velocidade, oscilou e parou do outro lado da estrada. Kilcourse e a garota saíram imediatamente e se agacharam na estrada do outro lado de sua barricada.

Fiquei tentado a cair desordenadamente neles, mas era uma tentação fraca e, quando sua curta vida passou, pisei no freio e parei. Depois, mexi no meu farol até que ele atingiu o conversível.<sup>105</sup>

Em desvantagem numérica, o detetive trabalhava com que lhe estava ao alcance. Evitava fazer som, descalçando-se, agindo na completa escuridão, conseguiu acertar um tiro mortal no homem (dividindo para conquistar), restando somente a mulher para dialogar e posteriormente prender. Pois, antes da consumação da detenção, como arguto narrador, ouviu a versão da criminosa quem, através de um relato em que se vitimizava

---

<sup>105</sup> I turned on the searchlight above the dashboard. It didn't quite reach the car ahead, but it enabled me to see that the girl was driving, while Kilcourse sat screwed around beside her, facing me. The car was yellow roadster.

I eased up a little. In a duel with Kilcourse here I would have been at a disadvantage, since I would have had to drive as well as shoot. My best play seemed to be hold my distance until we reached a town, as we inevitably must. It wasn't midnight yet. There would be people on the streets of any town, and policemen. Then I could close in with a better chance of coming off on top.

A few miles of this and my prey tumbled to my plan. The yellow roadster slowed down, wavered, and came to rest with its length across the road. Kilcourse and the girl were out immediately and crouching in the road on the far side of their barricade.

I was tempted to dive pell-mell into them, but it was a weak temptation, and when its short life had passed I put on the brakes and stopped. Then I fiddled with my searchlight until it bore full upon the roadster. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 153.

ou buscava atenuar o seu envolvimento no crime, tentou cativar o agente ou expor a falta de evidências que este coletou para levá-la ao cárcere.

Ao final do conto *The Golden Horseshoe*, após o detetive atingir o braço do líder da gangue depois de uma perseguição automobilística nas estradas poeirentas do deserto mexicano, os dois iniciaram uma conversa na qual o agente revelou os planos do líder de, inicialmente, extorquir a senhora Ashcraft, assumindo a identidade do marido dela. Diante da falsidade ideológica revelada ocorreu o seguinte diálogo:

‘Onde você acha que Ashcraft estaria enquanto eu gastasse o dinheiro dele?’ [...]

‘Morto [...]’ No norte. [...]

Isso o afetou, embora ele não tenha ficado animado. Mas seus olhos ficaram pensativos por trás do sorriso. [...]

‘Você pode estar certo, é claro,’ ele falou lentamente. ‘Mas mesmo assim, não vejo como você espera me prender. Você pode provar que Kewpie não achava que eu era Ashcraft? Você pode provar que ela sabia por que a Sra. Ashcraft estava me mandando dinheiro? Você pode provar que ela sabia alguma coisa sobre o meu jogo? Prefiro pensar que não. Ainda há inúmeras razões para ela ter ciúme dessa outra mulher.’

‘Eu farei minha parte pela fraude, Painless, mas você não vai me pegar. Os únicos dois que poderiam amarrar alguma coisa em mim estão mortos atrás de nós. Talvez um deles tenha lhe contado algo. E daí? Você sabe muito bem que não terá permissão para testemunhar no tribunal. O que alguém que agora está morto pode ter dito a você - a pessoa afetada estava presente - não é evidência, e você sabe disso.’<sup>106</sup>

Continental Op reconheceu que não tinha como sustentar evidências que pudessem confirmar o envolvimento de Ed com a morte da senhora Ashcraft tendo em vista que seus principais cúmplices, parceiros na gangue que buscou extorqui-la, foram mortos. Mas o detetive tinha palpites que se mostraram bastantes consistentes, como a constatação, reconhecida pelo criminoso, que de fato ele não era o senhor Ashcraft. Assim

---

<sup>106</sup> ‘Where do you think Ashcraft would be while I was spending his money?’ [...]

‘Dead’ [...] ‘Up north.’ [...]

That got to him, though he didn’t get excited. But his eyes became thoughtful behind his smile.

[...]

‘You may be right, of course,’ he drawled. ‘But even at that, I don’t see just how you expect to hang me. Can you prove that Kewpie didn’t think I was Ashcraft? Can you prove that she knew why Mrs. Ashcraft was sending me money? Can you prove that she knew anything about my game? I rather think not. There are still any number of reasons for her to have been jealous of this other woman.

I’ll do my bit for fraud, Painless, but you’re not going to swing me. The only two who could possibly tie anything on me are dead behind us. Maybe one of them told you something. What of it? You know damned well that you won’t be allowed to testify to it in court. What someone who is now dead may have told you – person it affects was present – isn’t evidence, and you know it.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 198 – 199.

o agente induziu Ed ao erro, primeiro relatando como resolveu o caso, depois, algo como inflar o ego do infrator, fez com ele contasse a sua história, de como se tornou o senhor Ashcraft em Seattle após um conflito com o verdadeiro em um quarto de hotel. Ou seja, outro crime se descortinou, revelado pelo próprio bandido, concedendo fundamento jurídico para que o detetive fizesse a detenção, evidenciando que este sempre tinha a resolução do caso sob controle, não importando que o crime seja diferente do qual motivou a história: ‘Você está pensando no emprego de São Francisco, Ed,’ eu expliquei. ‘Estou falando sobre Seattle. Você, um ladrãozinho de hotel, foi descoberto em um quarto com um homem que acabara de morrer com uma bala na cabeça. O que você acha que um júri vai concluir disso, Ed?’<sup>107</sup>

O detetive nos *hard-boiled* era arguto. Diante de um ambiente violento, ele também era quando necessário. Afinal de contas, esse era o realismo almejado pelo escritor que vivenciara a criminalidade na carne e no osso. A resolução do caso dependia dessa interação baseada na ação constante e na manipulação discursiva. Não havia enigmas insolúveis que somente uma mente inteligente, em seu gabinete, conseguisse solucionar. Havia, sim, um universo ambíguo, pois, por mais que os crimes fossem claros, percebia-se, em meio ao excesso de violência e à penumbra das luzes nas cidades, que a transgressão era intrínseca aos personagens. Ou seja, em um contexto proibicionista, dificilmente não havia alguma violação à lei, restando a punição a quem, de alguma forma, não conseguia fugir aos planos do detetive ou não colaborasse com ele.

As narrativas tinham uma associação com a vida íntima do escritor que corroborava a inovação trazida pelo detetive violento a qual se traduzia no rápido sucesso entre os leitores. Sucesso este que também amplificava a figura do autor e, baseado nisso, Hammett se mostrava como um sujeito que vivia num contexto de rebeldia contra a imposição moral representada pela Lei Seca. Para Lisa McGirr, podia-se pensar no consumo de bebidas alcoólicas pela população mais jovens e mesmo entre os artistas, literatos, roteiristas como um gesto de revolta contra os valores moralistas da sociedade.<sup>108</sup> De acordo com Kathleen Drowne, essa rebeldia estimulou uma vida noturna que expandiu o alcance das inovações culturais afro-americanas, como o jazz, além de propiciar uma modificação cultural marcante nos grandes centros urbanos como novas

---

<sup>107</sup> ‘You’re thinking of the San Francisco job, Ed,’ I explained. ‘I’m talking about Seattle. You, a hotel sneak-thief, were discovered in a room with a man who had just died with a bullet in his head. What do you think a jury will make out of that, Ed?’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 201.

<sup>108</sup> MCGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 109-110.

formas de dança e expressão, com representações literárias inovadoras, com a cultura de massa através dos filmes hollywoodianos. Eram características que se traduziram na emergência de uma cultura urbana industrial que alterou profundamente os Estados Unidos.<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> DROWNE, Kathleen. *Spirits of defiance: national prohibition and jazz age literature, 1920 – 1933*. Columbus: Ohio State University, 2005. p. 74.

## 2 – REPRESENTAÇÃO DA CRIMINALIDADE NAS CIDADES CORRUPITAS

As cidades nas narrativas policiais de Hammett, tanto as reais, como San Francisco – e seus arredores – e Tijuana no México, quanto as imaginárias, como Corkscrew, localizada no deserto do estado de Arizona, eram personagens nas quais as avenidas, ruas mal iluminadas, estradas de terra e rodovias movimentadas dialogavam com a lógica do crime. As divisões em bairros e condados territorializaram a transgressão em um ambiente marcado pela Lei Seca e sua lógica de controle de populações que não se adequassem. O dinheiro, com a potencialização do capital nos Estados Unidos na década de 20, após a Primeira Guerra Mundial, adquiriu, também, uma característica essencial nos *hard-boiled*, com uma diversidade de crimes relacionados ao controle dele, seja em que forma for: papel moeda, títulos, seguros, ações e heranças. A infração, nesse ambiente urbano de leis moralistas, tornou-se uma forma de expressão e liberdade da qual o detetive, fluindo entre esses dois mundos, tentou racionalizar, dentro do seu pragmatismo, e, diante de uma concepção de justiça própria e de cálculos probabilísticos, controlar as características contingentes de um mundo incerto.<sup>110</sup> Assim, o ambiente citadino era devolvido a uma certa normalidade até que outro crime ocorresse e o mesmo agente fosse contratado para solucioná-lo.

### **Metrópoles, multidão e crimes: novas sensibilidades**

A cidade de Paris, através das reformas urbanísticas realizadas por Georges-Eugène Haussmann a partir da metade do século XIX, tornou-se um modelo de metrópole induzido pelo capital. Modelo este que foi amplamente copiado mundo afora. Segundo David Harvey,

O centro de Paris foi entregue a representações monumentais do poder e da administração imperiais, às finanças, ao comércio e aos serviços em ascensão que surgiam em torno do florescente mercado turístico. Os novos bulevares não só facilitavam o controle militar, mas também permitiam (quando iluminados a gás e patrulhados de maneira adequada) a circulação livre da burguesia nos bairros comerciais e de entretenimento. A

---

<sup>110</sup> McCANN, Sean. *Ibidem*. p. 132.

transição para uma forma ‘extrovertida’ de urbanismo, como todos os seus efeitos sociais e culturais, estava assegurada (...). E a crescente segregação residencial não só protegia a burguesia dos riscos reais ou imaginados das classes perigosas e criminosas, como também moldava cada vez mais a cidade em espaços relativamente seguros de reprodução das diferentes classes sociais.

Segundo a historiadora Maria Stella Bresciani, o isolamento de cada camada nas cidades, se evitou a contaminação entre grupos diferentes, não chegou a impedir a aproximação que se fez de maneira violenta, pelo roubo, sequestro, mendicância etc.<sup>111</sup> Dessa forma, o crime se constituiu como forma de expressão do povo, uma forma de resistência contra a exploração do capital. Assim,

a pobreza é vista como ameaça política às instituições vigentes, a pobreza miserável representa um perigo ao bom desempenho econômico e à moralidade da população. Esse perigo cresce e toma proporções difíceis de serem avaliadas quando o desconforto da evidência da miséria individual se torna o medo perante a multidão de miseráveis amotinados destruindo bens e propriedades em sua cega caminhada.<sup>112</sup>

A multidão era aliada a uma imagem contraditória de produtividade, representada pela maior oferta de mão de obra, e de violência, produzindo-se uma concepção dela atrelada a uma noção de barbárie para poder explicar o outro, o pobre, o trabalhador, o imigrante, sob a condição da turba primitiva. Afinal de contas, o inferno eram os outros. E se existia a ideia de barbárie havia a da civilização encabeçada pela burguesia, direcionando a racionalidade como forma de repensar a cidade através de reformas urbanas que induziram a uma nova sociabilidade.

Para o sociólogo alemão Georg Simmel, havia uma predominância da inteligência no meio urbano que estava relacionada a uma quantidade de consciência que a metrópole extraia que era diferente da vida rural, pausada e determinada por vivências e sociabilidades pautadas pela familiaridade. Por consequência, a intelectualidade destinava preservar a vida subjetiva além de se vincular, também, com a economia monetária.<sup>113</sup> Pois, as cidades funcionavam como sedes da divisão econômica do trabalho.

---

<sup>111</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *A cidade das multidões, a cidade aterrorizada*. IN: PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 10.

<sup>112</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 19.

<sup>113</sup> SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. IN: VELHO, Otávio Guilherme(org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 14.

Divisão esta que estimulava um crescimento das diferenças pessoais e da individualidade, representado pela alta impessoalidade no meio urbano.

A proliferação do egoísmo na metrópole estava associada ao fato de que os interesses adquiriam um caráter prosaico, através da anonimidade,<sup>114</sup> Assim, a reserva aparecia como atitude mental dos metropolitanos, uns com outros, através do sentimento de indiferença e de leve aversão, concebendo a dissociação como forma elementar de socialização. Ela conferia ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal.<sup>115</sup> Direcionou, para Simmel, uma razão mais profunda que conduzia ao impulso individualista que se afigurava através do desenvolvimento da cultura moderna “caracterizada pela preponderância do que se poderia chamar de ‘espírito objetivo’ sobre o ‘espírito subjetivo’”.<sup>116</sup>

Para o sociólogo estadunidense Robert Ezra Park, o espírito objetivo intrínseco à vida urbana estava relacionado ao estímulo competitivo industrial e à divisão do trabalho que eram características inerentes ao ambiente urbano moderno. Competição esta que selecionava e acentuava diferenças individuais, gerando uma modificação da organização social e econômica da sociedade baseada em interesses ocupacionais e vocacionais, não mais por laços familiares.<sup>117</sup> Esses contatos impessoais, transitórios e segmentários, reforçavam a ideia de um meio civilizado pautado pela inteligência e pela racionalidade.

De acordo com McCann, a sociologia de Chicago representada por Park, tinha uma visão ambivalente da metrópole. Ambivalência esta também era notada na *Black Mask*, onde o meio urbano era distinguido pela mobilidade confusa e conseqüente desordem social, de um lado, e pelas forças do progresso, substituindo a ordem sagrada do costume tribal pela organização social chamada civilização, do outro. Assim, “o *hard-boiled* estava igualmente preocupado com o problema de substituir o clã e os costumes pela lei e pela sociedade civil.”<sup>118</sup>

### **Fetichismo do dinheiro no *hard-boiled***

---

<sup>114</sup> SIMMEL, Georg. *Ibid.* p. 15-16.

<sup>115</sup> SIMMEL, Georg. *Ibid.* p. 20-21.

<sup>116</sup> SIMMEL, Georg. *Ibid.* p. 25.

<sup>117</sup> PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. IN: VELHO, Otávio Guilherme(org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 41.

<sup>118</sup> “*harboiled* crime fiction was equally preoccupied with the problem of replacing clan and custom by law and civil society.” McCANN, Sean. *Ibidem.* p. 128-129.

A cidade era um meio dominado pelo dinheiro que se tornava o denominador comum de todos os valores, arrancando a essência das coisas, segundo Simmel.<sup>119</sup> Dinheiro, de acordo com Park, tornou-se principal artifício pelo qual os valores foram racionalizados e os sentimentos substituídos por interesses, configurando-se um meio de troca valioso para a vivência urbana.<sup>120</sup> O detetive, dentro desse universo urbano extremamente capitalizado, assumia um caráter mais objetivo, tudo lhe era mais prático e negociável de forma fria. De acordo com Júlio Pimentel Pinto, essa lógica pragmática fazia parte do destaque que o dinheiro nos romances policiais assumiu:

O dinheiro motiva a corrupção, os crimes de sangue, mas também determina o limite que separa o herói da sociedade. Em função dele, o bem e o mal se definem; em torno dele, todo mistério se constrói e se decifra. Dinheiro é tudo, fetiche central e eixo dos demais anseios que a sociedade burguesa acalenta. O pragmatismo do mundo financeiro justifica, também, a primazia dada à ação sobre o pensamento. Muitas vezes, a atuação do detetive do policial duro provoca crimes que, caso ele se omitisse, não ocorreriam. Esta, porém, é a regra de um mundo móvel, guiado pelos interesses e pela lógica do mercado e da circulação de mercadorias e capitais. O pragmatismo implica outra mudança: homem de ação, o detetive não se limita mais a coletar provas; quando necessário, ele as produz – e não apenas para solucionar o enigma ou conseguir capturar o criminoso, e sim para garantir que o desvendamento revele traços do funcionamento geral da sociedade.<sup>121</sup>

De acordo com Ricardo Piglia, há um modo de narrar nos *hard-boiled* que estava relacionado a um manejo materialista da realidade, conforme o lugar que o dinheiro ocupava nessas narrativas:

Ou seja, basta pensar na complexa relação que estabelecem entre o dinheiro e a lei: em primeiro lugar, o que representa a lei só é motivado pelo interesse, o detetive é um profissional, alguém que faz seu trabalho e recebe pagamento; em segundo lugar, o crime, o delito, está sempre apoiado pelo dinheiro: assassinato, roubos, fraudes extorsões, sequestros, o elo é sempre econômico.<sup>122</sup>

No conto *The Scorched Face*, jovens foram sequestradas em São Francisco e levadas a um clube de fachada, em uma mansão nos arredores da cidade, disfarçado de

<sup>119</sup> PARK, Robert Ezra. *Ibid.* p. 18-19.

<sup>120</sup> PARK, Robert Ezra. *Ibid.* p. 44.

<sup>121</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*, 2010. p. 172.

<sup>122</sup> PIGLIA, Ricardo. "Sobre o gênero policial". *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 79.

local para culto religioso e que funcionava na verdade como local para cooptar mulheres, drogá-las e fazê-las acreditar que era necessário arrecadar fundos para o funcionamento dele. Assim, pais eram extorquidos, joias penhoradas e as jovens que descobriam a verdade cometiam suicídio. O detetive começou a relacionar o número elevado de suicídios de jovens mulheres a encontros com um homem, dias antes de suas mortes, que o levou a uma mansão. Esse local era um clube de prostituição o qual esse homem e seus companheiros frequentavam. Em suas investigações, Continental Op descobriu onde ficava a mansão:

Minha subida e descida não me trouxe nada até que consegui descobrir quem era o dono da casa amarela. O proprietário era um corretor cujos negócios estavam nas mãos da West Coast Trust Company.

Levei minhas investigações à empresa, com alguma satisfação. A casa havia sido alugada há oito meses por Raymond Elwood [o homem investigado pelos suicídios das jovens], atuando para um cliente chamado T.F. Maxwell.

Não conseguimos encontrar Maxwell. Não encontramos ninguém que conhecesse Maxwell. Não conseguimos encontrar nenhuma evidência de que Maxwell era qualquer coisa além de um nome.<sup>123</sup>

Por meio de um proprietário fantasma e de uma empresa, esse grupo de homens buscou, além de satisfazer seus desejos sexuais, apropriarem-se do dinheiro que as jovens angariaram e dificultaram qualquer tipo de rastreamento financeiro que pudesse incriminá-los. No conto *The House in the Turk Street*, uma gangue especialista em roubo de títulos e seguros se disfarçou como uma família normal em um pacato bairro de São Francisco para fraudar documentos de vizinhos. Falsificações de documentos também ocorreram para realizar saques em nome de um advogado no conto *The Girl With Silver Eyes*. Além de falsidade ideológica, no conto *The Golden Horseshoe*, com um homem assumido a identidade de um marido desaparecido de uma inglesa, extorquindo-a e por fim, um membro de sua gangue a assassinando para que o falso marido pudesse se apoderar da herança. No conto *Corkscrew*, o detetive foi contratado para ir a uma pequena

---

<sup>123</sup> My climbing uphill and downhill got me nothing until I succeeded in learning who owned the yellow house. The owner was an estate whose affairs were in the hands of the West Coast Trust Company.

I took my investigations to the trust company, with some satisfaction. The house had been leased eight months ago by Raymond Elwood [o homem investigado pelos suicídios das jovens], acting for a client named T.F. Maxwell.

We couldn't find Maxwell. We couldn't find anybody who knew Maxwell. We couldn't find any evidence that Maxwell was anything but a name. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 259.

cidade no interior do Arizona para acabar com gangues que a assolavam, liberando o território com o objetivo de facilitar o trabalho da companhia:

'Eu sou um detetive particular - filial de San Francisco da Continental Detective Agency. Os acionistas da Orilla Colony Company me enviaram aqui. Eles gastaram muito dinheiro irrigando e desenvolvendo suas terras e agora estão prestes a começar a vendê-las.

'De acordo com eles, a combinação de calor e água faz com que se negocie terras agrícolas - tão boas quanto o Vale Imperial. No entanto, não parece haver grandes clientes apressados. O que há de errado, segundo os acionistas, é que vocês, habitantes originais desta extremidade do estado, são tão difíceis que fazendeiros pacíficos não querem ficar entre vocês.

'Como esta extremidade do condado de Orilla não tem ferrovia ou telefone, passou a ser uma das principais seções de contrabando e, portanto, de acordo com esses homens que me contrataram, cheio de variados bandidos. Em outro trabalho, alguns meses atrás, por acaso me deparei com um esquema de contrabando e o derrubei. O pessoal da Orilla Colony achou que eu poderia fazer a mesma coisa por eles aqui. Então, eu vim para tornar esta parte do Arizona agradável e refinado.'<sup>124</sup>

Dessa forma, o dinheiro nos *hard-boiled*, diferentemente das narrativas clássicas de detetive, tornou-se, em suas diversas formas, elemento essencial da ação, potencializando a ambiguidade desses textos. Segundo Piglia, esses romances policiais estadunidenses propunham um único enigma que jamais seria solucionado, “o das relações capitalistas: o dinheiro que legisla a moral e apoia a lei é a única ‘razão’ destes relatos onde tudo se paga.”<sup>125</sup>

O capital induzia, assim, uma experiência na qual a crescente mobilidade da população era uma característica essencial, baseada na extensão da organização industrial e, conseqüentemente, como fator importante do desenvolvimento intelectual.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> 'I'm a private detective – the San Francisco branch of the Continental Detective Agency. The stock-holders of the Orilla Colony Company sent me down here. They've spent a lot of money irrigating and developing their land, and now they're about ready to start selling it.

'According to them, the combination of heat and water makes it deal farm land – as good as the Imperial Valley. Nevertheless, there doesn't seem to be any great rush customers. What's the matter, so the stock-holders figure, is that you original inhabitants of this end of the state are such a hard lot that peaceful farmers don't want to come among you.

'Because this end of Orilla County isn't railroad or telephoned up, it has goto to be one of the chief smuggling sections, and therefore, according to these men who hired me, full of assorted thugs. On another job a couple of months ago, I happened to run into a smuggling game, and knocked it over. The Orilla Colony people thought I could do the same thing for them down here. So hitter I come to make this part of Arizona nice and lady-like.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 281.

<sup>125</sup> PIGLIA, Ricardo. *Ibidem*. p. 80.

<sup>126</sup> PARK, Robert Ezra. *Ibid*. p, 45-46.

## Controle e vivência nas cidades: atração literária

Outra característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna, para o sociólogo estadunidense Louis Wirth, foi a concentração em agregados onde irradiavam as ideias e as práticas da civilização.<sup>127</sup> Novamente, se havia a ideia de civilização havia a sua contraparte, retomando a barbárie representada pela multidão. Aglomerado este que vagava pela cidade em busca da própria sobrevivência, seguindo, para o historiador Nicolau Sevcenko, uma “itinerância compulsiva que submete o espaço ao ritmo do deslocamento e transforma o tempo numa cadência de repetição.”<sup>128</sup> Diariamente, dentro desse universo metódico, a repetição se tornou força-motriz do trabalho e, conseqüentemente, do fluxo de capital. E por mais que as reformas urbanas incutissem uma ideia de metamorfose permanente, a única forma de permanência vista na cidade era a dos fluxos contínuos.<sup>129</sup> Para Simmel, a repetição direcionava a reflexão sobre o quanto a pontualidade, a calculabilidade, a exatidão se tornaram traços da existência metropolitana. No entanto, elas não eram ligadas apenas à economia do dinheiro e ao caráter intelectualístico, mas também à contenção dos impulsos irracionais.<sup>130</sup>

Viver na cidade, dividir o mesmo espaço com estranhos, conviver sob uma sociabilidade restrita como forma de reserva perante o outro, todos heterogêneos sob um ambiente, tornava o controle necessário por meio do dinheiro, fator propagador da desigualdade. Controle necessário para que o mundo urbano não declinasse para a desordem, para a barbárie. Controle para dar sentido a essa nova experiência, dar racionalidade ao que se via, a discernir o perigo em curto espaço de tempo. Conceber uma imagem, uma representação dessa vivência tornava-se necessária. A busca da compreensão desses seres que escapavam às sombras e mostravam-se dentro de sua coletividade não poderia ser negada.

Alterou-se a percepção dos sentidos e tudo passou a ser modificado pela velocidade. Invenções como a locomotiva, o telégrafo, a energia elétrica e o telefone aceleraram o processo cognitivo. Buscou-se reaprender a olhar, obter respostas e conhecimento mais rapidamente para ordenar o caos, para estabelecer uma forma de

---

<sup>127</sup> WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. IN: VELHO, Otávio Guilherme(org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 97.

<sup>128</sup> SEVCENKO, Nicolau. MetrÓpole: matriz da lírica moderna. IN: PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 67.

<sup>129</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Ibid.* p. 65.

<sup>130</sup> SIMMEL, Georg. *Ibid.* p. 17.

controle social. Segundo Louis Wirth, a população urbana era composta de fatores seletivos e diferenciados. Mesmo assim, essa heterogeneidade induziu grupos a se organizarem segundo interesses em comum, segregando os de fora. Dessa forma, o prevaletimento, na comunidade urbana, do crime, da corrupção e da delinquência, associou-se a ambientes e a pessoas de fora do grupo, facilmente imputado aos desfavorecidos. Gerando-se, assim, uma massa de homens na cidade sujeita à manipulação por símbolos e estereótipos através do controle dos meios de comunicação.<sup>131</sup>

Velocidade e multidão, ansiedade e mistério. Os ingredientes para a representação literária das cidades foram colocados à mesa. Para o historiador Robert Moses Pechman, “a literatura faz eco às grandes ansiedades do momento; ela repercute esteticamente o medo do misterioso e do desconhecido, de um universo que vai se livrando de suas amarras tradicionais, e vai penetrando no novo e desconhecido mundo moderno.”<sup>132</sup> Dessa forma, a literatura assumiu um papel fundamental na construção de identidades sociais e na elaboração de concepções que ajudariam na compreensão das cidades modernas tendo o romance urbano como principal manifestação do desejo de desvendamento das novas formas da cultura na cidade.<sup>133</sup>

Segundo Bresciani, o recurso à literatura evidenciou uma “preocupação pedagógica e moralizante de fornecer o ‘retrato da sociedade.’”<sup>134</sup> Os relatos literários eram capazes de servir como espelho e como modelos para os próprios leitores, unindo-os em uma relação de verossimilhança ao modelo na projeção da imagem idealizada, constituindo, assim, a eficácia moralizante do romance.

Essa identificação dos leitores nos romances dialogou-se com a descoberta das “classes perigosas”, categoria esta relacionada ao outro, diante da mistura enorme que a cidade abrigava e que causava forte apreensão nos habitantes. A criação literária, então, caminhava junto à necessidade imperiosa de identificar aqueles que faziam parte da cidade e da sociedade e aqueles que estavam à margem.<sup>135</sup> Estar à parte endossava a divisão dos homens em civilizados e bárbaros na qual a pobreza surgia como espetáculo, revelando a existência da questão social, e sendo incorporada ao imaginário e às

---

<sup>131</sup> WIRTH, Louis. *Ibid.* p. 120-121.

<sup>132</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 228.

<sup>133</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 229.

<sup>134</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 28.

<sup>135</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 233.

representações produzidas, ora sobre a cidade, ora sobre a sociedade.<sup>136</sup> Para tanto, essas representações foram concebidas através do olhar sobre a cidade. Em um contexto de intenso fluxo, de parâmetros jamais vistos de velocidade e de tempo, de novas formas de experiência, a metrópole intensificou os estímulos nervosos, exigindo dos habitantes uma reaprendizagem sensitiva para sobreviver no ambiente urbano. Dessa forma, o olhar se transformou no principal sentido para apreender essas transformações. Segundo Bresciani, a rua tornou-se o principal meio de sociabilidade e de expressão pois era vista:

como novo lugar de sociabilidade, onde olhar, livre da obliteração das paredes palacianas, pode vagar à procura de novos objetos de observação; e a expressão, como atributo de uma parte enorme da população que nunca saíra do anonimato e, na rua, vê-se, de repente, alvo dos olhares dos viajantes, dos pintores, dos desenhistas, dos literatos, dos artistas em geral.<sup>137</sup>

A nova sensibilidade estava ligada à necessidade de reaprender a olhar, a repensar a natureza dos novos objetos a serem observados, a redimensionar o problema da aparência e da identidade do homem da rua. Assim, na ânsia de identificar, o olhar foi atraído pela multidão. Para a historiadora, em um ambiente urbano no qual enaltecia a individualidade, a inteligência e a racionalidade:

era preciso dar um rosto, uma aparência àqueles anônimos da cidade que se infiltravam e se perdiam na multidão. Era fundamental localizá-los no ‘processo evolutivo’, enquadrá-los, pespegar-lhes uma identidade, um rótulo revelador de sua natureza. Bárbaros, primitivos, selvagens, nômades são as ‘classes perigosas’ nascendo e se objetivando num rosto: a cara do povo.<sup>138</sup>

A busca da aparência para catalogar uma classe gerou julgamentos sobre o outro. Com isso, a burguesia buscou articular a ameaça proletária sobre a cidade através da concepção de uma aparência popular que se atribuiu às classes criminosas. Segundo Bresciani, isso engendrou ‘uma sensação de perda de referenciais, de desenraizamento, de desmoraonamento das identidades sociais e de formas de orientação.’<sup>139</sup>

O crime tornou-se frequente, fazendo parte da realidade urbana, ganhando, dessa forma, uma nova representação que o tirava do patamar da anormalidade e o encaixava

---

<sup>136</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 250.

<sup>137</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 248.

<sup>138</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 253.

<sup>139</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Ibid.* p. 31.

na trajetória da miséria, resumindo a trajetória social da classe operária. Portanto, tendo em vista que o interesse da população pelo crime só aumentava, a literatura fez dele um dos temas mais constantes nos romances e folhetins da época. A cidade passou a ser observada através do crime, pois, segundo Pechman,

o crime é, então, um lugar privilegiado para a observação dos processos de transformação urbana e social. Através da criminalidade, a questão das multidões e das classes perigosas ganha sentido tanto na dimensão da preservação de uma *pax urbis* quanto na manutenção de uma ordem política mais ampla. A cidade, pelo crime, se transforma no eixo de equilíbrio da sociedade.<sup>140</sup>

Além de se transformar nesse eixo, o crime exprimia a cidade, obrigando uma requalificação do sistema de identidade social espelhada nos romances. Como isso, através da verossimilhança, o público leitor se via como os personagens de romances e moldava “para si uma identidade, ao mesmo tempo em que forma[va] sua opinião na leitura desses livros.”<sup>141</sup> Para tanto, os folhetins surgiam como principal veículo de disseminação das histórias na cidade. Publicação seriada nos jornais, a preços acessíveis e de papeis de baixa qualidade para aumentar o número de impressões e, conseqüentemente, de circulações, onde a cidade subterrânea aparecia e as classes perigosas ganhavam estatuto de personagem. Para fidelizar o leitor, além de dotar a história de uma realidade que lhe era familiar, houve o recurso ao mistério como forma de prender a atenção do público, cada capítulo encerrado instigava o leitor a consumir o próximo a ser lançado. Segundo Louis Wirth, tal estratégia veiculava-se à ideia de recreação urbana na qual houve o fornecimento de meios para escapar ao tédio, “meios para a auto-expressão criadora e a associação espontânea dos grupos, mas que, mais tipicamente no mundo urbano, resulta em contemplação passiva, por um lado, ou sensacionais façanhas inéditas, por outro.”<sup>142</sup>

### **Detetive, o leitor da cidade**

O detetive, então, mostrou-se uma analista infalível em uma realidade de um mundo caótico que invadia a vida privada, através da qual a metrópole surgia na tensão

---

<sup>140</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 260.

<sup>141</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 261.

<sup>142</sup> WIRTH, Louis. *Ibidem.* p. 119.

que se produzia nos personagens por meio do ambiente misterioso da história. Para Richard Slotkin, a cidade moderna era uma entidade capaz de gerar eventos (ondas de crime, escândalos) que podiam ser incorporados, e modificados, por fórmulas de ficção literária. O espaço mítico das histórias de detetive era identificado com a cena “real” do crime urbano.<sup>143</sup>

Assim sendo, o mistério tornou-se base de todo romance policial. Para Pechman, esta literatura mostrava tanto a cidade como esconderijo quanto o processo de desestruturação e recomposição da ordem violada pelo perseguido (criminoso) e recomposta pelo perseguidor (detetive).<sup>144</sup> Segundo Júlio Pimentel Pinto, a ficção policial oferecia uma oportunidade de extrapolar o espaço controlado pela lei e pela lógica burguesa. Identificou-se, assim, nos romances policiais uma forma de explanar a atração do submundo, pois nele havia a fuga da rotina de classe média; a vulgaridade das relações; a liberação das convenções sociais e comportamentais ( como atos de rebeldia dos jovens, buscando se diferenciar da moralidade de seus pais; liberação sexual das mulheres, mais decididas sobre seus corpos e suas ações). A própria produção de bebidas alcoólicas era uma forma de confrontação ao cerceamento da liberdade representado pela Le Seca.

De acordo com Piglia, o policial norte-americano se movia entre o texto jornalístico e o romance de enigma. A figura que definiu a forma do investigador particular vinha diretamente do real, era uma figura histórica, que duplicava e negava o detetive como cientista da vida cotidiana. Detetive particular nas grandes cidades industriais era como uma polícia particular contratada pelos empresários para espiar e vigiar os grevistas e os agitadores sociais.<sup>145</sup> Para Mike Davis, os escritores do *hard-boiled* “retrabalharam radicalmente a figura metafórica da cidade, usando a crise das classes médias (raramente os trabalhadores ou os pobres) para expor como o sonho se transformou em pesadelo.”<sup>146</sup>

Dessa forma, a cidade era representada como campo de batalha onde se travava a luta entre a ordem e a desordem. O manto anuviado da poluição, do desenvolvimento tecnológico, mascarou o ambiente urbano, criando uma consciência de mistério que advinha da certeza quanto à opacidade da massa, da não transparência cidadina, à vista

<sup>143</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 217.

<sup>144</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibidem*. p. 272.

<sup>145</sup> PIGLIA, Ricardo. *Ibidem*. p. 79.

<sup>146</sup> DAVIS, Mike. *Cidade de Quartzo: escavando o futuro de Los Angeles*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009, p. 52.

disso, “o detetive tenta[va] estabelecer as relações entre tudo e todos, afastando o mistério que se interp[unha] entre o mundo visível e o mundo invisível.”<sup>147</sup>

Com esse intuito, esse personagem era dotado de uma grande dedução e do saber como principais armas para ler a cidade e elucidar o mistério. Para Pechman,

O detetive, o que faz, então, é mostrar o que ninguém consegue ver, tornando-se uma figura exemplar no equilíbrio da ordem, desde que dono de uma sensibilidade excepcional que lhe permite ler, onde a ninguém é dada a leitura. Treinado no espírito racionalista-científico derivado da Ilustração, o detetive está na origem de um esforço de leitura da cidade que irá desembolsar, no século XX, no urbanista, cuja missão é transformar a cidade num objeto de todo transparente com o fito de desvendar os seus enigmas e, ao fazê-lo, enquadrar a cidade de forma a controlar toda ameaça de desordem e quebra da lei.<sup>148</sup>

No romance policial, houve a vivência dialética entre o mistério e a revelação. Nele houve a incorporação do crime e da desordem, não para expulsá-los da cidade, mas para instituir um exercício de leitura dela. Nesse universo o detetive tornou-se uma figura fundamental, pois, ao descobrir indícios que levaram ao culpado do crime ele, na verdade, praticava uma interpretação da cidade.

Para não se enganar o detetive precisava diferenciar, analisar, procurar pequenos indícios através do olhar. Sentido que demandava maior destaque no ambiente urbano, afinal de conta tudo podia ser visto, todos queriam ser vistos. Devia-se aprender o que e como olhar. Assim, o romance policial iniciou um vasto esquadramento da cidade à procura do rosto do criminoso, onde o detetive procurou ler os sintomas do crime. Concomitante a isso a frenologia, a partir de 1870, adquiriu importância com o objetivo de encontrar o “criminoso nato” através do estudo da fisionomia, na qual se buscava identificar através de medições faciais a prova irrefutável dos maus instintos de alguns cidadãos.<sup>149</sup>

Olhar também que se coadunou com o ato de caminhar, sentir e experienciar a cidade. Para o poeta Charles Baudelaire, principal tradutor de Poe para o francês, o observador (detetive) nada mais era do que o *flâneur*, e devia ser visto como “senhor da cidade em sua dimensão espacial e temporal”, e como tal, era “observador da cena urbana e apaziguador de conflitos na medida em que suas observações funciona[va]m como

<sup>147</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 278.

<sup>148</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 282.

<sup>149</sup> DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 193-198.

abafadoras do confronto de todos contra todos.”<sup>150</sup> Confronto este que evidenciou a complexidade urbana, não havendo uma separação clara entre a cidade burguesa e a cidade viciosa.

O detetive devia conhecer a cidade no seu pormenor. Seu olhar escrutinava locais, pessoas e objetos com o intuito de, mentalmente, elaborar uma rota que o auxiliaria na resolução dos casos. Tudo era informação que lhe seria útil. No conto *The Golden Horseshoe*, Continental Op retornou à cidade mexicana de Tijuana, da qual faz a seguinte descrição:

Tijuana não mudou muito nos dois anos que estive fora. Ainda os mesmos seiscentos ou setecentos metros de rua empoeirada e suja correndo entre duas fileiras quase sólidas de bares, - talvez trinta e cinco deles em uma fileira, - com ruas laterais mais sujas abrigando botecos que não conseguiam encontrar lugar na rua principal.

O automóvel que me trouxe de San Diego me jogou no centro da cidade no início da tarde, e os negócios do dia estavam apenas começando. Ou seja, havia apenas dois ou três bêbados perambulando entre os cachorros e mexicanos vadiando nas ruas, embora já houvesse um alvoroço de bêbados em potencial passando de um salão para o outro. Mas isso não era nada parecido com a multidão que estaria aqui na semana seguinte, quando alta temporada começasse.

No meio do próximo quarteirão, vi uma grande ferradura dourada. Desci a rua e entrei no salão atrás da placa. Era uma boa amostra do boteco local. Um balcão à sua esquerda da entrada ocupando metade do comprimento do prédio, com três ou quatro caça-níqueis em uma extremidade. Do outro lado do bar, contra a parede do lado direito, uma pista de dança que ia da parede da frente a uma plataforma elevada, onde uma orquestra bajuladora se preparava para trabalhar. Atrás da orquestra havia uma fileira de baias baixas ou cabines, com frentes abertas e uma mesa com dois bancos em cada.<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibid.* p. 268.

<sup>151</sup> Tijuana hadn't changed much in the two years I had been away. Still the same six or seven hundred feet of dusty and dingy street running between two almost solid rows of saloons, - perhaps thirty-five of them to a row, - with dirtier side streets taking care of the dives that couldn't find room on the main street.

The automobile that had brought me down from San Diego dumped me into the center of the town early in the afternoon, and the day's business was just getting under way. That is, there were only two or three drunks wandering around among the dogs and loafing Mexicans in the streets, although there was already a bustle of potential drunks moving from one salon to the next. But this was nothing like the crowd that would be here the following week, when the season's racing started.

In the middle of the next block I saw a big gilded horseshoe. I went down the street and into the saloon behind the sign. It was a fair sample of the local joint. A bar on your left as you came in, running half the length of the building, with three or four slot machines on one end. Across from the bar, against the right-hand wall, a dance floor that ran from the front wall to a raised platform, where a greasy orchestra was now preparing to go to work. Behind the orchestra was a row of low stalls or booths, with open fronts and a table and two benches apiece. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem.* p. 183.

Continental Op já estava familiarizado com a cidade. Sabe dos costumes dos mexicanos de tirarem a sesta após o almoço. Tinha o conhecimento de que ainda não havia chegado a época de intensa movimentação de estrangeiros o que o auxiliou, conforme a tarefa para a qual foi contratado em San Francisco, a encontrar o inglês. Com o olhar treinado, escrutinou locais, para passar as noites e obter informações, e faces para distinguir potenciais criminosos. Mesmo não sendo a cidade que residia, o detetive sabia como proceder em ambientes urbanos que fora poucas vezes ou para os quais jamais fora, como *Corkscrew*, no deserto do Arizona, dialogando, nesse caso com maior força, com o imaginário do velho oeste:

Corkscrew não teria sido impressionante em nenhum momento. Especialmente não foi nesta tarde de domingo muito quente. Uma rua de areia que segue a borda tortuosa do Tirabuzon Cañon, de onde, por tradução, a cidade recebeu seu nome. Era chamada de cidade, mas aldeia teria sido lisonjeira: quinze ou dezoito prédios miseráveis caídos ao longo da rua irregular, com barracos em ruínas encostados neles[...]

Na rua, quatro automóveis empoeirados cozinhavam. Entre dois edifícios, pude ver um curral onde meia dúzia de cavalos amontoavam seu desânimo sob um galpão. Nenhuma pessoa estava à vista. [...]

Peguei minhas duas malas cinzas empoeiradas, saí e atravessei a rua até onde uma placa caiada pelo tempo, na qual a Casa Cañon mal era visível.[...] Atravessei a ampla varanda sem pintura e vazia e empurrei uma porta com o pé, entrando em uma sala de jantar, onde uma dezena de homens e uma mulher estavam sentados, e comendo, em mesas forradas de linóleo. [...]

Eu olhei para eles enquanto eles me examinavam. Uma variedade diversa; cavaleiros castigados pelo tempo, trabalhadores desajeitados e musculosos, homens com a pele pastosa de trabalhadores noturnos. A única mulher na sala não pertencia ao Arizona. Ela era uma garota magra de talvez vinte e cinco anos, com olhos escuros muito brilhantes, cabelo escuro e curto e uma beleza marcante que era um traço de um povoado maior do que este.<sup>152</sup>

---

<sup>152</sup> Corkscrew wouldn't have been impressive at any time. It especially wasn't this whit-hot Sunday afternoon. One sandy street following the crooked edge of the Tirabuzon Cañon, from which, by translation, the town took its name. A town, it was called, but village would have been flattery: fifteen or eighteen shabby buildings slumped along the irregular street, with tumbled-down shacks leaning against them.[...]

In the street, four dusty automobiles cooked. Between two buildings I could see a corral where half a dozen horses bunched their dejection under a shed. No person was in sight.

Gathering up my two gray-powdered bags, I climbed out and crossed the road to where a weather-washed sign, on which Cañon House was barely visible[...]. I crossed the wide, unpainted and unpeopled porch, and pushed a door open with my foot, going into a dining-room, where a dozen men and a woman sat eating at oilcloth-covered tables.

I looked over them while they looked me over. A miscellaneous assortment; weather-beaten horsemen, clumsily muscled laborers, men with the pasty complexions of night workers. The one woman in the room didn't belong to Arizona. She was a thin girl of maybe twenty-five, with too bright dark eyes, dark, short hair, and a sharp prettiness that was the mark of a larger settlement than this. You've seen her, or her sisters, in larger cities, in places that get going after the theaters let out. HAMMETT, Dashiell, *Ibidem*. p. 270.

Diante de um local desconhecido sobressaía o olhar apurado do detetive. Calejado pelo ofício, ele sabia como se adaptar e gerar familiaridade através de sua vivência em São Francisco, com a devida proporção ao tamanho diminuto do vilarejo. Os bares e as estalagens eram os primeiros locais para introduzi-lo nesse ambiente citadino inédito. No seu caminhar, o escrutínio visual se tornou um elemento investigativo pois, conseguia identificar quem poderia lhe trazer problemas ou quem lhe cederia informações. Além de constatar quem era de fora do local, baseado em um modo de vestir e se portar indicativos de um ambiente urbano mais moderno, evidenciando estereótipos de pessoas que a vivência nas metrópoles exacerbava. A visão apurada do agente auxiliava na caracterização, distinção e catalogação de classes sociais e de potenciais criminosos. Como a descrição do bairro de imigração asiática, principalmente de chineses, Chinatown, em São Francisco, no conto *Dead Yellow Woman*:

A Chinatown de São Francisco sai do distrito comercial da California Street e segue para o norte até o Latin Quarter - uma faixa de dois quarteirões de largura por seis de comprimento. Antes do incêndio, quase vinte e cinco mil chineses viviam nessas dezenas de quarteirões. Não suponho que a população seja um terço dessa algazarra.

Grant Avenue, a rua principal e espinha dorsal desta faixa. É, na maior parte de sua extensão, uma rua de lojas chamativas que atendem ao comércio turístico e casas de chop-suey espalhafatosas, onde o barulho das orquestras de jazz americanas abafa o ocasional chiado da flauta chinesa. Mais distante, não há tanta tinta e dourado, e você pode sentir o cheiro chinês adequado de especiarias, vinagre e coisas secas. Se você sair das vias principais, mostrar lugares e começar a vasculhar becos e cantos escuros, e nada acontecer com você, é provável que encontre algumas coisas interessantes - embora você não goste de algumas delas.<sup>153</sup>

## **Lei Seca, combate ao vício e criminalização do outro**

---

<sup>153</sup> San Francisco's Chinatown jumps out of the shopping district at California Street and runs north to the Latin Quarter – a strip two blocks wide by six long. Before the fire nearly twenty-five thousand Chinese lived in those dozen blocks. I don't suppose the population is a third of that row.

Grant Avenue, the main street and spine of this strip. Is for most of its length a street of gaudy shops catering to the tourist trade and flashy chop-suey houses, where the racket of American jazz orchestras drowns the occasional squeak of Chinese flute. Farther out, there isn't so much paint and gilt, and you can catch the proper Chinese smell of spices and vinegar and dried things. If you leave the main thoroughfares and show places and start poking around in alleys and dark corners, and nothing happens to you, the chances are you'll find some interesting things – though you won't like some of them. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 309.

A maioria dos contos se passaram na cidade de San Francisco que, apesar de não se constituir, na década de 20, uma metrópole como Nova Iorque (a sua população girava em torno de 500 mil habitantes ao contrário dos 5,6 milhões desta) tem muitas características que possibilitavam entrever a ocorrência de crimes e sua territorialização, com distinção, de classes sociais. Além disso, a Lei Seca direcionava uma forma de controle do vício que seria mais rigorosa em relação a determinados grupos, geralmente os marginalizados, enquanto os membros da elite teriam acesso um tanto quanto ilimitado às bebidas alcoólicas. Segundo Layman,

San Francisco era uma cidade muito aberta no início dos anos 20 e a Pinkerton teve sua cota de trabalho. A Lei Volstead foi uma piada e uma bênção para a economia local. Os *Speakeasies* operavam livremente se estivessem dispostos a comprar o consentimento das autoridades locais. As prostitutas eram consideradas um mal necessário para os jovens e um prazer merecido para os mais velhos; elas protegeram a inocência das moças da cidade, desviando os desejos daqueles que ameaçavam sua virtude. Como uma cidade portuária, São Francisco atraiu sua parcela de riqueza e uma parcela maior de ambiciosos efêmeros. Chinatown, com sua sociedade fechada e suas gangues de criminosos, acrescentou outra faceta à empolgação daquela que foi uma das grandes cidades mais sem lei do país na época. O trabalho de detetive em meio período ou período integral em San Francisco era uma ocupação perigosa e excitante.<sup>154</sup>

De acordo com Norman H. Clark, a cidade de San Francisco junto a Sacramento, no estado da Califórnia, continuou a se manter uma cidade “molhada” na década de 20, muito por causa da dimensão urbana e católica nesses locais, dificultando o lobby proibicionista.<sup>155</sup> Desse modo, o combate ao vício se configurou como uma forma de controle social atrelado à moralidade religiosa protestante. Assim, para disciplinar a classe trabalhadora buscou-se eliminar o consumo de bebidas alcólicas, controlando as condições sociais que tendiam a converter apetites normais em vícios sociais. Para Park, esse novo enfoque coercitivo dialogou-se com as mudanças na forma de controle social que a metrópole, com sua enorme população heterogênea, engendrou, tais como:

---

<sup>154</sup> San Francisco was a wide-open town in the early twenties and Pinkerton’s had its share of work. The Volstead Act was a joke and a boon to the local economy. Speakeasies operated freely if they were willing to buy the consent of the local authorities. Prostitutes were considered a necessary evil for young men and a deserved pleasure for old ones; they protected the innocence of young ladies in the city by diverting the lusts of those who would threaten their virtue. As a port city San Francisco attracted its share of wealth and more than its share of transients on the make. Chinatown, with its closed society and its criminal gangs, added another facet to the excitement of what was one of the most lawless big cities in the country at the time. Part-time or full-time, detective work in San Francisco was a dangerous, exciting occupation. LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 22.

<sup>155</sup> CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 108.

substituição do costume pela lei positiva; disposição dos juízes para assumirem função administrativa; mudanças e diferenças nos mores de diferentes grupos segregados e isolados na cidade<sup>156</sup>, tendo como objetivo não apenas distinguir a causa dessas mudanças, mas também a força capaz de minimizá-las ou neutralizá-las.

Diante disso, havia uma nova concepção, para Pechman, de crime e de penalidade, que, aliás, tornou-se uma das motivações para o surgimento dos romances policiais, amparada na necessidade de haver um poder político, uma lei civil explicitamente estabelecida no interior da sociedade através da qual o criminoso passou a ser visto sob um novo enfoque: um inimigo social, alguém que rompia com o pacto social.<sup>157</sup> Assim, o romance policial nasceu em um ambiente de controle da sociabilidade por meio de políticas urbanas. O controle, no caso dos romances policiais estadunidenses da década de 20, deu-se através da Lei Seca.

Desse ponto de vista, os bares tornaram-se, também, personagens nos romances policiais. Nas narrativas de Hammett esses locais concentraram uma boa parte da ação e da investigação do detetive. Como elementos essenciais no ambiente citadino, mesmo em contexto de proibição das bebidas alcóolicas, ele assumiu um caráter transgressor, engendrador do crime, e como tal um lugar para que o detetive do *hard-boiled* pudesse estar. Em *The girl with silver eyes*, o detetive descobriu o paradeiro do poeta que estava acompanhado da mulher que o agente fora contratado para encontrar. Ambos estavam escondidos em um bar à beira da rodovia. Continental Op então entrou em contato com o advogado do poeta:

'The White Shack é um buraco difícil, e não é lugar para seu cunhado ficar por aqui. Eu não posso ir lá sem agitar as coisas; Joplin e eu somos velhos amigos. Mas eu tenho um homem que posso colocar lá por algumas noites. Pangburn [o poeta] pode ser um visitante regular ou pode até mesmo estar hospedado lá. Ele não seria o primeiro que Joplin deixaria se esconder lá. Vou colocar este homem no local por uma semana, de qualquer maneira, e ver o que ele pode encontrar.'<sup>158</sup>

<sup>156</sup> PARK, Robert Ezra. *Ibidem*. p. 58.

<sup>157</sup> PECHMAN, Robert Moses. *Ibidem*. p. 279.

<sup>158</sup> 'The White Shack is a tough hole, and it's no place for your brother-in-law to be hanging around. I can't go down there myself without stirring things up; Joplin and I are old friends. But I've got a man I can put in there for a few nights. Pangburn may be a regular visitor, or he may even be staying there. He wouldn't be the first one Joplin had ever let hide-out there. I'll put this man in the place for a week, anyway, and see what he can find.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 145.

Como profundo conhecedor do submundo, o detetive tinha plena consciência dos perigos que o aguardavam nos bares, principalmente nos que seus proprietários tiveram uma relação não tão agradável com o agente em investigações passadas. Diante disso, ele sabia como proceder escolhendo um informante, mesmo que pouco confiável, para, através das redes de sociabilidade inerentes ao estabelecimento, coletar mais informações sobre o casal procurado. Em *Corkscrew*, Continental Op, ao buscar se familiarizar com o vilarejo, entrou em um *saloon*:

Um homem grande, cuja barriga estava coberta com um colete branco, sobre uma camisa em cujo peito brilhava um diamante, aproximou-se de mim; seu rosto vermelho de queixo triplo expandindo-se no sorriso profissionalmente jovial de um homem de confiança.

‘Eu me chamo Bardell,’ ele me cumprimentou, estendendo a mão gorda e de unhas brilhantes na qual mais diamantes brilhavam. ‘Este é o meu bar. Estou feliz em conhecê-lo, xerife! Por Deus, precisamos de você e espero que passe muito do seu tempo aqui. Esses ladrões de gado’ - e ele riu, acenando com a cabeça para os jogadores de sinuca – ‘são duros comigo às vezes, e estou feliz que haverá alguém por perto que poderá lidar com eles.’<sup>159</sup>

Logo, o detetive descobriu quem poderia lhe ceder informações. O dono, então, o apresentou aos frequentadores, fazendo com que o agente tomasse conhecimento de integrantes de uma gangue que seriam confrontados com outra gangue no final do conto. As poucas horas dispendidas no estabelecimento deram ao Continental Op o que era necessário para que ele procedesse à investigação e ao plano para o qual fora contratado. Nessa narrativa também houve a interação do detetive, em uma loja, com o reverendo do vilarejo que, junto a outros habitantes, escreveram uma lista de pessoas que cometeram muitos crimes nos últimos anos:

Ele [o reverendo] tinha uma lista deles, com nomes, datas e horários, que leu para mim. Todos que eu conheci naquele dia [no bar] - exceto aqueles aqui - estavam na lista pelo menos uma vez, junto com muitos nomes que eu não conhecia. Os crimes variam de assassinato a intoxicação e o uso de linguagem profana. [...]

---

<sup>159</sup> A big man whose paunch was dressed in a white vest, over a shirt in the bosom of which a diamond sparkled, came toward me; his triple-chinned red face expanding into the professionally jovial smile of a confidence man.

‘I’m Bardell,’ he greeted me, stretching out a fat and shiny-nailed hand on which more diamonds glittered. ‘This is my joint. I’m glad to know you, sheriff! By God, we need you, and I hope you can spend a lot of your time here. These waddies’ – and he chuckled, nodding at the pool players – ‘cut up rough on me sometimes, and I’m glad there’s going to be somebody around who can handle them.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 271-272

'Abster-se, mesmo por uma hora, de punir a maldade é ser um parceiro dessa maldade, irmão. Você esteve dentro daquela casa do pecado operada por Bardell. Você ouviu o Sabá profanado com o som de bolas de bilhar. Você sentiu o cheiro fétido de rum ilegal no hálito dos homens!

'Ataque agora, irmão! Que não se diga que você perdoou o mal desde seu primeiro dia em Sacarolhas! Você viu homens cujas vestimentas não escondiam as armas mortais sob elas! Nessa lista está o registro negro do pecado não registrado de muitos meses. Ataque agora, irmão, pelo Senhor e pela justiça! Vá para aqueles infernos e cumpra seu dever como oficial da lei e um cristão!'<sup>160</sup>

Tal lista reforçou a ideia de moralidade protestante almejada pela Lei Seca. Condutas como beber, intoxicando-se, andavam juntas com proferir linguagens profanas e, em último caso, podiam levar a assassinatos. A própria existência de jogos de azar nos bares potencializou a imagem de imoralidade desses locais. Imagem essa que também estava relacionada à prostituição, através do comentário da mulher do dono da loja: “E a atrevida mulher escarlate que se autodenomina Señora Gaia - e as três prostitutas que fingem ser suas filhas! Você não é um xerife adjunto se as deixar naquela casa delas durante a noite mais longa - para envenenar a masculinidade de Orilla County!”<sup>161</sup>

O detective agiu com um sarcasmo velado. Não acreditou no discurso religioso de combate ao pecado, mas fora contratado para tornar Corkscrew um local pacífico para poder ser colonizado pela companhia, empregando os trabalhos corretos e direitos. Dessa forma, dentro do seu pragmatismo, o agente tinha como objetivo final, mesmo que o alcançasse de forma violenta através de uma guerra entre gangues, corrigir o trabalhador.

O caráter disciplinador da classe trabalhadora, almejado com o fim das bebidas alcoólicas, fez com que grandes empresários apoiassem a Lei Seca desejosos do aumento de produtividade e, conseqüentemente, do lucro em um contexto de expansão econômica estadunidense. Segundo Marcelo Badaró Mattos, este apoio dos empresários foi um

---

<sup>160</sup> He had a list of them, with names, dates, and hours, which he read to me. Everybody I had met that day – except those here – was on that list at least once, along with a lot of names I didn't know. The crimes ranged from murder to intoxication and the use of profane language. [...]

'To refrain even for an hour from punishing wickedness is to be a partner to that wickedness, brother. You have been inside that house of sin operated by Bardell. You have heard the Sabbath desecrated with the sound of pool-balls. You have smelled the foul odor of illegal rum on men's breaths!

'Strike now, brother! Let it not be said that you condoned evil from your first day in Corkscrew! You have seen men whose garments did not conceal the deadly weapons under them! In that list is the black record of many months' unatoned sinfulness. Strike now, brother, for the Lord and righteousness! Go into those hells and do your duty as an officer of the law and a Christian!' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem.* p. 274.

<sup>161</sup> 'And the brazen scarlet woman who calls herself Señora Gaia – and the three hussies who pretend they're her daughters! You ain't much of a deputy sheriff if you leave'em in that house of theirs on night longer – to poison manhood of Orilla Country!' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem.* p. 274.

exemplo que reforçou “a tendência a opor de forma direta a propriedade capitalista ao conjunto da humanidade”<sup>162</sup>, gerando um aumento da precarização das relações de trabalho além de destacar o mecanismo de exploração da classe com o processo de valorização do capital, a mais-valia. Dessa forma já se afiguravam diversos interesses por trás da proibição que se fortaleceram a partir de 1913, com intensos lobbies das igrejas protestantes para modificar a legislação federal, além da participação proeminente da mídia para fortalecer o movimento, propagandeando o caráter moralista por trás da proibição, almejando a diminuição dos problemas sociais através de uma organização racional da sociedade por meio da temperança.

E o impulso decisivo para proibição de bebidas alcoólicas foi a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, pois o banimento do álcool durante o conflito serviu como medida de guerra e como estímulo ao nacionalismo, mesmo que os Estados Unidos tivessem entrado no conflito apenas em 1917. Demonstrando uma expansão da autoridade federal como resultado da mobilização de guerra que reforçou a cruzada contra as bebidas alcoólicas como uma parte da campanha patriótica para vencer o conflito mundial. Aliás, esta maior interferência federal era um dos objetivos almejados pelos proibicionistas para robustecer a Lei Seca através da atuação de um Estado mais forte. Como Lisa McGirr salientou, o movimento proibicionista não teve adeptos apenas entre os estadunidenses já que no começo do século XX e, principalmente, durante o conflito internacional, diversos países adotaram leis nacionais contra o álcool.<sup>163</sup> Finda a guerra, a proibição às bebidas alcoólicas foi estendida como Emenda à Constituição e ratificada pelos estados em 1918 nos Estados Unidos.<sup>164</sup>

### **Suspeição do imigrante**

A Lei Seca foi direcionada para controlar os trabalhadores e os imigrantes, impondo uma moralidade protestante e branca como determinante da nacionalidade estadunidense e forçando os estrangeiros a se adequarem a esses preceitos. A partir dos anos 1840 começaram a chegar nos Estados Unidos os primeiros imigrantes provenientes de países como Alemanha, Irlanda e Suécia. Após a guerra civil (1861-1865) houve um

---

<sup>162</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. “A classe trabalhadora: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. IN: *Revista Outubro*, n.21, setembro de 2013, p. 2.

<sup>163</sup> MCGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 30-33

<sup>164</sup> MCGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 35.

aumento do fluxo de chineses, direcionados, principalmente, como trabalhadores na construção de ferrovias que ligavam o leste ao oeste estadunidense. Até, posteriormente, o banimento, em 1882, da imigração de asiáticos. Segundo Mae Ngai, especialista em leis e imigração nos Estados Unidos, o contexto de controle e expulsão de imigrante cresceu:

Durante os anos 80 do século XIX, o número de classes passíveis de expulsão cresceu, incluindo os retardados mentais, os trabalhadores contratados, as pessoas com ‘doenças perigosas, asquerosas e contagiosas’, os pobres, os polígamos e os ‘imbecis’ e ‘insanos’, bem como os trabalhadores chineses. A ladainha de classes passíveis de expulsão enunciou uma preocupação em relação à admissão de pessoas que poderiam ser um ‘peso público’ (real ou imaginário), bem como as crenças do final do século XIX, derivadas do Darwinismo Social e da antropologia criminal, que o corpo da nação tinha de ser protegido das contaminações da decadência social.<sup>165</sup>

Aliás, segundo McGirr, o darwinismo social serviu como pretexto para a guerra ao álcool, pois esta explicação travestida de científica poderia levar uma raça ao suicídio, além de fundamentar a defesa e a supremacia do homem branco “enquanto os Estados Unidos subiam no palco imperial global, ansiedades sobre ameaças à sobrevivência da raça branca por parte das populações "de cor" do mundo permearam campanhas de pureza social, higienização social, eugenia e a guerra contra o álcool.<sup>166</sup>

Dessa forma, a população estadunidense viu que os trabalhadores imigrantes - que no começo do século XX já eram um grande número de poloneses, gregos, italianos, russo, eslovacos - não alteraram somente a composição da sociedade nacional, mas também a religião e a identidade étnica estadunidense. E também a cultura, pois os imigrantes, ao deixarem os seus países natais, carregavam suas culturas e o consumo de bebidas alcoólicas fazia parte dessa vida comunitária nesse novo país. Assim sendo, o consumo de bebidas alcoólicas, vinho entre os italianos e gregos, cerveja entre os alemães e irlandeses, inseriu-se como forma de resistência dos trabalhadores para afirmar suas experiências e seus cotidianos. Segundo Clark, essa questão étnica estava relacionada com o aumento do consumo de cerveja pelos imigrantes e, conseqüentemente, da expansão de *saloons* a partir de 1880:

<sup>165</sup> NGAI, Mae. “A Estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965”. *Revista Tempo*, v. 13, julho de 2008, p. 11.

<sup>166</sup> As the United States lurched onto the global imperial stage, anxieties over threats to the survival of the white race by the world’s ‘colored’ populations permeated social purity campaigns, social hygiene, eugenics, and the war against alcohol. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 20-21.

Em 1880, o consumo anual per capita de cerveja (que era de 2,7 galões em 1850) aumentou para 17,0 galões. Esse aumento não foi tanto uma medida de embriaguez, mas sim da imigração de bebedores de cerveja e do número crescente de bares; provavelmente havia 150.000 bares em 1880, mas esse número quase dobraria em 1900. Muitos deles representavam as piores características da cultura industrial urbana; eram da classe trabalhadora, muitas vezes obviamente de classe inferior e orientada etnicamente, descarada e agressivamente masculina ao humor de um machismo zombeteiro, sordidamente ligado ao crime organizado, à prostituição organizada e ao pastoreio organizado de eleitores mercenários.<sup>167</sup>

Constatou-se, dessa forma, que os interesses dos *saloons* estavam quase inextricavelmente ligados à estrutura da classe trabalhadora e às políticas étnicas de proteção: “O *saloon* era muitas vezes central para a máquina política que unia um combinado da vida social, econômica, religiosa e política.”<sup>168</sup> O que, do ponto de vista religioso, faria com que grupos proibicionistas protestantes criticassem os hábitos de beber dos imigrantes católicos, destacando uma disputa religiosa sobre a conduta esperada de um verdadeiro cristão nos primeiros anos do século XX:

pelo tipo de hostilidade de consciência de classe aos estrangeiros não protestantes que [...] ocasionalmente fascinou os Proibicionistas quando eles observaram os hábitos de bebida de imigrantes recentes – “a horda de ignorantes”, relatou um jornal Proibicionista, “que a Europa envia para dominar a América” com as urnas eleitorais “através do buraco do rum.”<sup>169</sup>

Assim, com a ratificação da Lei Seca e a intervenção dos agentes federais e dos policiais locais fechando os estabelecimentos que vendiam bebidas alcoólicas, os bares começaram a se associarem com as colônias de imigrantes como formas de se sustentarem ao venderem bebidas clandestinas e de fortalecerem, também, as próprias comunidades.

---

<sup>167</sup> By 1880, the annual per capita consumption of brewery beer (which had been 2.7 gallons in 1850) rose to 17.0 gallons. This increase was not so much a measure of drunkenness as it was of the immigration of beer drinkers and of the growing number of saloons; there were probably 150.000 saloons in 1880, but this figure would almost double by 1900. Many of these represented the worst features of the urban industrial culture; they were working-class, often obviously lower-class and ethnically oriented, blatantly and aggressively masculine to the mood of a sneering *machismo*, linked sordidly to organized crime, organized prostitution, and the organized herding of mercenary voters. CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 50 - 51.

<sup>168</sup> “the saloon was often central to the political machine that glued together na aggregate of social, economic, religious, and political life.” CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 80.

<sup>169</sup> ...by the kind of class-conscious hostility to non-Protestant foreigners which [...] had occasionally gripped Prohibitionists when they observed the drinking habits of recent immigrants – ‘the ignorant horde,’ a Prohibitionist newspaper reported, ‘that Europe sends over here to rule America’ with the ballot box ‘via the rum hole.’ CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 80.

No caso das narrativas policiais criadas por Hammett, o imigrante aparecia em diversos papéis carregando um elemento transgressor, o que os tornavam os primeiros suspeitos de crimes como no conto *The scorched face*. Ao investigar sobre o desaparecimento e a onda de suicídio de jovens mulheres, o detetive recebeu uma informação que um italiano encontrou uma foto de uma mulher em uma rodovia que coincidia com a imagem divulgada nos jornais da cidade:

‘De qualquer forma,’ continuou o delegado, ‘ele estava na cidade esta manhã” e viu as fotos nos jornais de Frisco. Então ele veio aqui e contou a Tom sobre isso. Tom e eu decidimos que o melhor era ligar para sua agência - já que os jornais disseram que você estava trabalhando nisso.’

Eu olhei para o italiano.

Paget [o delegado], lendo minha mente, explicou:

‘Cereghino mora nas colinas. Tem uma fazenda de uvas lá. Estou por aqui há cinco ou seis anos e não matei ninguém que eu conheça.’<sup>170</sup>

A suspeição com relação ao estrangeiro estava na fala das autoridades. Criou-se um estereótipo de criminoso baseado em uma leitura preconceituosa sobre a cultura do país natal aliada, também, ao surgimento de organizações criminosas comandadas por descendentes de italianos nos Estados Unidos. Tanto foi, que chegando ao local onde o imigrante encontrou a foto, o detetive e o xerife encontraram, nas redondezas, o corpo de uma das filhas do homem que contratou a agência de detetives para encontrar as jovens desaparecidas. O delegado, então, chamou o agente para conversar a sós:

‘Acho que o carcamano está certo,’ [sobre não ter relação com a morte da mulher] ele disse, ‘mas acho melhor segurá-lo um pouco para ter certeza. Este lugar é um pouco longe da casa dele e ele gaguejou um pouco demais, me contando como aconteceu de estar passando aqui. Claro, isso não significa muito. Todos esses carcamanos vendem vinho, e acho que foi isso que o trouxe dessa forma. Vou segurá-lo um ou dois dias, de qualquer maneira. Olhei para o italiano.’<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> ‘Anyways,’ the deputy sheriff went on, ‘he was in town this mornin’, an’ seen the pictures in the papers from Frisco. So he come in here an’ told Tom about it. Tom an’ me decided the best thing was to phone your agency – since the papers said you was workin’ on it.’

I looked at the Italian.

Paget, reading my mind, explained:

‘Cereghino lives over in the hills. Got a grape-ranch there. Been around here five or six years, an’ ain’t killed nobody that I know of.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 254.

<sup>171</sup> ‘I think the guinea’s all right,’ he said, ‘but I reckon I’d best hold him a while to make sure. This is some way from his place, an’ he stuttered a little bit too much tellin’ me how he happened to be passin’ here. Course, that don’t mean nothing’ much. All these guineas peddle *vino*, an’ I guess that’s what brought him out this way. I’ll hold him a day or two, anyways.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 255.

Comprovou-se que o imigrante não teve participação na morte da mulher, mas depreendeu-se, através do comentário pejorativo do xerife, que ele estava associado com outro crime: a produção de bebidas alcóolicas, no caso, o vinho. Assim, por uma forma indireta, a transgressão à Lei Seca apareceu na narrativa, nesse caso, como elemento que fortaleceu, mesmo que por meio de estereótipos, o pertencimento a uma comunidade étnica. A transgressão à emenda constitucional não era o crime principal a ser abordado nos *hard-boiled*, era elemento primordial constitutivo da sociedade estadunidense. E, como tal, direcionou comportamentos que seriam descritos nas narrativas policiais. Em *The house in the turk street* não havia dúvidas, o imigrante era o criminoso, era o líder da gangue que roubava títulos e seguros. Amarrado pelos criminosos ao entrar na casa para investigar outro tipo de crime, o detetive conheceu dois deles antes de conhecer o estrangeiro e se deparar com o crime que eles estavam cometendo:

As cortinas se separaram e eu virei minha cabeça o máximo que pude para ver pela primeira vez este homem que era responsável por eu ainda estar vivo. Vi um homem baixo e gordo, de chapéu e casaco, carregando uma mala de viagem marrom na mão.

Então seu rosto apareceu no círculo de luz amarela e vi que era um rosto chinês. Um chinês baixo e gordo, imaculadamente vestido com roupas tão britânicas quanto seu sotaque. [...]

Seu rosto era uma máscara redonda amarela e sua voz era a mesma fala arrastada sem emoção que eu tinha ouvido antes; mas eu sabia que ele estava tão certamente sob o domínio da garota quanto o homem feio - ou ele não teria permitido que sua provocação o trouxesse para a sala. Mas eu duvidei que ela achasse este oriental anglicizado tão facilmente maleável quanto Hook.<sup>172</sup>

O detetive era detalhista, notou que o chinês não carregava marcas de sua etnicidade além das do fenótipo do oriental, emulou um sotaque britânico para lhe conferir autoridade a sua liderança, tinha uma postura fria e calculista para dotar de sabedoria os seus atos. Contrapunha-se, dessa maneira, ao outro membro da gangue que não possuía a elegância da fala e a suavidade dos gestos. Essa negação de seu

---

<sup>172</sup> The portières parted, and I twisted my head around as far as I could get it for my first look at this man who was responsible for my still being alive. I saw a short fat man, hatted and coated for the street, and carrying a tan traveling bag in one hand.

Then his face came into the yellow circle of light, and I saw that it was a Chinese face. A short fat Chinese, immaculately clothed in garments that were as British as his accent. [...]

His face was a round yellow mask, and his voice was the same emotionless drawl that I had heard before; but I knew that he was as surely under the girl's sway as the ugly man – or he wouldn't have let her taunt bring him into the room. But I doubted that she'd find this Anglicized oriental as easily handled as Hook. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 127.

comportamento étnico fez com que ele pensasse possuir o controle da situação, no entanto, Continental Op começou a perceber fissuras dentro do grupo criminoso, tanto em relação à questão da divisão dos títulos quanto ao papel que a mulher do bando, com capacidade influenciadora nas decisões dos dois homens, detinha, que fez com que o agente começasse a tramar o plano de colocar os membros da gangue contra si.

A imigração chinesa foi abordada, também, no conto *Dead yellow woman* que, segundo Layman,

reflete o interesse de Hammett em política internacional e, particularmente, em assuntos estrangeiros. A ação está centrada em Chinatown na casa labiríntica de Chang Li Ching, um cidadão chinês que é líder do movimento anti-japonês liderado por Sun Yat-sen antes de sua morte em março de 1925. Chang alia-se com um contrabandista conhecido como *The Whistler*, quem usa seus barcos para levar as armas de Chang para a China e os carrega para a viagem de volta com trabalhadores chineses que ele pode vender por US\$ 1.000 ou mais cada um nos Estados Unidos.<sup>173</sup>

Para poder investigar o crime da mansão de Lilian Shan, para o qual fora contratado, e revelar a trama por traz da utilização dessa residência à beira-mar, o detetive recorreu a um filipino, outro grupo imigrante do leste da Ásia particularmente numeroso em São Francisco nos anos 20, para se infiltrar na comunidade chinesa e coletar informações:

Cipriano era o menino filipino de rosto alegre que cuidava da porta da frente do prédio durante o dia. À noite, como todos os filipinos de San Francisco, ele podia ser encontrado na Kearny Street, logo abaixo de Chinatown, exceto quando estava em uma casa de jogos chinesa passando seu dinheiro para os irmãos amarelos.

Eu tinha uma vez, meio de brincadeira, prometido dar ao garoto uma investigação se a oportunidade surgisse. Achei que poderia usá-lo agora.

‘Entre, senhor!’

Ele estava arrastando uma cadeira de um canto para mim, curvando-se e sorrindo. O que quer que os espanhóis façam pelas pessoas que governam, eles os tornam educados.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> reflects Hammett’s interest in international politics and particularly in things foreign. The action is centered in Chinatown at the mazelike house of Chang Li Ching, a Chinese national who is a leader in the anti-Japanese movement headed by Sun Yat-sen before his death in March 1925. Chang has joined forces with a smuggler known as The Whistler, who uses his boats to take Chang’s guns to China and loads them for the return trip with coolies whom he can sell for \$1,000 or so apiece in the United States. LAYMAN, Richard. *Ibidem*. p. 67.

<sup>174</sup> Cipriano was the bright-face Filipino boy who looked after the building’s front door in the daytime. At night, like all the Filipinos in San Francisco, he could be found down on Kearny Street, just below Chinatown, except when he was in a Chinese gambling-house passing his money over to the yellow brothers.

O comentário do detetive sobre os filipinos trazia uma análise pejorativa da história na qual após uma guerra com a Espanha os Estados Unidos, em 1898, adquiriram o território das Filipinas, domínio que durou até 1946. Pertencentes ao país americano, os filipinos não possuíam os mesmos direitos que qualquer cidadão estadunidense, algo equivalente ao território caribenho de Porto Rico que também fora concedido como resolução do conflito.<sup>175</sup> Assim, os asiáticos não eram tratados como imigrantes ilegais, no entanto, com trabalhos braçais e mal remunerados, recebiam um tratamento semelhante aos negros e latino-americanos, cidadãos de segunda categoria para a maioria branca e protestante. Em *The Golden Horseshoe*, ao retornar à mansão da senhora Ashcraft para conversar sobre o paradeiro de seu marido em Tijuana, o detetive encontrou a residência destrancada e com marcas de desordem e violência:

Puxando meu pé para trás, procurei fósforos no bolso e toquei em um. Na minha frente, com a cabeça e os ombros apoiados no chão, os quadris nos degraus inferiores de um lance de escada, estava um menino filipino de cueca.

Ele estava morto. Um olho foi cortado e sua garganta foi talhada em linha reta, perto do queixo. Eu podia ver a matança sem nem mesmo fechar os olhos. No topo da escada - a mão esquerda do assassino se chocando contra o rosto do filipino - a unha do polegar cravando no olho - empurrando o rosto moreno para trás - apertando a garganta marrom para o fio da faca - o corte - e o empurrão escada abaixo.<sup>176</sup>

A violência fazia parte dessas narrativas. O corpo não era nada mais do que o vestígio do assassinato que o detetive reconstituía enquanto buscava por sobreviventes ou por mais informações do que ocorreu no local. O filipino era apenas um elemento do cenário, seu nome não era mencionado, e ele não tinha importância para o desenrolar da

---

I had once, half-joking, promised to give the lad a thing at gumshoeing if the opportunity ever came. I thought I could use him now.

‘Come in, sir!’

He was dragging a chair out of a corner for me, bowing and smiling. Whatever else the Spaniards do for the people they rule, they make them polite. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 304.

<sup>175</sup> TRASK, David F. *The war with Spain in 1898*. University of Nebraska Press, 1996.

<sup>176</sup> Pulling my foot back, I felt in my pocket for matches, and struck one. In front of me, his head and shoulders on the floor, his hips legs on the lower steps of a flight of stairs, lay a Filipino boy in his underclothes.

He was dead. One eye was cut, and his throat was gashed straight across, close up under his chin. I could see the killing without even shutting my eyes. At the top of the stairs – the killer’s left hand dashing into the Filipino’s face – thumb-nail gouging into eye – pushing the brown face back – tightening the brown throat for the knife’s edge – the slash – and the shove down the steps. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 187.

trama. Reflexo de como a sociedade via o estrangeiro, tais narrativas policiais expunham um realismo visceral. O papel do capital assumia características importantes nos *hard-boiled* ao se relacionar, também, à imigração ilegal. Reforçou, assim, a verossimilhança desse gênero com o público leitor, como a venda de mão de obra ilegal chinesa, um dos subtramas do conto *Dead Yellow Man*. Tal assunto também foi tratado em *Corkscrew*. O detetive logo que chegou ao local caminhou a uma lanchonete identificou seu proprietário que:

não era um judeu - um armênio ou algo do tipo, pensei. Ele era um homem pequeno, velho, esquelético, de pele escura, enrugado e risonho.

‘Você é o novo xerife?’. Perguntou e quando sorriu, vi que ele não tinha dentes.

‘Delegado,’ admiti, ‘e com fome. Vou comer tudo o que você tiver que não morder de volta e que não vai demorar muito para ficar pronto.’

‘Certo!’ Ele se virou para o fogão e começou a bater nas panelas. ‘Precisamos de xerifes,’ disse ele por cima do ombro. ‘Claro, precisamos deles!’

‘Alguém está pegando no seu pé?’

Ele mostrou suas gengivas vazias em outro sorriso.

‘Ninguém está pegando no meu pé - isso eu te digo!’ Ele balançou a mão pegajosa em um barril de açúcar sob as prateleiras atrás do balcão. ‘Eu os conserto decididamente!’<sup>177</sup>

Continental Op escrutinava as características de todos que via. Sua descrição detalhista das feições dos personagens lhe permitia sondar traços físicos em comum dentre os estrangeiros. Esse método funcionava como uma forma de catalogação de elementos com potencialidade de incorrerem na criminalidade. Além disso, essa passagem também expôs uma desconfiança local com relação aos forasteiros típica das narrativas de *cowboy* do século XIX que no caso do proprietário do local, imigrante, tinha uma ressonância de autoproteção. Defesa essa que estava relacionada ao fato de uma companhia estar preocupada em pacificar a região para facilitar a colonização por

---

<sup>177</sup> wasn't a Jew – an Armenian or something of the sort, I thought. He was a small man, old, scrawny, dark-skinned, wrinkled and cheerful.

‘You the new sheriff?’ he asked, and when he grinned I saw he had no teeth.

‘Deputy,’ I admitted, ‘and hungry. I’ll eat anything you’ve got that won’t bite back, and that won’t take long to get ready.’

‘Sure!’ He turned to his stove and began banging pans around. ‘We need sheriffs,’ he said over his shoulder. ‘Sure, we need them!’

‘Somebody been picking on you?’

He showed his empty gums in another grin.

‘Nobody pick on me – I tell you that!’ He flourished a stringy hand at a sugar barrel under the shelves behind his counter. ‘I fix them decidedly!’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 271.

imigrantes aceitos segundo a moralidade branca e protestante, o que, de acordo com a características do imigrante armênio, não se circunscrevia a ele. Segundo o detetive,

não é segredo para ninguém que ambas as fronteiras dos Estados Unidos estão cheias de espaços sem lei como nos velhos tempos. Existe muito dinheiro em transportar imigrantes de maneira ilegal e isso chamou a atenção de cavalheiros que não se importam com a origem do dinheiro desde que ele venha fácil. Com apenas 450 inspetores de imigração divididos nas duas fronteiras, o governo não é capaz de fazer muita coisa. O palpite oficial é que em torno de 135 mil estrangeiros entraram nos EUA pelas portas não oficiais no último ano. Comparado com isso, corrupção, tráfico de rum ou drogas são brincadeiras de criança!<sup>178</sup>

O dono da lanchonete pretendia preservar o que conquistou, não sabendo ao certo se chegou ao país de forma irregular. A apreensão dele era reforçada pela característica porosa da fronteira entre Estados Unidos e México, principal via de acesso de imigrantes para o meio-oeste estadunidense. A atuação da companhia colonizadora era para diminuir esse tráfico de pessoas e garantir a ocupação do território, com a intenção de desenvolvê-lo através da construção de ferrovias e de linhas telefônicas, de acordo com uma ideia de autenticidade estadunidense através da qual os imigrantes aceitos passariam por um crivo étnico, religioso e social em diálogo com a Lei Seca. Antes que o local se tornasse livre de sujeitos indesejáveis, o detetive descobriu que o líder local de uma gangue tinha um acordo com um coioete mexicano que lhe fornecia mão de obra através da fronteira:

'Acho que ele trabalha para Bardell. Outra coisa que você deve incluir em seu registro é que esses estrangeiros que compram sua maneira de contornar a mentira nem sempre - nem mesmo a maioria - chegam onde querem. Não é nada incomum hoje em dia encontrar alguns ossos no deserto ao lado de uma sepultura até os coiotes a abrirem. E os urubus estão engordando! Se o imigrante tem alguma coisa que valha a pena enfrentar, ou se alguns homens do governo deixam os contrabandistas nervosos, eles geralmente largam o cliente e o colocam no lugar onde ele caiu.'<sup>179</sup>

<sup>178</sup> 'It's no secret from anybody that both borders of this United States are sprinkled with sections that are as lawless now as they ever were in the old days. There's too much money in running immigrants over the line, and it's too easy, not to have attracted a lot of gentlemen who don't care how they get their money. With only 450 immigration inspectors divided between the two borders, the government hasn't been able to do much. The official guess is that some 135.000 foreigners were run into the country last year through back and side doors. Compared to this graft, rum-running – even dope-running – is kid stuff!' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 281.

<sup>179</sup> 'I reckon he works for Bardell. Another thing you got to include in your tally is that these foreign gents who buy their way across the lie don't always – nor even mostly – wind up where they want to. It ain't nothing unusual these days to find some bones out in the desert beside that was a grave until the coyotes opened it. And the buzzards are getting fat! If the immigrant's got anything worth taking on him, or if a couple of government men happen to make the smuggling gents nervous, they usually drop their costumer and dig him in where he falls.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 282.

Depois de coletar informações, conhecer as gangues, esquadrihar o local, o detetive começou a elaborar um plano para confrontar as duas gangues que disputavam a cidade. Buscou enfraquecer uma delas, principalmente descobrindo o local onde os imigrantes ilegais eram escondidos com o intuito de acabar com o fornecimento de homens que poderiam fortalecer um lado do conflito. Assim, chegou ao esconderijo do mexicano e se deparou, em um quarto trancado por fora, com sete imigrantes:

‘Quietos!’ Gritei a eles.

Eles sabiam o que queria dizer, mesmo que não entendessem a palavra. A babel parou e nós os examinamos. Todos os sete pareciam ser estrangeiros - e uma gangue de assassinos de aparência dura. Um japonês baixo com uma cicatriz de orelha a orelha; três eslavos, um barbudo, corpo em barril, olhos vermelhos, os outros dois com cabeça de bala e rosto astuto; um moreno forte que era sem dúvida um grego; um homem de pernas arqueadas cuja provável nacionalidade eu não conseguia adivinhar; e um homem pálido e gordo, cujos olhos azul-porcelana e boca vermelha enrugada eram provavelmente teutônicos.

Tentei me lembrar de algumas das palavras que costumávamos pensar que eram francesas na A. E. F. [Força Expedicionária Americana].

‘*Que désirez-vous?*’ [O que vocês querem] trouxe um sorriso radiante ao rosto gordo do homem de olhos azuis.

Eu peguei ‘*Nous allons à les États-Unis*’ [Vamos para os Estados Unidos] antes que a velocidade com que ele jogou as palavras me confundisse além de reconhecer qualquer outra coisa.

Aquilo foi engraçado. Big ‘Nacio não deixou essas pessoas saberem que eles já estavam nos Estados Unidos. Suponho que ele poderia administrá-los melhor se pensassem que ainda estavam no México.<sup>180</sup>

Ao desbaratar as relações entre criminosos que faziam com que o fluxo de capital aumentasse em atividades ilícitas, o detetive expunha redes clientelistas do submundo do crime que fortaleciam as organizações criminosas e envolviam, também, o poder estatal,

---

<sup>180</sup> ‘Quiet!’ I yelled at them.

They knew what I mean, even if they didn’t understand the word. The babel stopped and we looked them over. All seven seemed to be foreigners – and a hard-looking gang of cut-throats. A short Jap with a scar from ear to ear; three Slavs, one bearded, barrel-bodied, red-eyed, the other two bullet-headed, cunning-faced; a swarthy husky who was unmistakably a Greek; a bowlegged man whose probable nationality I couldn’t guess; and a pale fat man whose china-blue eyes and puckered red mouth were probably Teutonic.

I tried to remember some of the words we used to think were French in A. E. F. [American Expeditionary Force].

‘*Que désirez-vous?*’ brought a bright smile to the fat face of the blue-eyed man.

I caught ‘*Nous allons à les États-Unis*’ before the speed with which he threw the words at me confused me beyond recognizing anything else.

That was funny. Big ‘Nacio hadn’t let these birds know that they were already in the United States. I suppose he could manage them better if they thought they were still in Mexico. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 291.

o que redimensionavam o papel dos bares. Segundo McGirr, antes mesmo da promulgação da lei, os *saloons*, estruturando essas redes, funcionavam como instituições políticas informais dos democratas, republicanos e socialistas, para obter votos e lealdade através de serviços locais, destacando, dessa forma, líderes locais, tanto estadunidenses quanto estrangeiros, que começaram a atuar e adquiriram poder em um âmbito que o poder federal era escasso.<sup>181</sup>

### **Bares clandestinos: corrupção, crime organizado e sociabilidade**

Com o fechamento dos bares surgiram novos locais para consumo de bebidas alcoólicas, como bares clandestinos feitos em porões de farmácias, criando-se novas maneiras de venda para uma clientela conhecida com o intuito de manter tudo em segredo.<sup>182</sup> Para Claire Bond Potter,

Embora a Lei Volstead tenha fechado o principal alvo dos defensores da temperança, o *saloon*, locais ilegais e secretos de distribuição proliferaram. As cervejarias, com permissão para produzir legalmente cerveja com a maior parte do álcool removida, fizeram acordos com gangsters que produziam e vendiam "coisas reais" para bares clandestinos. O álcool industrial transformava quase cerveja em "*needle beer*" [cerveja feita de álcool etílico] espionada; com sabores e cor adicionados, o produto químico frequentemente venenoso também era vendido como bebida "ligada".<sup>183</sup>

Assim, começaram a surgir manufaturas caseiras de bebidas para consumo próprio e venda aos vizinhos, com lojas vendendo matérias-primas para a produção. Segundo McGirr, essa forma de produção em menor escala fez com que as casas se tornassem novos espaços de convivência nas quais os vizinhos pobres, com o alto preço das cervejas em bares clandestinos, encontravam-se para consumir. Ou, também, consumia-se em outros países, atravessando a fronteira rumo ao México ou ao Canadá, como descrito em *The Golden Horseshoe*. O detetive fez um comentário após beber a cerveja local que

---

<sup>181</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 16.

<sup>182</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 48-49.

<sup>183</sup> Although the Volstead Act had shut down the primary target of temperance advocates, the saloon, illegal and secret sites of distribution proliferated. Breweries, permitted to produce legal near beer with most of the alcohol removed, made deal with gangsters who produced and sold the 'real stuff' to speakeasies, Industrial alcohol turned near beer into spied 'needle beer'; with flavors and color added, the frequently poisonous chemical was also sold as 'bonded' liquor. POTTER, Claire Bond. *War on crime: bandits, g-men, and the politics of mass culture*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998. P. 14.

traduzia tanto o comportamento dos consumidores estadunidenses de bebidas alcólicas quanto, justamente para atraí-los, essas cidades mantinham uma produção de cervejas e estabelecimentos que copiavam o modelo existente nos Estados Unidos antes da lei proibicionista:

A cerveja não era ruim, para uma “*green beer*” [uma cerveja que passou pela primeira fermentação, mas ainda não foi submetida a um período de acondicionamento antes de ser embalada]; mas a 50 centavos a garrafa, não era grande coisa. Esta Tijuana por acaso fica no México - cerca de um quilômetro - mas é uma cidade americana, administrada por americanos, que vendem bebida artificial americana a preços americanos. Se você souber se locomover nos Estados Unidos, poderá encontrar muitos lugares - especialmente perto da linha canadense - onde uma boa bebida pode ser comprada por menos do que se encharcar com veneno em Tijuana.<sup>184</sup>

No ambiente caseiro homens e mulheres trabalhavam juntos na produção de bebidas alcoólicas para gerar uma renda familiar suplementar.<sup>185</sup> A produção de bebidas alcoólicas clandestinas aumentou, principalmente após os anos 1920, mesmo com a queda do consumo ocasionada nos primeiros anos de vigência da Lei Seca, gerando muito lucro e um novo ordenamento das cidades com ocupação de locais abandonados e locais isolados para a produção de bebidas com o intuito de atrair menos atenção. De acordo com Potter, a proibição fez com que a produção ficasse muito rentável:

Alambiques sempre foram nativos de condados rurais, como uma forma de os agricultores converterem as safras básicas em dinheiro tão necessário. Mas, quando o mercado de álcool explodiu depois de 1920, os destilados surgiram em todos os lugares. Um anúncio ainda pagava seu custo de quinhentos dólares em apenas três ou quatro dias; licor produzido a um custo médio de cinquenta centavos por galão vendido por entre três e quatro dólares[...]. Os gangsters transformaram milhares de casas de bairros miseráveis em pequenas cervejarias.<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> The beer wasn't bad, for green beer; but at four bits a bottle it wasn't anything to write home about. This Tijuana happens to be in Mexico – by about a mile – but it's an American town, run by Americans, who sell American artificial booze at American prices. If you know your way around the United States you can find lots of places – especially near the Canadian line – where good booze can be bought for less than you are soaked for poison in Tijuana. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 183.

<sup>185</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 52-53.

<sup>186</sup> Stills had always been indigenous to rural counties, as a way for farmers to convert staple crops into much-needed cash. But when the alcohol market boomed after 1920, stills sprang up everywhere. A commercial still repaid its five-hundred-dollar cost in only three or four days; liquor produced at an average cost of fifty cents per gallon sold for between three and four dollars[...]. Gangsters organized thousands of slum residences into microbreweries. POTTER, Claire Bond. *Ibidem*. p. 14.

Assim, o crime organizado se fortaleceu. Surgindo disputas entre gangues pelas regiões produtoras e pelo mercado consumidor.<sup>187</sup> Confrontos esses que faziam parte de desfechos organizados pelos detetives nas narrativas policiais. Fato era que nos contos analisados a disputa não era, em si, por controle do mercado ilegal de bebidas alcólicas e sim pelo capital de atividades que foram potencializadas durante a Lei Seca. Ou que foram secundadas por ela diante do fortalecimento da aplicação da lei até 1925, havendo uma menor fiscalização para outros crimes. Dessa forma, eram esses outros delitos que foram investigados nos contos, fazendo com que a agência, por meio de sua oferta de detetives privados, suprisse uma ausência estatal de investigadores que foram desviados para reforçar a aplicação da lei proibicionista. Destacando-se, mais uma vez, a característica fetichista com relação ao capital nos *hard-boiled*.

Houve, também, cooperação, em diferentes patamares, através de subornos e corrupção, entre o crime organizado e oficiais do Estado, além da participação da polícia tanto na defesa de organizações criminosas quanto na venda de serviços de segurança a locais que vendiam bebidas alcoólicas.<sup>188</sup> No entanto, o crime nos anos 20 não representava algo novo, visto que a corrupção política, as gangues e a existência de sindicatos do crime existiam desde 1910. A consolidação dessas forças aumentou através dos ganhos ilícitos do álcool. Ganhos estes que fizeram com que muitos imigrantes se associassem ao submundo do crime, gerando um sentimento anti-imigrante, principalmente com relação aos alemães em virtude da Primeira Guerra Mundial, além de estereótipos os relacionando aos crimes para gerar uma contraposição, mais uma vez, ao modelo moralista branco e protestante.<sup>189</sup>

Essa cooperação estava relacionada com a erosão do entusiasmo pela Lei Seca a partir de 1925. Segundo Clark, o rigor da aplicação da lei foi mais efetivo até essa data principalmente em estados que tinham leis proibicionistas antes da efetiva emenda à constituição, ressaltando diferenças entre meios rurais e urbanos nos entes federados que tinham uma tradição proibicionista que remontava ao século XIX.<sup>190</sup> A diminuição da euforia com relação à eficácia da lei estava de acordo com o que os

proibicionistas urbanos aprenderam que a bebida ilegal, tal como o jogo e a prostituição, poderia encontrar um submundo calorosamente

---

<sup>187</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 53-54.

<sup>188</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 54-56

<sup>189</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 58.

<sup>190</sup> CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 158.

hospitaleiro e prosperar no ambiente urbano. Assim, as bebidas alcoólicas contrabandeadas, tal como o sexo ilegal e os jogos de cartas, facilmente inclinaram os policiais e os políticos para a opinião de que as leis não podem mudar a natureza humana.<sup>191</sup>

Havia essa percepção nas narrativas de Hammett por meio da transgressão à Lei Seca que fez com que muitos traficantes de bebidas enriquecessem. No conto *The girl with silver eyes*, Continental Op comentou como um dono de um bar clandestino acumulou dividendos:

'Bem, é um buraco difícil. Administrado por "Tin-Star" Joplin, um ex-assaltante que investiu seus ganhos no lugar quando a Lei Seca tornou boa a jogada dos bares de estrada. Ele ganha mais dinheiro agora do que jamais ouviu falar em seus dias itinerantes de arrombamento de cofres. Vender bebidas alcoólicas é algo secundário para ele; seu lucro real vem de atuar como uma estação de retransmissão para a bebida que vem através da baía de Halfmoon para lugares mais além; e a informação é que metade da bebida colocada em terra pela frota de rum do Pacífico é desembarcada na baía de Halfmoon.'<sup>192</sup>

O acúmulo de capitais proveniente dessas atividades nos romances policiais era um crime menor que conferia um antepassado criminoso. A experiência no ramo justificava outros crimes pelos quais haveria a investigação nos contos. Entrar para esse mundo de violação seria uma forma de atrair os jovens em busca de dinheiro, de ação que lhes dariam algum sentido à vida, fascinados pelas ondas de crimes que a própria imprensa veiculava, de liberdade aliada à rebeldia confrontando o modelo conversador da geração dos mais velhos. No conto *Dead Yellow Woman*, o jovem Jack Garthorne, que foi preso por esmurrar um agente da Lei Seca e causar um desgosto enorme ao pai, aceitou ser cooptado por uma gangue chinesa:

Foi essa a situação quando se deparou com The Whistler, que sugeriu que um tipo com o rosto de Garthorne poderia ganhar algum dinheiro fácil no tráfico de rum se ele fizesse o que lhe foi dito para fazer. Garthorne estava suficientemente disposto a isso. Ele não gostava da Lei Seca - tinha

---

<sup>191</sup> urban Prohibitionists learned that illegal booze, just like gambling and prostitution, could find warmly hospitable undergrounds and prosper in the urban environment Thus bootlegged liquor, like outlawed sex and card games, easily inclined policemen and politicians toward the view that laws can't change human nature. CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 164.

<sup>192</sup> 'Well, it's a tough hole. Run by "Tin-Star" Joplin, an ex-yegg who invested his winnings in the place when Prohibition made the roadhouse game good. He makes more money now than he ever heard of in his piking safe-ripping days. Retailing liquor is a sideline with him; his real profit comes from acting as a relay station for the booze that comes through Halfmoon Bay for points beyond; and the dope is that half the booze put ashore by Pacific rum fleet is put ashore in Halfmoon Bay.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 145.

causado a maior parte dos seus problemas. O tráfico de rum lhe pareceu romântico - tiros no escuro, luzes de sinalização a estibordo da proa, e assim por diante.

The Whistler, ao que parecia, tinha barcos, bebidas e clientes esperando, mas seus arranjos de desembarque estavam errados. Ele estava de olho em uma pequena enseada na costa que era um local ideal para desembarcar bebida alcoólica. Não era nem muito perto nem muito longe de São Francisco. Era protegido de ambos os lados por pontas rochosas e escondido da estrada por uma grande casa com cerca vivas altas. Dado o uso daquela casa, seus problemas acabariam. Ele poderia desembarcar sua bebida na enseada, correr para dentro da casa, reembalá-la inocentemente lá, colocá-la pela porta da frente em seus automóveis e lançar na cidade sedenta.<sup>193</sup>

Para Kathleen Drowne, o contrabandista de bebidas era visto como uma atividade pseudo-respeitável, ocupando uma posição impressionante e invejável na sociedade, pois ele era percebido como corajoso o suficiente para desafiar a Constituição, esperto para ficar rico mais rapidamente, ambicioso para se aliar com forças de proteção poderosas e astuto para fornecer bebidas, ao estadunidense comum, bebidas que eles não poderiam adquirir.<sup>194</sup>

Com o aumento da repressão aos bares, fechando-os e remodelando as cidades, deixando-as mais silenciosas, estes locais começaram a perder a importância como estabelecimentos de convivência e como instituições políticas informais, diminuindo, inicialmente, o poder dos líderes locais. No entanto, diante da enormidade da ação para se aplicar a lei, notou-se, segundo James Morone, a falta de contingente nos departamentos de polícia para vistoriar a lei: "O departamento de Nova Iorque anunciou, duas semanas após a proibição, que não dispunha de recursos humanos para o trabalho de detetive nas violações da lei Volstead. Esse trabalho teria de ir para os federais."<sup>195</sup>

---

<sup>193</sup> That was the situation when he ran into The Whistler, who suggested that a chap with Garthorne's front could pick up some easy money in the rum-running game if he did what he was told to do. Garthorne was willing enough. He didn't like Prohibition – it had caused most of his troubles. Rum-running sounded romantic to him – shots in the dark, signal lights off the starboard bow, and so on.

The Whistler, it seemed, had boats and booze and waiting customers, but his landing arrangements were out of whack. He had his eyes on a little cove down the shore line that was an ideal spot to land hooch. It was neither too close nor too far from San Francisco. It was sheltered on either side by rocky points, and screened from the road by a large house and high hedges. Given the use of that house, his troubles would be over. He could land his hooch in the cove, run it into the house, repack it innocently there, put it through the front door into his automobiles, and shoot it to the thirsty city. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 323.

<sup>194</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem*. p. 60..

<sup>195</sup> "The New York department announced, two weeks into Prohibition, that it did not have the manpower to spare for detective work on Volstead violations. That job would have to go to the feds." MORONE, James A. *Hellfire nation: the politics of sin in American history*. Yale University Press: New Haven & London, 2003, p. 326.

Este reforço federal na aplicação da lei, criando agências para este fim, corroborou o fato de que a proibição serviu como uma intrusão profunda na vida privada e contribuiu para o crescimento do poder do Estado. A questão do federalismo estava presente, pois a aplicação e a punição era empreendimentos dos estados e dos municípios, havendo leis locais que endureciam a aplicação da Lei Seca,

Em 1919, o Arkansas criminalizou a posse e o armazenamento, declarando "fabricar ou dar bebidas alcoólicas intoxicantes" um crime. No Mississippi, fabricar ou destilar licor intoxicante era também um crime "punível com prisão na penitenciária estatal". O draconiano Dean Act de 1919 do Texas penalizou a posse com uma pena de prisão de um a cinco anos e até criminalizou a publicidade a bebidas alcoólicas como delito criminal.<sup>196</sup>

Para Morone, a Lei Seca expandiu o setor público: agentes federais desenvolveram novas habilidades, as cortes exploraram novas doutrinas, os estados organizaram novos tipos de políticas de aplicação da lei.<sup>197</sup> Segundo Levine, houve uma inexecutabilidade da proibição baseada no fato de que milhões de pessoas não respeitavam a lei, com bares abertos durante todo o dia em diversas cidades, tanto grandes quanto pequenas, além de haver um número insuficiente de agentes federais para a fiscalização.<sup>198</sup> Para McGirr, agentes responsáveis pela aplicação da lei violentaram, frequentemente, proteções constitucionais fazendo aplicações seletivas diferenciando região, raça, etnicidade, classe.<sup>199</sup> Essa seletividade se aliava com um aumento do abuso de autoridades policiais em relação às minorias étnicas e raciais, associando-as com a criminalidade.<sup>200</sup> Tal tratamento fez com que a desconfiança em relação aos policiais aumentasse. De acordo com Drowne, gerou-se um conflito moral por meio do qual os cidadãos violaram as leis federais e escolheram princípios próprios no lugar da Constituição, direcionando, desse modo, a uma perda de referência para com certas formas de autoridade e, conseqüentemente, de respeito pelo governo.<sup>201</sup>

---

<sup>196</sup> In 1919, Arkansas criminalized possession and storage, declaring 'to manufacture or give away intoxicating liquor' a felony. In Mississippi manufacturing or distilling intoxicating liquor was also a felony 'punishable by imprisonment in the state penitentiary'. Texas' draconian 1919 Dean Act penalized possession with a prison term of one to five years and even criminalized liquor advertising as a felony offense. McGIRR, Lisa. *Ibidem.* p. 70-71.

<sup>197</sup> MORONE, James A. *Ibidem.* p. 330-331.

<sup>198</sup> LEVINE, Harry G. *Ibidem.*, p. 66.

<sup>199</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem.* p. 71-72.

<sup>200</sup> McGIRR, Lisa. *Ibidem.* p. 93.

<sup>201</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem.* p. 9.

No conto *Dead Yellow Woman* esse receio fez com que Lilian Shan contratasse a agência para investigar as mortes em sua propriedade:

Dois xerifes-adjuntos vieram à casa, ouviram sua história, vasculharam e encontraram outro corpo chinês - outra mulher estrangulada - enterrado no porão. Aparentemente, ela estava morta há uma semana ou uma semana e meia; a umidade do solo tornava impossível uma datação mais positiva. Lilian Shan a identificou como outra de suas empregadas. [...]

‘Não estou nada satisfeita com a tentativa que as autoridades do condado de San Mateo fizeram para prender o assassino ou assassinos,’ ela concluiu. ‘Desejo contratar sua agência.’<sup>202</sup>

A personagem feminina do conto carregava uma aura de mistério, como muitas mulheres nas narrativas policiais de Hammett, que denunciou o seu envolvimento com as gangues e a causa dos chineses contra os japoneses. O detetive desvelou esses envolvimentos, mas não a prendeu, pois precisava dela para o plano de confronto das gangues. Sabia também que não fora ela quem assassinou os empregados em sua mansão, por mais que ela não esclarecesse a sua não participação. Op guardou essas informações pois sabia a hora certa para utilizá-las, o que os policiais do condado não sabiam. O que poderia traduzir a seletividade étnica baseada em um estereótipo de criminalidade associado ao estrangeiro:

Um homem de rosto ossudo e bigode rosado abriu a porta quando toquei a campainha de Lillian Shan. Eu o conhecia - Tucker, o xerife-adjunto.

‘Olá,’ ele disse. ‘O que você quer?’

‘Estou procurando ela também.’

‘Continue procurando,’ ele sorriu. ‘Não me deixe impedi-lo.’

‘Não está aqui, não é?’

‘Não. A sueca que trabalha para ela diz que entrou e saiu meia hora antes de eu chegar aqui, e já estou aqui há cerca de dez minutos.’

‘Tem um mandado para ela?’ Perguntei.

‘Pode apostar! O motorista dela abriu o bico.’<sup>203</sup>

<sup>202</sup> Two deputy sheriffs had come to the house, had listened to her story, had poked around, and had found another Chinese body – another strangled woman – buried in the cellar. Apparently she had been dead a week or a week and a half; the dampness of the ground made more positive dating impossible. Lilian Shan identified her as another of her servants. [...]

‘I am not at all satisfied with the effort the San Mateo County authorities have made to apprehend the murderer or murderers,’ she wound up. ‘I wish to engage your agency.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 302.

<sup>203</sup> A bony-faced man with pinkish mustache opened the door when I rang Lillian Shan’s bell. I knew him – Tucker, a deputy sheriff.

‘Hullo,’ he said. ‘What d’you want?’

‘I’m hunting for her too.’

‘Keep on hunting,’ he grinned. ‘Don’t let me stop you.’

‘Not here, huh?’

Por mais que nessas narrativas o enfoque estivesse nos violadores das leis, e não nos responsáveis por aplicá-las, as autoridades policiais apareciam para endurecer um viés punitivo no qual a seletividade era destacada, violentando frequentemente proteções constitucionais. Houve um aumento de invasões de propriedades privadas por parte de agentes federais o que exacerbou a interferência estatal na vida privada:

A lógica da Lei Seca colocava a residência particular em risco especial. As leis estaduais e federais sobre o álcool levaram a produção de bebidas alcoólicas de instalações industriais a estruturas mais informais, como destilarias familiares. Como nunca antes na história dos EUA, como resultado, o governo invadiu residências particulares, principalmente de cidadãos mais pobres, em uma campanha ampla, sistemática e coercitiva. Cidadãos abastados estavam, em sua maior parte, isentos de ações policiais draconianas e, nos poucos casos em que os cruzados anti-liquor passavam dos limites, seus alvos ricos causavam tumultos altamente públicos nos jornais e nos tribunais.<sup>204</sup>

O detetive possuía uma fluidez entre atos legais e ilegais. As leis, como a criação do mandato de busca, surgiram para conferir proteção aos policiais e uma forma de resguardar a vida privada. Conhecedor da atuação dos policiais, Continental Op usava as artimanhas que fossem mais convenientes no âmbito da investigação. Sua atuação era um reflexo da problemática da aplicação e endurecimento da Lei Seca pois, como visto, o submundo do crime podia atrair as mais diversas pessoas. Enquanto de um lado o agente privado buscava convencer o seu colega a infringir a lei diante do imediatismo de uma ação que poderia avançar a investigação:

‘Devíamos ter papéis, mesmo assim,’ ele hesitou.

“Claro,” concordei, “mas você pode arranjá-los depois. É para isso que você está aqui. O condado de Contra Costa a quer - talvez para julgá-la por assassinato. Isso é todo pretexto de que precisamos para entrar no boteco. Nós vamos lá por ela. Se acontecer de nós toparmos com qualquer outra coisa - muito bem. [...]

---

‘Nope. The Swede woman that works for her says she was in and out half an hour before I got here, and I’ve been here about ten minutes now.’

‘Got a warrant for her?’ I asked.

‘You bet you! Her chauffeur squawked.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 322.

<sup>204</sup> The logic of Prohibition put the private home at special risk. State and federal alcohol laws had driven liquor production from industrial plants to more informal structures such as mom-and-pop distillers. As never before in U.S. history, as a result, the government invaded private homes, mostly of poorer citizens, in a widespread, systematic, and coercive campaign. Well-to-do citizens were, for the most part, exempt from draconian police actions, and in the few instances when antiliquor crusaders overreached, their wealthy targets raised a highly public ruckus in the papers and the courts. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 89.

“Oh, tudo bem!” Disse ele amargamente. “Faça do seu jeito. Mas se você me destruir por revistar uma casa sem autoridade, terá que me dar um emprego na sua agência de transgressão da lei.”<sup>205</sup>

De outro, o detetive exigia um amparo legal, pois desconfiava de seu contratante:

‘Senhor Pagburn,’ eu disse depois de um tempo, ‘gostaria de cuidar disso para você, mas não tenho certeza se posso. A Continental é bastante rígida e, embora eu acredite que essa coisa esteja no nível, ainda sou apenas um homem contratado e tenho que seguir as regras. Agora, se você pudesse nos dar o aval de alguma firma ou pessoa importante - um advogado de boa reputação, por exemplo, ou qualquer parte legalmente responsável - teríamos o prazer de prosseguir com o trabalho. Caso contrário, receio - ‘

‘Mas eu sei que ela está em perigo!’ Ele rebentou. ‘Eu sei disso - e eu não posso divulgar sua situação - expor seus casos - para todos.’

‘Sinto muito, mas não posso tocar o caso a menos que você possa me dar algum aval.’ Eu me levantei. ‘Mas você pode encontrar muitas agências de detetives que não são tão exigentes.’ [...]

‘Ouso dizer que você está certo. Suponha que eu te encaminhe para meu cunhado, Roy Axford. Sua palavra será suficiente?’

‘Sim.’

Roy Axford era um mineiro que participava de pelo menos metade das grandes empresas da costa do Pacífico; e sua palavra sobre qualquer coisa era comumente considerada boa o suficiente para qualquer pessoa.<sup>206</sup>

Pragmático, ele, ao fluir entres os dois universos, conferia autenticidade ao seu ofício. Sabia conduzir as investigações para as quais fora contratado, mas não somente para elas. O crime de alguma forma sempre era resolvido, outros eram suavizados ou

---

<sup>205</sup> ‘We ought to have papers, even at that,’ he stalled.

‘Sure,’ I agreed, ‘but you can get them fixed up afterward. That’s what you’re here for. Contra Costa county wants her – maybe to try her for murder. That’s all excuse we need to get into the joint. We go there for her. If we happen to run into anything else – well and good.’ [...]

‘Oh, all right!’ he said sourly. ‘Have it your way. But if you get me smashed for searching a house without authority, you’ll have to give me a job with your law-breaking agency.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 260.

<sup>206</sup> ‘Mr. Pagburn,’ I said after a while, ‘I’d like to handle this thing to you, but I’m not sure that I can. The Continental is rather strict, and, while I believe this thing is on the level, still I am only a hired man and have to go by the rules. Now if you could give us the endorsement of some firm or person of standing – a reputable lawyer, for instance, or any legally responsible party – we’d glad to go ahead with the work. Otherwise, I am afraid –’

‘But I know she’s in danger!’ he broke out ‘I know that – And I can’t be advertising her plight – airing her affairs – to everyone.’

‘I’m sorry, but I can’t touch it unless you can give me some such endorsement.’ I stood up. ‘But you can find plenty of detective agencies that aren’t so particular.’ [...]

‘I dare say you are right. Suppose I refer you to my brother-in-law, Roy Axford. Will his word be sufficient?’

‘Yes.’

Roy Axford was a mining man who had a finger in a least half of the big business enterprises of the Pacific Coast; and his word on anything was commonly considered good enough for anybody. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 137-138.

deixados de lado. Pessoas que tinham envolvimento claro com atividades ilícitas, se colaborassem com a investigação do detetive, eram inocentadas ou não eram mencionadas nos inquéritos. Trabalhava com a Lei Seca no seu pretexto de dismantelar organizações de trabalhadores, disciplinando-os, e no combate à imigração ilegal. Por outro lado, a sua atuação reforçava a ideia de oposição à emenda constitucional ao ver os produtores e traficantes de bebidas alcólicas como trabalhadores que almejavam uma fonte de renda, uma forma de sobrevivência, e que viam a lei proibicionista como um modo cruel e injusto de tornar criminosa uma oportunidade econômica.<sup>207</sup> Por isso que ele consumia bebidas e se relacionava com donos de estabelecimentos. Portanto, essas narrativas expunham uma sociedade ambígua dentro de uma pluralidade de vivências urbanas.

Diversidade esta, aliada a uma população mais jovem e aos muitos problemas de aplicação da lei, faria com que surgissem movimentos de contestação à 18ª emenda constitucional e de rebeldia a padrões conservadores de comportamento. Por meio desses questionamentos surgiriam e se fortaleceriam novas formas de expressão culturais e de liberalização das mulheres.

---

<sup>207</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem*. p. 42.

### 3 - AS MULHERES NO *HARD-BOILED*

#### Apoio das mulheres à criação da Lei Seca

Desde os anos 1870, movimentos proibicionistas se fortaleceram particularmente através da atuação de organizações de mulheres, com especial destaque a *Woman's Christian Temperance Union*, fundada em 1873. Com um viés fortemente protestante, incorporou uma cruzada de pureza social, um conflito contra estilos de vida diferentes, almejando fortalecer a temperança e a concepção própria de moralidade relacionada com a religião e com uma ideia de uma cultura típica estadunidense a ser seguida, do homem branco e protestante. Acima de tudo estava a defesa de valores familiares estadunidenses e do lar como fortaleza à desordem do mundo externo. Desordem essa provocada pelas bebidas alcólicas e tudo que estivesse relacionado a ela, segundo os proibicionistas, como os jogos de azar, a prostituição e a imigração.

Segundo Clark, o movimento das mulheres contra produção, venda e consumo de bebidas alcólicas não tinha como objetivo questionar a sabedoria convencional do lugar da mulher dentro do lar e sim, defender o lar e a sua pureza. Diante disso, elas saíram às ruas das principais cidades estadunidenses, cientes de que eram seus direitos e obrigações lutarem pelo fim das bebidas alcólicas. As mulheres, por meio de tais mobilizações, aumentaram a sua consciência social e sua influência na esfera pública.<sup>208</sup>

Na década de 1910, o movimento proibicionista foi reforçado pelo movimento sufragista através do entendimento de que o direito eleitoral deveria ser estendido às mulheres para que, dessa forma, a defesa da moralidade tivesse representantes eleitos por elas que alterariam a Constituição. No entanto, existiam divergências entre movimentos liderados pelas mulheres:

A ligação entre o sufrágio igualitário e a Lei Seca, entretanto, nem sempre era tão simples ou óbvia quanto os cervejeiros presumiam que fosse. Por exemplo, o *Women's Movement* era frequentemente distinto do *Women's Suffrage Movement*. O primeiro, um amplo movimento pelos direitos das mulheres, foi um movimento de reformas sociais radicais cujos pronunciamentos sobre as liberdades individuais ou mesmo o amor livre podiam soar como terríveis ameaças à família e causar profundo desgosto aos defensores da "proteção do lar" por meio do sufrágio feminino. Além

---

<sup>208</sup> CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 72-73.

disso, nem todos os defensores dos direitos das mulheres eram *antisaloon*. [...] Eles viam a questão do *saloon* como uma questão relativamente simples ou subordinada, e frequentemente ficavam frustrados e exasperados quando o proibicionista obstinado parecia explorá-los ou ficar em seu caminho.<sup>209</sup>

Para as mulheres “respeitáveis” defensoras do lar, os *saloons* estavam ligados ao pecado por meio da associação destes locais com a prostituição, o que poderiam ter um efeito destrutivo no ambiente familiar, através de doenças venéreas que eram equiparáveis às bebidas alcóolicas. Com o objetivo de afastar os homens igualmente “respeitáveis” desses ambientes, além de proteger as meninas do discurso liberalizante propagandeado pelos movimentos por mais liberdade às mulheres que, na concepção petista, poderiam levá-las às drogas, ao álcool e à degradação sexual, as campanhas anti-*saloon* expandiram:

Os cruzados proibicionistas atacaram bares nas pequenas cidades do oeste do país e nas cidades industriais do leste como "feridas cancerosas" e uma "ameaça social", um "inimigo do assalariado" e um fator que contribuiu para as "condições desoladoras de cortiços urbanos." A sexualidade indisciplinada nos *saloons* exclusivamente masculinos também aumentava o risco de doenças sociais. 'Mulheres respeitáveis, seja por proscrição ou costume, não frequentavam *saloons*. Alguns *saloons*, no entanto, tinham entradas laterais para mulheres e cabines privadas nos fundos, e eram locais de tráfico sexual.<sup>210</sup>

### **Ambiguidade das mulheres no *hard-boiled***

No conto *Scorched Face*, Hammett tratou de um culto hedonista no qual jovens mulheres eram sequestradas, drogadas e se envolvem sexualmente com os frequentadores

---

<sup>209</sup> The linkage between equal suffrage and Prohibition, however, was not often so simple or obvious as the brewers assumed it to be. For example, the Women's Movement was often distinct from the Women's Suffrage Movement. The first, a broad movement for women's right, was a reform movement of social radicals whose pronouncements about individual freedoms or even free love might sound like terrible threats to the family and cause deep chagrin to the advocates of 'home protection' through women's suffrage. Furthermore, not all women's rights advocates were antisaloon. [...]They saw the saloon question as a relatively simple or subordinate question, and they were often frustrated and exasperated when the single-minded Prohibitionist seemed to exploit them or to stand in their way. CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 105-106.

<sup>210</sup> Antiquor crusaders attacked saloons in the nation's small towns of the West and industrial cities of the east as 'cankorous sores' and a 'social menace', a 'foe of the wage-earner,' and a contributing factor to the 'bleak conditions of urban tenements.' Undisciplined sexuality in the all-male saloon also raised the risk of social disease. 'Respectable women, either by proscrition or custom, did not patronize saloons. Some saloons, however, had side entrances for women and private booths in back rooms, and were sites of sex trafficking. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 15.

do local. O escritor também dota o detetive, nesse conto, de um caráter mais humano, afetando o seu trabalho, o seu discernimento. Tanto era que, com uma forma um tanto paternalista, Continental Op buscou proteger uma das mulheres que foram exploradas, estabelecendo uma resolução do caso no qual ela era absolvida de qualquer envolvimento com o culto. Houve também, através de uma conversa entre o agente privado e o pai das garotas desaparecidas, um conflito geracional que teria repercussões no andamento do conto:

‘Dinheiro, claro. Nunca discordamos de mais nada. Dei a cada uma de minhas filhas uma mesada adequada - talvez uma muito liberal. Nem as mantive estritamente dentro dela. Houve poucos meses em que não a ultrapassaram. Na noite de quinta-feira, elas pediram uma quantia ainda maior do que o normal, além do que duas meninas deveriam precisar. Eu não daria a elas, embora finalmente tenha dado a elas uma quantia um pouco menor [do que foi pedido]. Não discutimos exatamente - não no sentido estrito da palavra - mas havia uma certa falta de amabilidade entre nós.’<sup>211</sup>

Essa desavença fez com que elas saíssem de casa em direção a uma casa de uma amiga delas, no carro que a mais velha dirigiria. Havia um entendimento por parte do detetive de que esse contexto liberalizante no qual elas foram educadas, que traduzia o embate de gerações durante a Lei Seca, não as livraram dos perigos pelo qual passaram. Para Pimentel, as mulheres eram concebidas como figuração regular e excitante do inferno terreno e os detetives, embriagados e sexualizados, ofereciam uma alternativa à banalidade diária ao mostrarem que não sucumbiam à deterioração e asseguraram a persistência de certos valores.<sup>212</sup> Reforçou a ideia do detetive como um cowboy urbanizado, um observador institucionalizado que, diante de uma cidade corrupta, da violência e das tentações sexuais mantinha sua conduta firme.<sup>213</sup> Essa dureza que transparecia em seu comportamento fez com que ele soubesse como lidar com as mulheres nos bares:

Kewpie deslizou para o banco ao meu lado. Ela era uma garotinha volumosa de talvez dezoito anos - nem um dia mais do que isso. Apenas uma criança. Seu cabelo curto era castanho e encaracolado sobre um rosto redondo de menino com olhos sorridentes e atrevidos.[...]

---

<sup>211</sup> ‘Money, of course. We never disagreed over anything else. I gave each of my daughters an adequate allowance – perhaps a very liberal one. Nor did I keep them strictly within it. There were few months in which they didn’t exceed it. Thursday evening they asked for an amount of money even more than usual in excess of what two girls should need. I wouldn’t give it to them, though I finally did give them a somewhat smaller amount. We didn’t exactly quarrel – not in the strict sense of the word – but there was a certain lack of friendliness between us.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 248.

<sup>212</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Ibidem*. p. 162-163.

<sup>213</sup> FIEDLER, Leslie. *Ibidem*. p. 347.

Comprei uma bebida para ela e peguei outra garrafa de cerveja. [...] ‘Ouvi que você está procurando um amigo meu’, disse Kewpie. [...] ‘Talvez eu pudesse te dizer como encontrá-lo, se eu soubesse que você não é um problema.’

‘Isso não faz nenhuma diferença para mim’, eu disse imprudentemente. ‘Tenho mais alguns minutos para desperdiçar e se ele não aparecer até lá, não faz diferença pra mim.’

Ela se aninhou no meu ombro.

‘Qual é o barulho? Talvez eu possa falar com o Ed.’

Coloquei um cigarro na boca dela, um na minha, e os acendi.

‘Deixe pra lá,’ blefei. ‘Este seu Ed parece ser tão exclusivo como todo o inferno. Bem, isso não tem nada a ver comigo. Vou te pagar outra bebida e depois andar por aí.’

Ela deu um pulo.

‘Espere um minuto. Vou ver se consigo alcançar ele. [...]’<sup>214</sup>

Nesse trecho do conto *The Golden Horseshoe*, o detetive foi à cidade mexicana de Tijuana. Essa cidade fronteiriça, pelo seu fluxo constante de estadunidenses, possuía estabelecimentos que foram proibidos nos Estados Unidos. Dessa forma, a caracterização dos *saloons* era a mesma, com a venda de bebidas alcóolicas em certa medida palatáveis aos consumidores do país do norte e com a existência, também, da prostituição. Tudo lhe era muito familiar. E por isso o tratamento com relação às mulheres não se alterou, além de falar em inglês em um território estrangeiro sabia como encaminhar o diálogo para obter a informação ou o encontro desejado sem que demonstrasse fraqueza diante do sexo feminino. Até mesmo quando não havia uma comunicação verbal. Como no conto *Dead Yellow Woman*, no qual o detetive, dentro da mansão, intrincada, cheia de corredores e de sala secretas, de um líder da comunidade chinesa de Chinatown, deparou-se com uma mulher:

---

<sup>214</sup> Kewpie slid into the seat beside me. She was a little chunky girl of perhaps eighteen – not a day more than that. Just a kid. Her short hair was a brown and curly over a round, boyish face with laughing, impudent eyes.

I bought her a drink and got another bottle of beer.[...]

‘I hear you’re looking for a friend of mine,’ Kewpie said. [...] ‘Maybe I could tell you how to find him, if I knew you were all right.’

‘It doesn’t make any difference to me,’ I said carelessly. ‘I’ve a few more minutes to waste, and if he doesn’t show up by then it’s all one to me.’

She cuddled against my shoulder.

‘What’s the racket? Maybe I could get word to Ed.’

I stuck a cigarette in her mouth, on in my own, and lit them.

‘Let it go,’ I bluffed. ‘This Ed of yours seems to be as exclusive as al hell. Well, it’s no skin off my face. I’ll buy you another drink and then trot along.’

She jumped up.

‘Wait a minute. I’ll see if I can get him. [...]’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 183-184.

Duas vezes quando ela veio em minha direção - apressando-se com o passo rápido e desajeitado de chinesa com os pés amarrados - sua cabeça girou para ver as cortinas sobre a porta. Seu inglês não era muito. Perdi a maior parte do que ela balbuciou comigo, embora achasse que *'yung hel-lup'* pudesse significar 'Você ajuda?'

Eu balancei a cabeça, pegando-a pelos cotovelos enquanto ela tropeçava em mim.

Ela me falou mais alguma coisa que não deixou a situação mais clara - a menos que *'sul-lay-vee gull'* significasse escrava e *'tak-ka wah'* significasse levar embora.

'Você quer que eu tire você daqui?' Perguntei.

Sua cabeça, perto do meu queixo, subia e descia, e sua flor vermelha em forma de boca formava um sorriso que fazia todos os outros sorrisos de que eu me lembrava parecerem maliciosos. [...]

Uma de suas mãos foi para o bolso do meu relógio. Eu a deixei tirar o relógio.

Ela colocou a minúscula ponta de um dedo apontado sobre o doze e girou o botão três vezes. Achei que tinha entendido. Trinta e seis horas do meio-dia seriam meia-noite da noite seguinte - quinta-feira.

'Sim,' eu disse.

Ela olhou para a porta e me levou até a mesa onde estavam as coisas do chá. Com um dedo mergulhado em chá frio, ela começou a desenhar no tampo da mesa. Duas linhas paralelas. Eu tomei por uma rua. Outro par as cruzou. O terceiro par cruzou o segundo e ficou paralelo ao primeiro.

'*Waverly Place?*' Eu advinhei.

Seu rosto balançava para cima e para baixo, encantadoramente. Seu dedo cruzou a rua e colocou um quadrado do outro lado, e seu rosto se voltou para o meu, implorando para que eu a entendesse.

'A casa do outro lado da rua da mercearia,' eu disse lentamente, e então, enquanto ela batia no bolso do meu relógio, acrescentei, 'à meia-noite de amanhã.'<sup>215</sup>

---

<sup>215</sup> Twice as she came toward me – hurrying with the awkward, quick step of the foot-bound Chinese woman – her head twisted around for a look at the hangings over the door. Her English wasn't much. Most of what she babbled at me I missed, though I thought 'yung hel-lup' might have been meant for 'You help?'

I nodded, catching her under the elbows as she stumbled against me.

She gave me some more language that didn't make the situation any clearer – unless 'sul-lay-vee gull' meant slave-girl and 'tak-ka wah' meant take away.

'You want me to get you out of here?' I asked.

Her head, close under my chin, went up and down, and her red flower of a mouth shaped a smile that made all other smiles I could remember look like leers.[...]

One of her hands went to my watch-pocket. I let her take the watch out.

She put the tiny tip of one pointed finger over the twelve and then circled the dial three times. I thought I got that. Thirty-six hours from noon would be midnight of the following night – Thursday.

'Yes,' I said.

She shot a look at the door and led me to the table where the tea things were. With a finger dipped in cold tea she began to draw on the table's inlaid top. Two parallel lines. I took for a street. Another pair crossed them. The third pair crossed the second and paralleled the first.

'*Waverly Place?*' I guessed.

Her face bobbed up and down, delightedly. Her finger crossed the street and put a square on the other side, and her face turned up to mine, begging me to understand her.

'The house across the street from the grocer's,' I said slowly, and then, as she tapped my watch-pocket, I added, 'at midnight tomorrow.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 319-320.

Neste trecho, a imigração ilegal estava relacionada à utilização do trabalho feminino na prostituição. A residência do trecho funcionava como porta de entrada da mão de obra asiática, principalmente chinesa, que chegava à América de forma ilegal, tendo em vista que essa imigração fora proibida, exteriorizando o preconceito ao trabalhador oriental. Dialogou-se com a visão moralizada de uma sociedade “seca” preconizada pela Lei Seca. Como primeiro trabalho e, conseqüentemente, gerador de renda para o homem que dava abrigo na mansão, as jovens mulheres, que não dominavam, ainda, o inglês, ofertavam seus corpos. Essa jovem, sabendo quem era a pessoa que estava no local, detinha uma informação que seria extremamente útil ao detetive. E assim o passou por linguagem de sinais. Ter o conhecimento para essas mulheres também era uma forma de obter a liberdade. Por isso que nos *hard-boiled* as mulheres eram essenciais para o encaminhamento do caso, podendo cooperar com o agente, cedendo informações, tanto quanto aproveitar para seduzi-lo e obter algumas vantagens que elas pensassem poder livrá-las de qualquer acusação. Essas mulheres, que tergiversam entre a criminalidade e a legalidade, era a contrapartida feminina do detetive privado. Essas mulheres causavam uma impressão que de alguma forma desconcertava o detetive, mesmo que por meros instantes:

Ela entrou na sala e no círculo de luz da lâmpada alta; uma garota de vinte e poucos anos, esguia e ágil, e vestida para a rua, exceto que carregava o chapéu em uma das mãos. Um rosto branco sob uma massa ondulada de cabelos cor de fogo. Olhos cinza-fumaça que estavam separados demais para serem confiáveis - embora não para serem bonitos - riram de mim; e sua boca vermelha riu de mim, expondo as pontas de pequenos dentes de animais afiados. Ela era linda; tão linda quanto o difícil e duas vezes mais perigosa.<sup>216</sup>

A primeira aparição de Elvira no conto *The house of Turk Street* direcionou a principal preocupação do agente diante da gangue. Ela era tão perigosa que conseguiu escapar do conflito entre os membros da gangue e retornar disfarçada no conto *The Girl with silver eyes* enganando o poeta que buscou os trabalhos do detetive para encontrá-la. Continental Op ao saber do paradeiro do casal, em um hotel de estrada, rumou com o

---

<sup>216</sup> She came into the room and into the circle of light from the tall lamp; a girl in her early twenties, slender and lithe, and dressed for the street, except that she carried her hat in one hand. A white face beneath a bobbed mass of flame-colored hair. Smoke-gray eyes that were set too apart for trustworthiness – though not for beauty – laughed at me; and her red mouth laughed at me, exposing the edges of little sharp animal-teeth. She was beautiful; as beautiful as the devil, and twice as dangerous. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 126.

advogado do escritor para o recinto. Aliás, esses lugares, populares nas cidades pequenas e nos ambientes rurais, segundo Drowne, além de realçarem diferenças geracionais através do consumo de bebidas alcólicas, também proveram um local onde lealdades individuais às tentativas do governo de legislar a moralidade foram medidas.<sup>217</sup> À beira de estradas, esses espaços de sociabilidade destacavam as relações entre criminosos que poderiam contar com apoio mútuo em seus estratagemas. Dentro do local cujo dono o detetive já conhecia, – e, por isso, sabia da sua periculosidade – ele se deparou com a personagem que fugira de seu caso anterior:

A garota sorriu então, um sorriso zombeteiro que mostrou as pontas dos dentinhos de animal afiados como navalhas. E com o sorriso eu a conheci!

Seu cabelo e pele me enganaram. A última vez que a vi - a única vez que a vi antes - seu rosto era branco como o mármore, e seu cabelo era curto e da cor de fogo. Ela, uma mulher mais velha, três homens e eu tínhamos brincado de esconde-esconde uma noite em uma casa na rua Turk por causa do assassinato de um mensageiro de banco e o roubo de cem mil dólares da *Liberty Bonds*. Por causa dela, três de seus cúmplices morreram naquela noite, e o quarto - o chinês - finalmente foi para a forca na prisão de Folsom. O nome dela era Elvira na época, e desde sua fuga da casa naquela noite, estivemos a procurando inutilmente, fronteira a fronteira, e além.<sup>218</sup>

O detetive se encantou pela mulher da mesma forma que suas vítimas as quais ele buscou lembrá-la quando prendeu na estrada, em mais uma tentativa de fuga dela. Ele precisava controlar seus instintos e permanecer externamente frio. No entanto, ele manteve o lado protetor mesmo a mulher sendo acusada de inúmeros crimes:

[...] Encontrei um robe no banco de trás e dei para ela.

‘É melhor colocar isso em volta dos seus ombros. O para-brisa se foi. Vai esfriar.’

Ela seguiu minha sugestão sem dizer uma palavra, mas quando eu desviei nosso veículo da traseira do carro conversível e o endireitei na estrada novamente, indo para o leste, ela colocou a mão em meu braço.

<sup>217</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem*. p. 116.

<sup>218</sup> The girl smiled then, a mocking smile that bared the edges of razor-sharp little animal teeth. And with the smile I knew her!

Her hair and skin had fooled me. The last time I had seen her – the only time I had seen her before – her face had been marble-white, and her hair had been short and the color of fire. She and an older woman and three men and I had played hide-and-seek one evening in a house in Turk Street over a matter of the murder of a bank messenger and the theft of a hundred thousand dollars’ worth of Liberty Bonds. Through her intriguing three of her accomplices had died that evening, and the fourth – the Chinese – had eventually gone to the gallows at Folsom prison. Her name had been Elvira then, and since her escape from the house that night we had been fruitlessly hunting her from border to border, and beyond. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 151.

[...] Talvez um quilômetro, durante o qual, sem olhar para ela, sei que ela estava observando meu perfil um tanto irregular. Em seguida, sua mão estava no meu antebraço novamente e ela se inclinou para mim de forma que sua respiração estava quente contra minha bochecha.

‘Poderia parar um minuto? Há algo - algumas coisas que eu quero te dizer.’

Parei o carro em um espaço aberto de solo duro em um lado da estrada e me apertei um pouco no assento para encará-la mais diretamente.

‘Antes de começar,’ eu disse a ela, ‘quero que você entenda que ficaremos aqui apenas enquanto você falar sobre o caso Pangburn. Quando você pegar qualquer outra linha, terminaremos nossa viagem para Redwood City.’<sup>219</sup>

Começou-se, então, o ponto de vista da criminosa, comum nessas histórias onde a construção da narrativa não era meramente uma prova do intelecto do detetive e sim uma confrontação de relatos dos quais o agente privado, ao ouvir o infrator, já tendo a resolução do caso muito clara, buscou desmenti-lo antes de entregá-lo à polícia. No caso especial dessa mulher, esse relato estava carregado da tentativa da mesma, ao notar certos gestos do detetive, de seduzi-lo ou atenuar suas participações nos crimes com o intuito de convencê-lo de que ela foi tão vítima quanto as pessoas lesadas ou assassinadas. Elvira conta como mudou de aparência e de identidade após os eventos da rua Turk e como conheceu o poeta, emulando dúvidas sentimentais sobre se o amava. Nessas narrativas policiais o criminoso não se regenerava, por mais que a mulher assumira um novo disfarce, neste almejando uma vida normal, o instinto de infringir lhe era inerente. No seu relato, para atenuar a sua atuação no crime, alegou que fora chantageada:

‘Então Fag Kilcourse me viu um dia na rua e me conheceu apesar do meu novo cabelo, pele e roupas. Ele não tinha muito cérebro, mas tinha olhos que podiam ver através de qualquer coisa. Eu não o culpo. Ele agiu de acordo com seu código.[...]’

‘Ele aprendeu sobre as conexões familiares de Burke e então me persuadiu - vinte mil dólares, ou me entregaria. Ele sabia sobre o trabalho

---

<sup>219</sup> [...] I found a robe in the back seat and gave it to her.

‘Better wrap this around your shoulders. The windshield is gone. It’ll be cool.’

She followed my suggestion without a word, but when I had edged our vehicle around the rear of the roadster, and had straightened out in the road again, going east, she laid a hand on my arm.

[...] A mile perhaps, during which, without looking at her, I know she was studying my rather lumpy profile. Then her hand was on my forearm again and she was leaning toward me so that her breath was warm against my check.

‘Will you stop for a minute? There’s something – some things I want to tell you ‘

I brought the car to a halt in a cleared space of hard soil off to one side of the road, and screwed myself a little around in the seat to face her more directly.

‘Before you start,’ I told her, ‘I want you to understand that we stay here for just so long as you talk about the Pangburn affair. When you get off on any other line – then we finish our trip to Redwood City.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 154-155.

em Los Angeles e sabia o quanto eu era procurada. Eu sabia que não poderia me esconder do Fag ou fugir dele. Eu disse a Burke que precisava de 20 mil dólares. Não achei que ele tivesse tanto, mas achei que ele conseguiria. Três dias depois, ele me deu um cheque. Eu não sabia na época como ele havia levantado isso, mas não teria importado se eu soubesse. Eu precisava disso.

<sup>220</sup>

O seu relato se desenvolveu através do qual ela mesma se colocou como vítima dos fatos, não negando que de fato tenha cometido crimes, mas diminuindo a sua atuação nas infrações. Tentou convencer que tinha mudado e que realmente estava preocupada com o poeta a ponto de, talvez, reconhecer o que sentia por ela era amor, ao escondê-lo no mesmo esconderijo e tentar protegê-lo, não sendo bem-sucedida, pois ele fora assassinado em frente ao bar de estrada onde estavam escondidos. Nada persuadia o detetive. Resoluto, ele sabia como o caso ocorreu. Apenas dava à suspeita a liberdade de construir e contar o seu relato. Mantinha o controle mesmo ela lhe sendo muito atraente e que poderia lhe causar um possível descontrole sentimental, tornando-o uma vítima da sedução tanto quanto fora os parceiros dela até então. O agente reconheceu essa fraqueza, no entanto, não cedeu a ela. Diante desse dilema perceptível de alguma forma pela mulher, pelo simples fato de que o detetive ouvia o seu relato e a deixava tocar em seu braço, restou-lhe a última cartada para livrar-se da prisão, revelar que estava apaixonada pelo agente privado:

‘Detetive gordinho cujo nome não sei’ - sua voz tinha uma rouquidão e uma zombaria cansadas - ‘você acha que estou encenando um papel, não é? Você acha que estou jogando pela liberdade. Talvez eu esteja. Eu certamente aceitaria se fosse oferecido a mim. Mas - os homens me acham bonita e brinquei com eles. As mulheres são assim. Os homens me amaram e, fazendo o que queria com eles, achei-os desprezíveis. E então vem esse pequeno detetive gordo cujo nome eu não sei, e ele age como se eu fosse uma bruxa – uma velha indígena. [...] Sou tão feia que qualquer homem tem o direito de olhar para mim sem nem mesmo se interessar? Eu sou feia?’

Balancei minha cabeça.

‘Você é muito bonita,’ eu disse lutando para manter minha voz tão casual quanto as palavras.

---

<sup>220</sup> ‘Then Fag Kilcourse saw me one day on the street, and knew me in spite of my new hair, complexion and clothes. Fag hadn’t much brains, but he had eyes that could see through anything. I don’t blame Fag. He acted according to his code.

‘He learned about Burke’s family connections, and then he put it up to me – twenty thousand dollars, or he’d turn me up. He knew about the Los Angeles job, and he knew how badly I was wanted. I was up against it then. I knew I couldn’t hide from Fag or run away from him. I told Burke I had to have twenty thousand dollars. I didn’t think he had that much, but I thought he could get it. Three days later he gave me a check for it. I didn’t know at the time how he had raised it, but it wouldn’t have mattered if I had known. I had to have it.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 156.

‘Sua besta!’ Ela cuspiu, e então seu sorriso tornou-se gentil novamente. ‘E ainda é por causa dessa atitude que eu me sento aqui e me viro do avesso para você. Se você me pegasse nos braços e me segurasse perto do peito no qual já estou encostada, e se você me dissesse que não há prisão adiante para mim agora, eu ficaria feliz, é claro. Mas, embora por um tempo você possa me abraçar, você seria apenas um dos homens com os quais estou familiarizada: homens que amam e são usados e sucedidos por outros homens. Mas porque você não faz nenhuma dessas coisas, porque você é um bloco de madeira de um homem, eu me encontro desejando você. Eu te diria isso, pequeno detetive gordo, se eu estivesse fingindo?’<sup>221</sup>

Mais uma vez o detetive não cedeu, apesar de evidenciar uma fragilidade devidamente controlada ao elogiar abertamente a mulher. Sendo chamado de um bloco de madeira, por não transparecer seus sentimentos, havia, de fato, um conflito em seu âmago que ele deixava evidente em sua narrativa, mas que, com frieza, reprimiu-o e conseguiu levar a mulher à cadeia.

Neste trecho, notou-se a questão da liberdade feminina, pois a personagem ao elaborar o seu relato assumiu o controle de sua história. Nesse caso, as palavras, a linguagem e os gestos sinalizaram uma postura de confronto à moralidade da época. Mesmo que tentou induzir o agente a perceber que ela estava caminhando para se tornar uma exemplar dona de causa pensando em se casar com o poeta, o desenvolver do relato desdiz essa suposta mudança de comportamento. Ela, ao se exprimir, almejou determinar o seu futuro e desvencilhar da sociedade patriarcal. Esse comportamento libertador era transgressor para a sociedade conservadora. Mesmo havendo homens em sua história de vida, eles eram utilizados pela personagem, o que lhe gerou uma frustração, entendida por paixão, ao não conseguir fazer o mesmo com o detetive.

---

<sup>221</sup> ‘Little fat detective whose name I don’t know’ – her voice had a tired huskiness in it, and a tired mockery – ‘you think I am playing a part, don’t you? You think I am playing for liberty. Perhaps I am. I certainly would take it if it were offered me. But – Men have thought me beautiful, and I have played with them. Women are like that. Men have loved me and, doing what I liked with them, I have found men contemptible. And then comes this little fat detective whose name I don’t know, and he acts as if I were a hag – and old squaw. [...] Am I so homely that any man has a right to look at me without even interest? Am I ugly?’

I shook my head.

‘You’re quite pretty,’ I said, struggling to keep my voice as casual as the words.

‘You beast!’ she spat, and then her smile grew gentle again. ‘And yet it is because of that attitude that I sit here and turn myself inside out for you. If you were to take me in your arms and hold me close to the chest that I am already leaning against, and if you were to tell me that there is no jail ahead for me just now, I would be glad, of course. But, though for a while you might hold me, you would then be only one of the men with which I am familiar: men who love and are used and are succeeded by other men. But because you do none of these things, because you are a wooden block of a man, I find myself wanting you. Would I tell you this, little fat detective, if I were playing a game?’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 157-158.

De acordo com Palmer, essa personagem feminina tinha um potencial poderoso de subverter o estereótipo sexual, desafiando a cultura patriarcal que limitava o local da mulher e restringia as necessidades femininas.<sup>222</sup> Segundo Slotkin, havia uma inversão das caracterizações femininas convencionais: mulher que tivesse aventuras sexuais eram tratadas como repositório de valores que o detetive achava bons, enquanto as mulheres que pareciam ser mais respeitáveis, que pediam socorro ao agente, frequentemente beiravam uma ingenuidade que equivalia a uma covardia moral ou eram reveladas como a fonte do mal.<sup>223</sup>

Outra personagem feminina que evidenciou essa inversão foi Lilian Shan, do conto *Dead Yellow Woman*. Estadunidense descendente de uma família prospera de chineses que optaram por viver em uma mansão à beira mar próxima de São Francisco ao invés de residir no bairro étnico de Chinatown, Lilian se formou em uma universidade do leste e se tornou uma escritora, além de ser campeã de tênis.<sup>224</sup> Herdeira da mansão após a morte dos pais, ela transitava pelos Estados Unidos com liberdade, tanto era que rumava para Nova Iorque com o intuito de embarcar para Paris para analisar um manuscrito antigo. Essa viagem coincidiu com a morte de uma empregada e o desaparecimento de outros dois na propriedade da mulher, tornando-a uma suspeita do crime. Ao procurar a agência Continental Op e não uma delegacia de polícia, o primeiro contato com o detetive não foi agradável:

'Srta. Shan,' perguntei, 'você não acha que eles [os policiais] suspeitam de você?'

Seus olhos escuros incendiaram através dos óculos e ela se endireitou mais rigidamente na cadeira.

'Absurdo!'

'Esse não é o ponto,' eu insisti. 'Eles suspeitam?'

'Eu não sou capaz de penetrar na mente da polícia,' ela voltou. 'Você é?'

'Não sei nada sobre este trabalho, somente o que li e o que você acabou de me dizer. Preciso de mais do que isso para suspeitar de alguém. Mas posso entender por que o escritório do xerife ficaria um pouco duvidoso. Você saiu com pressa. Eles têm sua palavra sobre por que você foi e por que voltou, e sua palavra é tudo. A mulher encontrada no porão poderia ter sido morta pouco antes de você sair, bem como logo depois. Wang Ma, que poderia ter contado coisas, está morta. Os outros empregados estão desaparecidos. Nada foi roubado. Isso é o bastante para fazer o xerife pensar em você!'

'Você suspeita de mim?' Ela perguntou novamente.

<sup>222</sup> PALMER, Bryan D. *Ibidem*. p. 400.

<sup>223</sup> SLOTKIN, Richard. *Ibidem*. p. 226.

<sup>224</sup> Para a história de mulheres chinesas em San Francisco ver YUNG, Judy. *Unbound Feet: A Social History of Chinese Women in San Francisco*. Berkeley: University of California Press, 1995.

‘Não,’ eu disse sinceramente. ‘Mas isso não prova nada.’<sup>225</sup>

No decorrer da investigação a desconfiança do detetive aumentou quando descobriu, através de uma visita à mansão para encontrar Lilian e relatar o andamento do caso, que ela saía naquela mesma noite com um jovem que tem ligações com os chineses que podiam estar por trás do assassinato na residência. Posteriormente seria descoberto que esse jovem, Jack Garthorne, se envolveria com o tráfico de bebidas e de mão de obra ilegal chinesa. Até então, Lilian não sabia sobre isso ou fingia não saber, pois seu comportamento era muito dúbio. O detetive não tolheu a liberdade de mulher de sair com o homem, aliás o agente já desconfiava de que essa ida a um restaurante escondia um plano para uma gangue de chineses utilizar a mansão para algo ilícito. Dessa forma, ele revelou o que sabia sobre Jack e a orientou sobre o que poderia acontecer no retorno deles à mansão, enquanto isso elaborou o plano para tentar descobrir o que os chineses fariam na propriedade na ausência de Lilian:

‘Você vai sair com ele hoje à noite?’ Perguntei quando consegui.

‘Sim.’

‘No carro dele ou no seu?’

Ela franziu a testa e respondeu à minha pergunta:

‘No dele. Vamos até Half Moon para jantar.’

‘Vou precisar de uma chave, então, porque voltarei aqui depois que você for embora.’

‘Você o quê?’

‘Voltarei aqui. Vou pedir para não dizer nada sobre minhas suspeitas mais ou menos indignas para ele, mas minha opinião sincera é que ele quer te atrair para fora de casa hoje à noite. Portanto, se o motor quebrar na volta, finja que não vê nada de estranho nele.’<sup>226</sup>

---

<sup>225</sup> ‘Miss Shan,’ I asked, ‘don’t you think they [policiais] suspect you?’

Her dark eyes burned through her glasses at me and, if possible, she made herself more rigidly straight in her chair.

‘Preposterous!’

That isn’t the point,’ I insisted. ‘Do they?’

‘I am not able to penetrate the police mind,’ she came back. ‘Do *you*?’

‘I don’t know anything about this job but what I’ve read and what you’ve just told me. I need more foundation than that to suspect anybody. But I can understand why the sheriff’s office would be a little doubtful. You left in a hurry. They’ve got your word for why you went and why you came back, and your word is all. The woman found in the cellar could have been killed just before you left as well as just after. Wang Ma, who could have told things, is dead. The other servants are missing. Nothing was stolen. That’s plenty to make the sheriff think about you!’

‘Do you suspect me?’ she asked again.

‘No,’ I said truthfully. ‘But that proves nothing.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 303.

<sup>226</sup> ‘You’re going out with him tonight?’ I asked when I had got this.

‘Yes.’

‘In his car or yours?’

She frowned, but she answered my question.

‘In his. We are going to drive down to Half Moon for dinner.’

A tentativa de manter Lilian fora de sua casa era parte de um plano de traficar bebidas alcólicas pelo mar. Dessa forma, a localização da mansão, na orla marítima, era imprescindível para o sucesso do tráfico, sendo receptadora e repositório das mercadorias, principalmente na ausência de sua proprietária. A ida dela ao leste estava relacionada com o plano. E a morte de uma das empregadas foi resultado de uma briga com outros empregados em decorrência da partilha financeira da operação. A revelação do crime que principiou o caso foi dada pelo próprio Jack Garthorne ao detetive em um encontro que os dois tiveram na estrada. Através de outros relatos as peças do quebra-cabeça narrativo foram se encaixando e constatações foram elaboradas, como a que o próprio Jack percebeu sobre Lilian, segundo uma interpretação do detetive:

Acho que o resultado foi esse: ele não tinha pensado muito sobre a ética de suas brincadeiras com a garota. Ela não sentia atração por ele - severa e séria demais para parecer realmente feminina. E ele não tinha fingido - não tinha continuado o que poderia ser chamado de flerte com ela. Então, de repente, ele acordou para o fato de que ela não era tão indiferente quanto ele. Isso foi um choque - ele não conseguia ficar de pé. Tinha visto as coisas direito pela primeira vez. Antes, ele havia pensado nisso simplesmente como um jogo de inteligência. A afeição tornava tudo diferente - até a afeição estava toda de um lado.<sup>227</sup>

A desconfiança de que Lilian estivesse envolvida com as gangues de chineses surpreendeu tanto o detetive quanto Garthorne quando ambos se encontraram no palácio onde estava ocorrendo a reunião dos chefes das gangues. Ao agente, a surpresa ocorreu por estar estupefato com a aparência de Lilian, encontrando os dois homens em uma câmara secreta da residência:

Ela era uma mulher alta, de corpo ereto e orgulhosa. Um cocar em forma de borboleta enfeitado com a pilhagem de uma dúzia de joalherias

---

'I'll need a key, then, because I am coming back here after you have gone.'

'You're what?'

'I'm coming back here. I'll ask not to say anything about my more or less unworthy suspicions to him, but my honest opinion is that he's drawing you away for evening. So if the engine breaks down on the way back, just pretend you see nothing unusual in it.' HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 314-315.

<sup>227</sup> I think it added up to this: he hadn't thought much about ethics of his play with the girl. She had no attraction for him - too severe and serious to seem really feminine. And he had not pretended - hadn't carried on what could possibly be called a flirtation with her. Then he suddenly woke up to the fact that she wasn't as indifferent as he. That had been a shock to him - on he couldn't stand. He had seen things straight for the first time. He had thought of it before as simply a wit-matching game. Affection made it different - even the affection was all on one side. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 324.

exagerava sua altura. Seu vestido era ametista filigranado com ouro acima, um arco-íris vivo abaixo. As roupas não eram nada!

Ela estava - talvez eu possa deixar isso claro desta forma. Hsiu Hsiu [o contato feminino do detetive dentro da mansão] era o mais perfeito de beleza feminina que se poderia imaginar.[...] Então vem essa rainha de alguma coisa - e a beleza de Hsiu Hsiu foi embora. Ela era uma vela ao sol. Ela ainda era bonita - mais bonita do que a mulher na porta, se fosse o caso - mas você não prestou atenção nela. Hsiu Hsiu era uma garota bonita: esta mulher real na porta era - eu não sei as palavras.<sup>228</sup>

Surpreso com a beleza de Lilian, o detetive tentou entender o que ela poderia vir a ganhar ao se relacionar com os dois chefes chineses das gangues. Estar maravilhado com a aparência da mulher fez com que ele perdesse, por instantes, o foco do plano de confrontar os dois gangsters, mas com a revelação de Lilian do porquê cedeu a mansão para os objetivos dos chineses e dos planos de resistência às tentativas de domínio japonês em território chinês, o agente conseguiu as informações necessárias para colocar o seu plano em prática, controlando seus ímpetos sentimentais e convencendo a mulher do melhor a se fazer para, no final, conseguir que nem ela nem Garthorne estivessem envolvidos com os crimes do caso:

‘Não seja uma idiota a vida toda!’ Implorei. ‘Você acha que fez um acordo. Eles o acolheram! Para que você acha que eles estão usando sua casa?’

Ela tentou me olhar para baixo. Tentei outro ângulo de ataque.

‘Aqui, você não se importa com quem faz negócios. Faça um comigo. Ainda estou com um mandato de prisão do The Whistler, então se a palavra dele vale, a minha deve ser muito valiosa. Você me diz qual era o acordo. Se for um meio-caminho decente. Eu te prometo que vou rastejar para fora daqui e esquecer isso. Se você não me disser, vou esvaziar uma arma na primeira janela que encontrar. E você ficaria surpresa com a quantidade de policiais que um tiro vai atrair nesta parte da cidade, e com que rapidez os atrairá.’

A ameaça tirou um pouco da cor de seu rosto. [...] Ela mordeu os lábios e deixou os dedos se torcerem, e então veio.

‘Chang Li Ching é um dos líderes do movimento anti-japonês na China. Desde a morte de Sun Wen - ou Sun Yat-Sen, como é chamado no sul da China e aqui - os japoneses aumentaram até ficarem maiores do que nunca. É o trabalho de Sun Wen que Chang Li Ching e seus amigos continuam.’

---

<sup>228</sup> She was a tall woman, straight-bodied and proud. A butterfly-shaped headdress decked with the loot of a dozen jewelry stores exaggerated her height. Her gown was amethyst filigreed with gold above, a living rainbow below. The clothes were nothing!

She was – maybe I can make it clear this way. Hsiu Hsiu was as perfect a bit of feminine beauty as could be imagined. [...] Then comes this queen of something – and Hsiu Hsiu’s beauty went away. She was a candle in the sun. She was still pretty – prettier than the woman in the doorway, if it came to that – but you didn’t pay any attention to her. Hsiu Hsiu was a pretty girl: this royal woman in the doorway was – I don’t know the words. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 326.

Com seu próprio governo contra eles, sua necessidade imediata é armar patriotas suficientes para resistir à agressão japonesa quando chegar a hora. É para isso que minha casa é usada. Rifles e munições são carregados em barcos lá e enviados para navios distantes da costa. Esse homem que você chama de *The Whistler* é o proprietário dos navios que transportam as armas para a China.’ [...]

Uma de suas mãos pousou no meu braço.

‘Você vai embora e ficar em silêncio?’ Ela implorou. ‘Essas coisas são contra a lei do seu país, mas você não violaria a lei de outro país para salvar a vida do seu próprio país? Quatrocentos milhões de pessoas não têm o direito de lutar contra estrangeiros que as explorariam? Desde o dia de Taou-kwang, meu país tem sido o brinquedo das nações mais agressivas. Existe algum preço alto demais para os chineses patriotas pagarem para encerrar esse período de desonra? Você não vai se colocar no caminho da liberdade do meu povo?’<sup>229</sup>

O detetive, no caso, mesmo surpreso com a Lilian estar naquele local, mais ainda da forma inesperada de como estava vestida, sabia e até preferia lidar com essas personagens femininas que carregavam um sinal transgressor, tanto comportamental quanto a própria infração à lei. Neste conto, em especial, havia um assunto de política externa que justificava determinadas ações as quais a personagem feminina se amparou. Ou seja, além de evidenciar a complexidade das inversões de papéis que essas personagens traziam à trama, Lilian, em especial, tem o motivo nacionalista no qual se aferrou e do qual o detetive de alguma forma, mesmo que silenciosamente, compreendeu.

---

<sup>229</sup> ‘Don’t be a chump all your life!’ I pleaded. ‘You think you made a deal. They took you in! What do you think they’re using your house for?’

She tried to look me down. I tried another angle of attack.

‘Here, you don’t mind who you make bargains with. Make one with me. I’m still one prison sentence ahead of The Whistler, so if his word is any good at all, mine ought to be highly valuable. You tell me what the deal was. If it’s half-way decent. I’ll promise you to crawl out of here and forget it. If you don’t tell me, I’m going to empty a gun out of the first window I can find. And you’d be surprised how many cops a shot will draw in this part of town, and how fast it’ll draw them.’

The threat took some of the color out of her face. [...] She bit her lips and let her fingers twist together, and then it came.

‘Chang Li Ching is one of the leaders of the anti-Japanese movement in China. Since the death of Sun Wen – or Sun Yat-Sen, as he is called in the south of China and here – the Japanese have increased until it is greater than it ever was. It is Sun wen’s work that Chang Li Ching and his friends carrying on.

With their own government against them, their immediate necessity is to arm enough patriots to resist Japanese aggression when the time comes. That is what my house is used for. Rifles and ammunition are loaded into boats there and sent out to ships lying far offshore. This man you call The Whistler is the owner of the ships that carry the arms to China.’

One of her hands came out to rest on my arm.

‘You will go away and keep silent?’ she pleaded. ‘These things are against the law of your country, but would you not break another country’s law to save your own country’s life? Have not four hundred million people the right to fight an alien race that would exploit them? Since the day of Taou-kwang my country has been the plaything of more aggressive nations. Is any price too great for patriotic Chinese to pay to end that period of dishonor? You will not put yourself in the way of my people’s liberty?’  
HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 327-328.

E dessa compreensão, paternalista, demonstrou que ela estava sendo enganada e com o conjunto de informações compiladas já tinha o suficiente para pôr o seu plano de confronto entre as gangues em prática, livrando Lilian Shan e Jack Garthorne de qualquer envolvimento com as atividades ilícitas da história.

### **Busca pela liberdade feminina e rebeldia dos jovens**

A inversão do papel das mulheres nos contos está relacionada, também, ao contexto de conflito geracional que a Lei Seca perpetrou, principalmente com relação ao consumo de bebidas alcóolicas. O aumento do consumo entre as mulheres foi um fenômeno que se devia mais à liberação da mulher com relação ao sexo, aos deveres, lealdades e obrigações do que propriamente à lei contrária à venda de bebidas alcóolicas. Consumir em locais públicos era um retrato dessa almejada liberdade entre as mulheres. Isso demonstrou uma inovação da lei proibicionista que foi a participação da mulher no mundo do lazer, do prazer e do entretenimento. Segundo McGirr:

As mulheres participavam do mundo do lazer, prazer e entretenimento, tanto no lado do consumidor quanto no lado dos negócios. Homens e mulheres da classe trabalhadora e pequenos grupos de urbanistas pioneiros já eram os pioneiros em novas formas de lazer no início do século, indo para salões de dança, palácios de lagosta e cabarés. Mas o desaparecimento do *saloon* separou a associação de bebida social da bebida barulhenta da classe trabalhadora, e com isso a mácula que acompanha a prostituição para mulheres de qualquer classe entrou nesses locais. Ironicamente, ao forçar o lazer misturado ao álcool para o submundo e domar sua face pública obscena, a vida noturna que incluía companhias mistas floresceu entre as mulheres de classe alta e média, inaugurando o mundo do lazer familiar aos americanos desde então.<sup>230</sup>

Tanto era que, como forma de fortalecer a luta por maior liberdade e independência financeira, as mulheres, durante a Lei Seca, também produziram bebidas alcóolicas:

---

<sup>230</sup> Women participated in the world of leisure, pleasure, and entertainment on both the consumer and business side. Working-class men and women and small groups of pacesetting urbanites were already pioneering new forms of leisure earlier in the century, stepping out to dance halls, lobster palaces, and cabarets. But saloon's disappearance severed the association of social drinking from boisterous working-class male drinking, and with it the accompanying taint of prostitution for women of any class who entered those venues. Ironically, by forcing alcohol-laced leisure underground and taming its bawdy public face, nightlife that included mixed company blossomed among upper – and middle-class women, ushering in the world of leisure familiar to American ever since. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 107-108.

A proibição abriu uma estratégia de sobrevivência menos pública, mas igualmente inovadora, para esposas e mães da classe trabalhadora. As mulheres da classe trabalhadora há muito se tornavam pensionistas para contribuir com a economia familiar sem comprometer os deveres domésticos e a criação dos filhos. Estabelecer uma cervejaria caseira ou fazer vinho para mulheres dispostas a correr o risco. Mulheres da classe trabalhadora [...] produziam e às vezes vendiam álcool com entusiasmo e determinação.<sup>231</sup>

Aliás, nos romances estadunidenses escritos na década de 20 beber ilegalmente era retratado como altamente simbólico e comportavelmente significativo, permitindo aos escritores explicar – e justificar – as transgressões morais e legais de seus personagens.<sup>232</sup> No conto *The Golden Horseshoe*, o detetive, em Tijuana, como forma de adquirir a confiança do suposto marido fugitivo para obter informações que pudessem lhe incriminar, entrou no jogo de consumo excessivo de álcool que seria uma forma de rebeldia juvenil contra os costumes conservadores:

‘Do que você gosta?’ Ele chamou pela porta. ‘Centeio, gim, tequila, uísque -’

‘O último vence,’ interrompi seu catálogo.

Ele trouxe uma garrafa de *Black and White*, um sifão e alguns copos, e começamos a beber. Quando a garrafa estava vazia, havia outra para substituí-la. Bebemos e conversamos, bebemos e conversamos, e cada um de nós fingiu estar mais bêbado do que realmente estava - embora em pouco tempo estivéssemos ambos cheios como um par de cabras.

Foi um concurso de bebida puro e simples. Ele estava tentando me transformar em uma pasta - uma que facilmente revelaria todos os seus segredos - e eu estava tentando o mesmo jogo com ele. Nenhum de nós progrediu muito. Nem ele nem eu éramos jovens o suficiente no mundo para tagarelar muito quando estávamos bêbados o que não sairia se estivéssemos sóbrios. Poucos homens o fazem, a menos que se vangloriem ou sejam manejados com muita habilidade. Durante toda a tarde, nos encaramos sobre a mesa no centro da sala, bebemos e nos divertimos.<sup>233</sup>

<sup>231</sup> Prohibition opened up a less public but similarly innovate survival strategy for working-class wives and mothers. Working-class women had long taken in boarders to contribute to the family economy without compromising household duties and child rearing. Setting up a home brewing operation or making wine for the women willing to run the risk. Working-class women [...] produced and sometimes sold alcohol with enthusiasm and resolve. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 95.

<sup>232</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem*. p. 6-7.

<sup>233</sup> ‘What do you fancy?’ he called through the door. ‘Rye, gin, tequila, Scotch -’

‘The last one wins,’ I interrupted his catalog.

He brought in a bottle of Black and White, a siphon and some glasses, and we started down to drinking. When the bottle was empty there was another to take its place. We drank and talked, drank and talked, and each of us pretended to be drunker than he really was – though before long we were both as full as a pair of goats.

It was a drinking contest pure and simple. He was trying to drink me into a pulp – a pulp that would easily give up all its secrets – and I was trying the same game on him. Neither of us made much progress. Neither he or I was young enough in the world to blab much when we were drunk that wouldn’t have come out if we had been sober. Few grown men do, unless they get to boasting, or are very skillfully

A liberdade adquirida através do consumo de bebidas alcoólicas propiciava, às mulheres, uma confrontação às normas comportamentais conservadoras em voga. Hammett retratava a juventude rebelada na sua escrita, mesmo que de uma forma um tanto quanto ingênua. No conto *Corkscrew*, ao descrever uma fala debochada de uma jovem ele realçou a transgressão das palavras e dos gestos em um contexto no qual todos infringem a lei e os ditames sociais:

Ela veio direto para a nossa mesa. Levantei-me para saber que seu nome era Clio Landers. Ela me deu um sorriso brilhante, uma mão forte e fina, e se sentou.

‘Ouvi dizer que você perdeu o emprego de novo, seu grande vagabundo,’ ela riu de Milk River. [...]

‘Se isso foi tudo que você ouviu, ainda estou bem à sua frente,’ Milk River sorriu de volta para ela. ‘Eu fui e consegui outro emprego - montando rebanho na lei e na ordem.’

Algo que poderia ser preocupação brilhou nos olhos escuros dela e desapareceu novamente.

‘É melhor você começar a procurar outro homem contratado agora mesmo,’ ela me aconselhou. ‘Ele nunca manteve um emprego por mais de alguns dias em sua vida.’<sup>234</sup>

Dessa forma, os escritores buscavam retratar os elementos complicados e fascinantes da cultura jovem, demonstrando faziam sentido em um mundo que justapunha a desilusão causada pela Primeira Guerra Mundial e a repressão da Lei Seca a promessas otimistas de um futuro moderno.<sup>235</sup> O conflito mundial se tornou um marco para evidenciar a fissura geracional através da qual a juventude era vista como foco de uma obsessão cultural intensa através do cinema e da propaganda; receptáculo de tudo que era novo, radical e moderno:

No aumento do abismo geracional que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, beber sob a Lei Seca preencheu um vácuo para eles, moldando uma

---

handled. All that afternoon we faced each other over the table in the center of the room, drank and entertained each other. HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 185-186.

<sup>234</sup> She came straight to our table. I stood up to learn her name was Clio Landers. [...] She gave me a flashing smile, a strong, thin hand, and sat down.

‘I hear you’ve lost your job again, you big bum,’ she laughed at Milk River. [...]

‘If that’s all you heard, I’m still ‘way ahead of you,’ Milk River grinned back at her. ‘I gone and got me another job – riding herd on law and order.’

Something that could have been worry flashed into her dark eyes, and out again.

‘You might just as well start looking for another hired man right away,’ she advised me. ‘He never kept a job longer than a few days in his life.’ HAMMETT, Dashiell. *Ibidem*. p. 282.

<sup>235</sup> DROWNE, Kathleen. *Ibidem*. p. 81-82

nova identidade em oposição aos valores mais rígidos que associavam a seus pais, cujas conquistas culminantes terminaram com a conflagração global da guerra mundial e a Lei Seca. Ao carregar um cantil de bolso ou frequentar um clube de jazz, os jovens se identificaram como parte de um conjunto elegante, moderno e sofisticado. [...] O status de proibição do álcool o imbuiu de um significado mais profundo e atraente. [...] A aventura arriscada de beber socialmente algo ilícito tornou-se uma fonte de status social na cultura jovem urbana e nos campi universitários.

Sair exigia não apenas desrespeitar a lei, mas também entrar em locais controlados por empreendedores criminosos, longe do olhar atento da vigilância estatal - e dos pais. Essa rebelião encorajou uma experimentação cultural de todos os tipos. As excursões sociais para beber durante a Lei Seca eram atrativas, sobretudo devido a um novo ethos de permissividade sexual para as mulheres jovens.<sup>236</sup>

Para McGirr, houve um terremoto cultural nos grandes centros urbanos com o jazz, novas formas de dança, de expressão e de representação literária. O que evidenciou uma cultura de massa baseada no consumo de filmes hollywoodianos e de bebidas alcoólicas e drogas. Segundo Clark, esse contexto de rebeldia estava relacionada ao fato dos

jovens de classe média nos Estados Unidos [...] rejeitarem as convenções sociais, ideais e valores dos mais velhos. Eles estavam, por boas razões, desencantados com o idealismo piedoso da era wilsoniana. Eles eram, como os jovens de qualquer geração, hipersensíveis às possibilidades de oportunidade e liberdade implícitas em uma nova tecnologia. Eles estavam moldando um novo estilo de vida, cujos símbolos enlouquecidos eram rádio, automóveis, anticoncepcionais, máquinas elétricas, mídia instantânea, uma literatura ousada, uma nova música e uma nova dança, talvez até uma nova percepção de como a qualidade de vida poderia se tornar. [...] O vidro levantado rejeitava qualquer autoridade superior ao prazer individual. E foi fácil. Se um jovem nos Estados Unidos optasse por transportar ou vender uma garrafa no banco de trás de seu automóvel, esse era um assunto em que os riscos eram muito superados pelas recompensas prometidas em prestígio e status.<sup>237</sup>

<sup>236</sup> Into the heightened generational gulf that followed World War I, drinking under national Prohibition filled a vacuum for them, shaping a new identity in opposition to the stricter values they associated with their parents, whose crowning achievements ended with the global conflagration of World War I and Prohibition. By carrying a hip flask or frequenting a jazz club, young women and men identified themselves as part of smart, modern, and sophisticated set. [...] Alcohol's forbidden status imbued it with deeper, more alluring meaning. [...] The risky adventure of illicit social drinking became a source of social status in urban youth culture and on college campuses.

Stepping out required not only flouting the law, it meant entering sites controlled by criminal entrepreneurs, away from watchful gaze of state surveillance – and of parents. Such rebellion encouraged cultural experimentation of all sorts. Social drinking excursions during Prohibition were alluring not least due to a new ethos of sexual permissiveness for young women. McGIRR, Lisa. *Ibidem*. p. 109.

<sup>237</sup> middle-class young people in the United States [...] were rejecting the social conventions, ideals, and values of their elders. They were for good reason disenchanted with the pious idealism of the Wilsonian era. They were, as are young people of any generation, hypersensitive to the possibilities of opportunity and freedom implicit in a new technology. They were fashioning a new lifestyle, the snarled symbols of which were radios, automobiles, contraceptives, electric machines, instantaneous news media, a bold literature, a new music and a new dance, perhaps even a new perception of what the quality of life might

Além de utilizarem de todo o fervor desses anos 20 em suas obras realistas, os escritores também faziam parte desse contexto cultural. Claro, de alguma forma privilegiados pelas suas posições de literatos, adotavam comportamentos condizentes com a juventude rebelde, afinal de contas eles eram tão jovens quanto. Ou seja, suas vivências, de alguma forma, também eram ficcionalizadas. Em suas idas e vindas entre São Francisco e Nova Iorque, cidade esta considerada o “centro da vida cultural, literária e editorial”<sup>238</sup> na época, Hammett, devidamente reconhecido como escritor de literatura policial, no início dos anos 30, frequentou festas regadas a muitas bebidas alcoólicas nas quais ele participou de uma rede de intelectuais, incluído William Faulkner com quem ele passou a ter um bom relacionamento, e de jovens escritores, Lillian Hellman como maior exemplo, a quem o escritor ajudaria na criação de peças e quem também se tornaria sua companheira. Redes estas, aliadas à fama de Hammett, o levaram a Hollywood onde, a partir de 1930, começou a escrever roteiros e adaptações de seus romances para o cinema.<sup>239</sup> Tal mudança fez com que ele abandonasse a escrita de romances e contos policiais. A vida frenética dos anos 20, perdurando enquanto a Lei Seca ainda vigorasse no início dos anos 30, exigia do escritor uma inconstância, uma busca contínua de novos ares. Segundo Johnson, o escritor “não poderia se dar ao luxo de uma vida comum. Tinha que ser perdido e louco – era o que ditava a moda mais elegante da época”<sup>240</sup>. Tinha que manter o estereótipo de ostentação condizente com a nova fase na vida: roteirista em Hollywood e melhor situação financeira. Essa busca de melhorar a situação financeira podia ser vista nos romances e contos policiais, através do papel central que o dinheiro representava nos enredos e o quanto ele também cativava a juventude na sua busca rebelde da liberdade.

---

become. [...] The raised glass rejected any authority higher than the individual pleasure. And it was easy. If a young person in the United States chose to transport or sell a bottle in the back seat of his automobile, this was a matter for which the risks were far outweighed by the promised rewards in prestige and status. CLARK, Norman H. *Ibidem*. p. 152.

<sup>238</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 96.

<sup>239</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 109-110.

<sup>240</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 98.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim, na construção dessa narrativa histórica, a escrita sobressalente de personagens tal qual as histórias aqui analisadas, sem afigurar, talvez, uma resolução clara para o seguinte caso: qual a conexão historiográfica que haveria entre a produção literária, a vida de Dashiell Hammett e o contexto social estadunidense da década de 1920?

Poderia se colocar a resposta como sendo interpretativa. Afinal de contas, ao se lidar com a literatura, seria a forma como ela se apresentaria, já que não haveria a menor hipótese de exigir dela uma “verdade”. Da história também não. Ambas se baseiam na interpretação. Dessa forma, a tese não foi elaborada com o intuito de destrinchar a sociedade diante da Lei Seca. E sim, como tal emenda constitucional impactou os habitantes das cidades da costa oeste nos contos policiais escritos por Dashiell Hammett entre os anos de 1924 e 1925.

Respondendo, em parte, à pergunta o escritor, assim, deu parâmetros de como interpretar esses dois anos em sua produção literária. No seu mundo ficcional, a solução dos crimes era irracional e violenta. O seu universo era mais cínico do que otimista e mais misantropo do que humanista. O detetive, portanto, funcionava como um agente da irracionalidade, exercendo uma justiça torpe quando ela havia, ou, como na maioria das vezes não havia, o banho de sangue se fazia necessário. Esse mundo era corrupto e irremediável, por onde a reconstrução de alguma racionalidade e da ordem burguesa só poderiam ocorrer através da corrupção e de medidas ilegais.<sup>241</sup>

A vivência do próprio escritor enquanto detetive direcionou a sua produção literária. O mundo violento e irracional era fruto, um tanto quanto exagerado, de como foi o trabalho de Hammett enquanto agente da Pinkerton. Mesmo que houvesse inconsistências, diante das crises de tuberculose que o acometia, sobre o que o escritor presenciou ou o que fez com que os leitores acreditassem que ele passou. Como visto, essas incongruências ajudaram na construção da sua carreira literária, pois, além de dar bastante subsídios para a elaboração das narrativas policiais, permitiram que ele inovasse as histórias de detetive, dotando-as de um realismo que ele não via nas histórias cerebrais de Artur Conan Doyle e Agatha Christie.

---

<sup>241</sup> ZUMOFF, J. A. “Tijuana the american town: images of the corrupt city in Hammett’s ‘The Golden Horseshoe’”. IN: *Clues – A Journal of Detection*, vol. 26, número 4, 2008, p. 37-39.

Sua principal criação, o detetive Continental Op, tornou-se, de alguma forma, seu alter ego ficcional. Por meio dele, o escritor introduzia a sua forma de interpretar a sociedade estadunidense durante a Lei Seca. Ou fazia os leitores acreditarem que era a sua forma de pensar, pois não se pode a “verdade” da produção literária. De todo modo, a dúvida sobre os acontecimentos retratados ficcionalmente e a vida do escritor são pertinentes. O que por si só não inviabiliza a pesquisa histórica. Dessa forma, o detetive Op, dentro de sua dureza e violência, pode ser visto como fruto de uma reação burguesa às mudanças que ocorreram nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX.

Desse modo, o detetive Op era reflexo dessa sociedade através de seus métodos peculiares: como uso do vigor físico ao invés a elucidação cerebral; da trapaça e do cinismo para obter informações e direcionar, narrativamente, a solução do caso; além de consumir bebidas alcólicas. Carregava um senso de justiça próprio que lhe permitia flunar entre o mundo da legalidade e o da ilegalidade. Afinal de contas, nessas narrativas denominadas *hard-boiled*, transgredir a lei e os costumes eram o padrão. No entanto, para evidenciar a corruptibilidade inerente à sociedade que fora retratada nos contos, mesmo com tais infrações não eram todos os infratores que eram presos. Para fidelizar os leitores, conferindo verossimilhança às narrativas, determinados crimes conferiam aos seus transgressores a prisão, como assassinatos, roubos de heranças e títulos de seguro e tráfico ilegal de mão de obra imigrante. A própria transgressão à Lei Seca não era suficiente para justificar uma prisão, pois nesses contos, não respeitar a emenda constitucional era uma regra, não exceção.

A solução dos casos era incompleta. Beirava à irracionalidade, pois o detetive, por meio de seus relatórios e da reconstrução posterior, em primeira pessoa, do caso, induzia à violência em confrontos finais entre gangues ou, após obter uma confissão do criminoso o levava ao cárcere por um crime que não estava relacionado ao caso pelo qual o agente fora contratado. Essa lógica maleável de resolução se coadunava com o seu sistema ambíguo de justiça. Ambiguidade essa que prefigurou uma crise do modelo burguês de sociedade.

Aliás, as narrativas analisadas destacaram um crescente colapso da respeitabilidade burguesa. Diante de uma urbanização e industrialização acentuadas no começo do século XX, que fortaleceram o capitalismo industrial, a pequena burguesia protestante, que buscou direcionar a manutenção de costumes de defesa de uma pretensa moralidade, não via outra alternativa diante de sua posição precária do que recorrer à

violência para manter sua racionalidade. A violência, mais do que a justiça ou a verdade, era o essencial da sociedade.<sup>242</sup>

Outro tema que o escritor descreveu em sua literatura policial foram as tensões sociais decorrentes da intensa urbanização e industrialização. O crescimento das cidades fez com que a separação das classes se tornasse primordial para a ordenação urbana. Tal territorialização engendrou concepções enviesadas sobre o outro. Nesse contexto em que a multidão tornava o indivíduo anônimo, o crime se sobressaiu. Junto a ele o estereótipo do criminoso adquiriu feições entre as classes sociais indesejadas. A identificação do assassino em meio à multidão se tornou um trabalho de alguém capaz de ler a cidade e interpretar as novas mudanças sensitivas decorrentes das intensas transformações propiciadas pela industrialização. O detetive, dessa forma, apareceu como alguém capaz de dar sentido, dentro do possível, a essa ambiência urbana.

No caso dos detetives criados por Hammett, além das características já analisadas, ele era um conhecedor nato do submundo do crime. Flanar entre os dois ambientes conferiu autenticidade a ele. Ainda mais que as cidades nos contos analisados eram descritas como personagens perpetradores do crime através de bairros étnicos receptadores de mão de obra imigrante ilegal; de disputas entre gangues por controles de determinados territórios; com bares clandestinos à beira de estradas e de via poeirentas ou mesmo rodovias utilizadas para fugas em carros conversíveis. O p deve conhecer todas as alternativas possíveis que as cidades ofereciam para poder conceber o plano que colocaria fim ao caso após muito suor, sangue e informações obtidas.

Nos contos o dinheiro eram outro personagem essencial para exemplificar a irracionalidade da sociedade. As relações entre os personagens eram estabelecidas através do fetiche do capital em uma época na qual os Estados Unidos, pós a Grande Guerra, estava se desenvolvendo industrialmente em uma dimensão que o alçou a um grau de potencial mundial. Dessa forma, o fascínio pelo dinheiro foi um elemento marcante dos *hard-boiled*. Tudo era monetizado e almejado. Os crimes eram motivados pelo enriquecimento. Assim, títulos, herança, cheques falsificados, tráfico de bebidas e de imigrantes ilegais eram uma forma de fazer parte dessa sociedade regida pelo capital. Na qual, segundo as narrativas policiais, qualquer um poderia ser subornado, inclusive policiais e o próprio detetive. A corruptibilidade era intrínseca à Lei Seca no *hard-boiled*.

---

<sup>242</sup> ZUMOFF, A. J. *Ibidem*, 2012, p. 92.

Além de alguns contos tratar sobre a imigração ilegal, notou-se, também, que a primeira suspeita dos crimes era depositada em cima dos estrangeiros. E a própria suspeita inicial era refutada no decorrer da narrativa. Havia, de fato, criminosos de outros países tanto quanto estadunidenses. A perseguição e o preconceito aos imigrantes reforçaram, assim, o imaginário estereotipado de um modelo estadunidense de sociedade pautado no protestantismo e na raça branca.

Esse modelo também destacou o papel das mulheres como defensoras da família. Elas, através principalmente da organização *Woman's Christian Temperance Union*, obtiveram o direito ao voto e, dessa forma, fecharam um amplo apoio à 18ª Emenda Consitucional. Nos contos de Hammett apareceu as mulheres “respeitáveis”, defensoras da moralidade, no entanto, o detetive Op não lhes davam muita atenção, com o seu cinismo chegou a debochar delas inúmeras vezes. Ele preferia lidar com mulheres que praticavam transgressões.

Dentro desse mundo controverso, conversar com quem não seguisse as condutas esperadas pela sociedade, como ele também fazia, era-lhe mais desejável e natural. Assim, as mulheres nos *hard-boiled* eram ambíguas, pois poderiam tanto auxiliar o agente quanto os criminosos. Seguiam, assim, um comportamento próprio através do qual almejavam se safar das investigações. Elas detinham o controle de sua narrativa quando interpeladas pelo detetive. E, também, de seus corpos em prostíbulos à beira de estradas. Assim, a representação das mulheres nas narrativas de Hammett dialogava com a busca por maior liberdade delas nesse contexto histórico. Além de enfatizar um confronto geracional entre os mais velhos e os mais jovens. Pois, a Lei Seca propiciou o questionamento das camadas urbanas mais esclarecidas à moralidade imposta pela mentalidade conservadora, vista como retrógrada. Consumir bebidas alcoólicas e outras drogas entre os jovens, inclusive as mulheres; ir a festas nas quais o jazz se tornou o principalmente estilo musical de contestação e, por meio disso, novas formas de dançar foram concebidas; consumir produtos criados pela incipiente indústria cultural de massa, propagandeados por Holywood; tudo isso acabou por ser uma forma de rebeldia e uma autoafirmação da juventude. E também da intelectualidade, pois os escritores não foram refratários a este ambiente efervescente, experimentando-o ao extremo.

Portanto, o contexto histórico dessa época foi reconstituído e analisado segundo o que Hammett iluminou das ruas poeirentas e parcamente iluminadas das cidades corruptas em suas obras. Além da sua própria experiência enquanto detetive. Em meio às poças de sangue, ao comportamento rebelde dos jovens e à bebedeira ininterrupta, o *hard-*

*boiled* descortinou um mundo cinzento. Também nuançada se mostrou a relação entre ficção e história.

## ANEXO

Abaixo os vinte e oito relatos relacionados à vivência de Hammett como detetive da Agência Pinkerton publicados na revista *Smart Set*, em 1923:

1. Querendo obter algumas informações dos membros da W.C.T.U. numa cidade do Oregon, apresentei-me como secretário da Liga Cívica pela Castidade, da cidade de Butte. Uma senhora leu para mim um longo discurso sobre os efeitos eróticos dos cigarros nas mocinhas. Experiências ulteriores provaram que essa informação não tinha qualquer valor.

2. Um homem que eu estava seguindo saiu da cidade para um passeio a pé pelo campo, numa tarde de domingo, e se perdeu. Tive de mostrar-lhe o caminho de volta.

3. Roubar casas talvez seja o negócio mais mal pago do mundo, nunca conheci ninguém que ganhasse a vida fazendo isso. Poucos criminosos, de qualquer classe social, conseguem se manter com esse negócio, a menos que trabalhem de verdade de vez em quando. A maioria vive às custas de suas mulheres.

4. Conheço um detetive que teve a carteira roubada enquanto procurava batedores de carteiras no hipódromo de Havre de Grace, Mais tarde ele se tornou funcionário de uma agência do Leste.

5. Fui confundido três vezes com um fiscal da Lei Seca, mas nunca tive problemas para me inocentar.

6. Certa noite, ao levar um prisioneiro que se encontrava num rancho perto de Gilt Edge, estado de Montana, para Lewinston, meu carro quebrou e tivemos de ficar nele até o dia amanhecer. O prisioneiro, que afirmava inocência, usava apenas um macacão e camisa. Depois de tremer a noite toda no banco da frente, seu moral estava baixo e não tive dificuldades para conseguir uma confissão completa na manhã seguinte enquanto andávamos até o rancho mais próximo.

7. Entre os homens que conheci que deram desfalques em seus patrões, não consigo me lembrar de meia dúzia que fumasse, bebesse ou tivesse qualquer um dos vícios que tanto interessam às empresas fiadoras.

8. Certa ocasião fui falsamente acusado de perjúrio e tive que perjurar para escapar à prisão.

9. Uma vez um funcionário de uma agência em São Francisco substituiu ‘verídico’ por ‘voraz’ num de meus relatórios, sob o pretexto de que o cliente poderia não entender

o primeiro termo. Alguns dias mais tarde, em outro relatório, ‘simular’ tornou-se ‘apressar’ pelo mesmo motivo.

10. De todas as nacionalidades que já foram levadas aos tribunais, os gregos são os que menos pegam condenação. Eles simplesmente negam tudo, não importando quão irrefutável seja a prova. E nada impressiona tanto um júri quanto uma simples declaração de fato, independente da improbabilidade inerente ao fato ou de um absurdo óbvio diante de uma esmagadora evidência contrária.

11. Conheço um homem que falsifica qualquer impressão digital do mundo por 50 dólares.

12. Nunca conheci um criminoso profissional capaz de transformar um excelente trabalho em comércio, profissão ou arte.

13. Conheço um detetive que, certa vez, tentou se disfarçar tanto que o primeiro policial que encontrou levou-o preso.

14. Conheço um delegado em Montana que, ao se aproximar da cabana de um colono para quem levava um mandado de prisão, encontrou-o com um rifle nas mãos. O delegado sacou seu revólver e tentou atirar por cima da cabeça do colono, para assustá-lo. A distância era grande e ventava muito. A bala arrancou o rifle das mãos do colono. Com o passar do tempo, o delegado aceitou como verdadeira a reputação de excelente atirador que esse incidente lhe deu, e não só deixou que seus amigos o inscrevessem num concurso de tiro como também apostou tudo o que tinha na própria habilidade. Quando o concurso foi realizado, ele não acertou nenhum dos seis tiros no alvo.

15. Certa vez, em Seattle, a mulher de um vigarista foragido ofereceu-me a fotografia do marido por 15 dólares. Não comprei porque sabia onde poderia conseguir uma de graça.

16. Recebi certa vez, de uma mulher, a incumbência de despejar um zelador.

17. A gíria usada entre criminosos é, na maioria das vezes, algo afetado, artificial, criado mais para confundir os intrusos do que para qualquer outra finalidade. Mas às vezes consegue ser notavelmente expressiva. Por exemplo: *duplo perdedor* quer dizer alguém que foi preso duas vezes; a mais antiga, *ir aprender a ler e a escrever* significa achar aconselhável desaparecer por uns tempos.

18. Bater carteiras é a atividade criminosa mais fácil de aprender. Qualquer pessoa que não seja aleijada pode tornar-se perita num dia.

19. Em 1917, em Washington, D.C., encontrei uma moça que não comentou que meu trabalho deveria ser muito interessante.

20. Mesmo quando um criminoso não tenta apagar as impressões digitais, deixando-as por toda a cena do crime, as chances de encontrar alguma nítida o bastante para ter qualquer valor são de uma para dez.

21. O chefe da polícia de uma cidade do sul, certa vez, me forneceu uma descrição completa de um homem, incluindo um sinal congênito no pescoço, mas esqueceu-se de dizer que o sujeito tinha apenas um braço.

22. Conheço um falsário que abandonou a mulher porque ela havia aprendido a fumar enquanto ele cumpria pena.

23. Nas afeições da imprensa diária, *Raffles* perde apenas para *Dr. Jekyll* e *Sr. Hyde*. A expressão ‘ladrão cavalheiro’ é usada à menor provocação. Um retrato dos nobres senhores a quem os jornais concederam esse título mostraria um apreciador de láudano, com uma enorme ferradura de diamantes falso rebrilhando no peito manchado, na camisa com gravata borboleta, olhando de soslaio para a vítima e dizendo: ‘Ora, num fica assim, dona, eu num vô acertá a sua cachola. Num sô um casca-grossa!’

24. O detetive mais inteligente e bem-sucedido que conheço é totalmente míope.

25. Quando se sai das cidades grandes em direção às comunidades rurais mais afastadas, descobrem-se uma porcentagem cada vez menor de crimes relacionados a dinheiro e um aumento inversamente proporcional na frequência de crimes causados por sexo.

26. Quando tentava espionar no andar de cima de um hotel de beira de estada no norte da Califórnia – e o homem que eu procurava estava em Seattle na ocasião –, uma parte da varanda desabou e eu caí, torcendo o tornozelo. O dono do hotel me deu água para lavar a perna.

27. A principal diferença entre o problema tremendamente complicado com o qual se defronta o detetive da ficção e aquele que é enfrentado pelo detetive real é que, no primeiro caso, geralmente há escassez de provas, ao passo que, no segundo, elas existem em quantidade excessiva.

28. Conheço um homem que certa vez roubou uma roda-gigante.

29. O fato de um fora da lei ser, cedo ou tarde, invariavelmente preso, talvez seja o mito menos contestado. Mesmo assim os arquivos de todos os escritórios de detetives estão repletos de relatórios sobre casos não resolvidos e criminosos que não foram pegos”.<sup>243</sup>

---

<sup>243</sup> JOHNSON, Diane. *Ibidem*. p. 62-65.

**BIBLIOGRAFIA**

- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BRESCIANI, Maria Stella. “A cidade das multidões, a cidade aterrorizada”, *In: Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994
- BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)” *In: Cultura & Cidades. Revista Brasileira de História* 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985
- BUCCOLI, Mathew J. e LAYMAN, Richard (orgs.). *Hardboiled mystery writers: Raymond Chandler, Dashiell Hammett, Ross Macdonald – a literary reference*. Nova York: Carrol & Graf Publishers, 1989
- CHANDLER, Raymond. *A simples arte de matar – volume 1*. Porto Alegre: L&PM, 2009
- CHEN, Yong. *Chinese San Francisco, 1850-1943: A Trans-Pacific Community*. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- CLARK, Norman H. *Deliver us from evil*. W.W. Norton & Company: New York. 1976
- DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- DAVIS, Mike. *Cidade de Quartzos: escavando o futuro de Los Angeles*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009
- DEVERELL, William. *A Companion to American West*. Blackwell Publishing: Malden, 2004
- DROWNE, Kathleen. *Spirits of defiance: national prohibition and jazz age literature, 1920 – 1933*. Columbus: Ohio State University, 2005

FIELDER, Leslie. *Love and death in american novel*. Urbana: Dalkey Archive Press, 2008

FREDRIGO, Fabiana de Souza. "O ato autobiográfico: Francisco de Paula Santander em combate com Simón Bolívar." *In: Anais do 9º Encontro Internacional da ANPHLAC*, UFG, 2010

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

HAINING, Peter. *The Classic Era of American Pulp Magazines*. Chicago: Chicago Review Press, 2001

HAMMETT, Dashiell. *The big book of the Continental Op*. New York: Vintage Crime/Black Lizard, 2017

HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

HEMINGWAY, Ernest. *Contos - Volume 2*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992

JOHNSON, Diane. *Dashiell Hammett. Uma Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: História de um imaginário*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017

\_\_\_\_\_. *A tinta e o sangue: Narrativas sobre crime e sociedade na Belle Époque*. São Paulo, Editora Unesp, 2019

LACAPRA, Dominick. *History and Criticism*. Ithaca: Cornell University Press, 1985

LAYMAN, Richard. *Shadow Man: the life of Dashiell Hammett*. Nova York: Manly, 1981

LAYMAN, Richard e RIVETT, Julie M. *Selected letters of Dashiell Hammett*. Washington: Counterpoint, 2001

LEVINE, Harry G. "The birth of american alcohol control: prohibition, the power elite and the problem of lawlessness" *In: Contemporary drug problems*, Spring, 1985

MATTOS, Marcelo Badaró. "A classe trabalhadora: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. *In: Revista Outubro*, n.21, setembro de 2013

McCANN, Sean. *Gumshoe America: hard-boiled crime fiction and the rise and fall of New Deal Liberalism*. Duke University Press Books, 2000.

McGIRR, Lisa. *The war on alcohol – Prohibition and the rise of the american state*. W. W. Norton & Company: New York, 2016

MORONE, James A. *Hellfire nation: the politics of sin in American history*. Yale University Press: New Haven & London, 2003

NAXARA, Márcia Regina Capelari. "Historiadores e texto literário." *IN: História: Questões & debates*, n. 44. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

NGAI, Mae. "A Estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965." *In: Revista Tempo*, v. 13, julho de 2008

NISSI, Maria C. *Silent cowboys and verbose detectives masculinity as rhetoric in Wister, Hammett and Chandler*. Montana: VDM Verlag, 2007

PALMER, Bryan D. *Descent into discourse: the reification of language and the writing of social history*. Philadelphia: Temple University Press, 1990

\_\_\_\_\_. *Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression*. New York: Monthly Review Press, 2000

PECHMAN, Robert M. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 1994

\_\_\_\_\_. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

PINTO, Júlio Pimentel. *A pista e a razão. Leituras da ficção policial na história*. Tese de livre-docência, Dpto História/FFLCH/USP, 2010

\_\_\_\_\_. “Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura.”

In: Tempo [online], 2020, vol.26, n.1.

POTTER, Claire Bond. *War on crime: bandits, g-men, and the politics of mass culture*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998

SEVCENKO, Nicolau. “Metrópole: matriz da lírica moderna.” In: *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

SILVA, Michelly Cristina da. *Um lugar chamado pesadelo, trauma e obsessão no Quarteto de Los Angeles, de James Ellroy*. Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História - USP - Universidade de São Paulo, 2020

SLOTKIN, Richard. *Gunfighter nation: the myth of the frontier in twentieth-century America*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998

TODOROV, Tzvetan. “Tipologia do romance policial” In: *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

VELHO, Otavio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994

YUNG, Judy. *Unbound Feet: A Social History of Chinese Women in San Francisco*. Berkeley: University of California Press, 1995.

ZUMOFF, J. A. "Tijuana the american town: images of the corrupt city in Hammett's 'The Golden Horseshoe'". *In: Clues – A Journal of Detection*, 2008, vol. 26, n. 4

\_\_\_\_\_. "Politics and the 1920s writings of Dashiell Hammett." *In: American Studies* [online], 2012, vol. 52, n.1